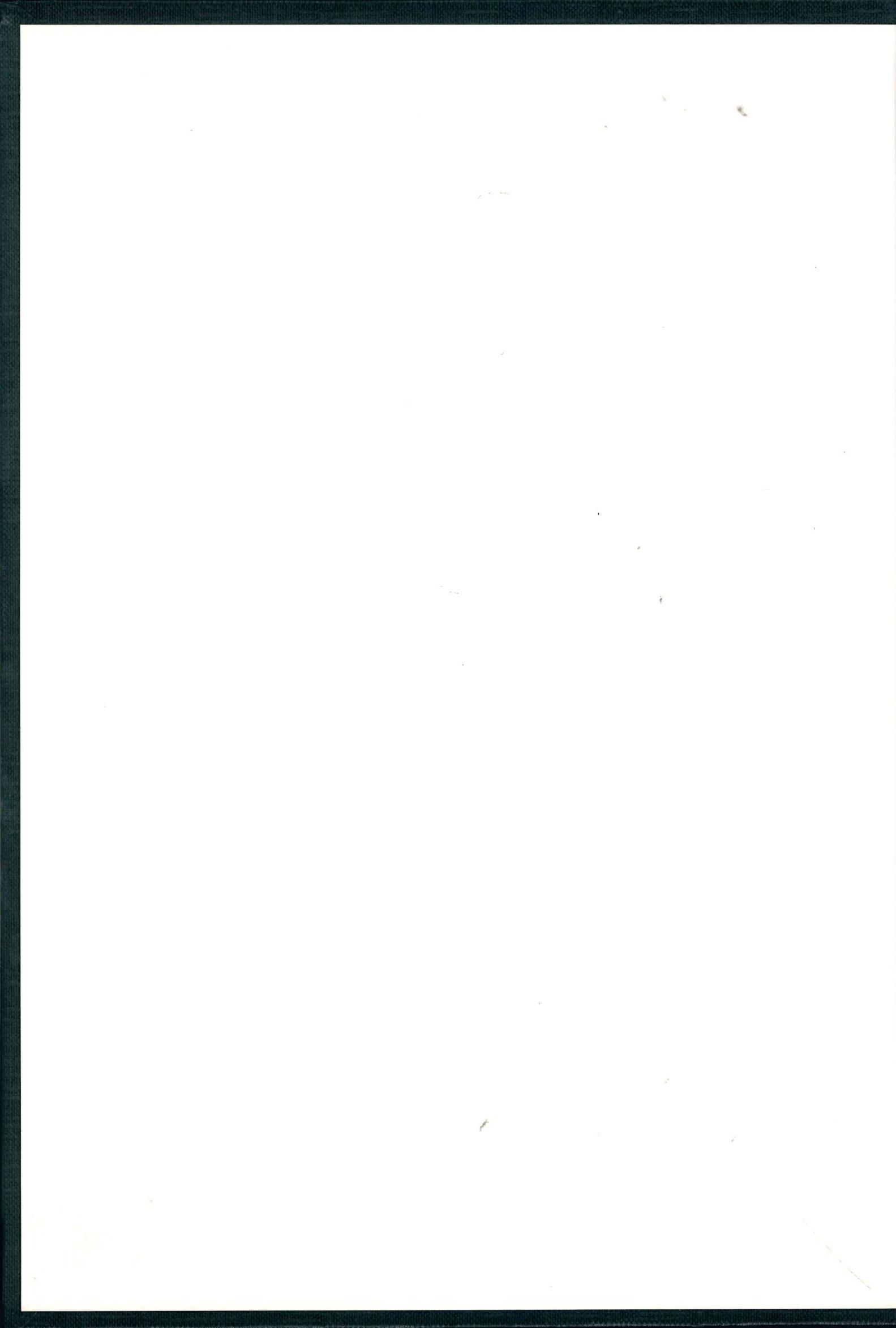




2)(046)



Volume Sexto
(II. m 6º)

A AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNALS REGIONAIS
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÉ CARTA)

D TEMPO:;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNALS):
NA BIBLIOTECA DÀ C.M:de BARCELOS

N ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/
H QUE DATA/_FOLHA/_OBSEVAÇÕES
ÍNDICE::::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÈTICO

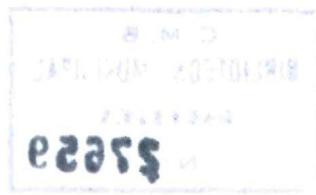
A TÍTULO DA COLEÇÃO:

- A N D O R I N H A -



LISBOA.....1996

Barcelos
Port.



FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA
JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA q. aconteça... leitor do
385 58 55 q. segue (mutatis mutandis)

A quem aconteça

vir a ser leitor dos artigos que
seguem: foram todos publicados no jornal
barcelense A Voz do Minho; são de
texto menos pesado que o da Monografia
de Galegos. Reuni esses artigos porque
a Monografia se esgotou. As pessoas de
Galegos não puderam entender bem a
Monografia (é uma sopa com muita "sus-
tância" que poucos "stâmagos" suportaram), mas entenderam bem estes artigos.
Exigem os artigos menos de mim do que
a idealizada nova Monografia que me
PROPUSEARAM FIZESSE (a máquina, hoje, es-
tá a pregar-me partidas). Também os
artigos saíram com gralhas, mas não é
preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o se-
guinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro - 1967 Ou
1966, 1 Colecção de Pontos de Exame-
A Minhaa Sexta Classe. Língua Pátria.
Uns 10 anos depois, um Guia do Si-
nistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos,
que, de 160 fui apertando e ficou com
32 páginas apenas. Alguns artigos de Di-
reito, nem todos com Separatas. De 71 a
96 publiquei mais que mil artigos em
vários jornais de terras como estas:
Viana, Viláverde, Braga, Barcelos, Sertã,
T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em
menor escala e menos valia que os tra-
balhos do ex-condiscípulo e amigo,
Silva Araújo. Mas também já o compen-
saram: tem seu nome gravado na Gr. En-
ciclop. Port. e Bras. Parabéns.

Em 1967 foi um texto de suas 90 pgs que me atrevi a fazer circular pelos então meus alunos, mais de 400. Matéria bem difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve aplausos, mas de sacerdotes não se lembra de os ter tido, sinal evidente de que lhos não mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se distrai a ler alguma daquelas 90 folhas que já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário de Galegos (de Coisas e pessoas de...); e portanto autonomizou umas folhas para Santo Amaro; e quanto aos Azevedos; e meteu-se também nuns Estudos sobre o Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal artigos fez estes ou aqueles recortes que colou sobre folhas A4, e destas, construiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada um. O trabalho que isso deu nem digo nem o conto. Perguntam-me quando publico. Mas não tenho intenção de publicar nem sequer os Estudos acerca do Tombo. Falta um Latim (Exerc.c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1º a Deus. Depois, a minha Mulher e aos meus Filhos, a meus Pais, em Galegos e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.
e 20.3.97

Colecçãp Andorinha		Lista dos artigos do volume VI= 6				
Nº	Título do art	Jornal	Data	folhas	Observações	Margem
1	Bom mandador	Not.Fam	16.11.73	1,2	dito do tio Zé	
2	Párocos q fo ram cónegos	6.1.74 Vilaverdense			Visitadores aparecem em Gal	1663/1841
3	D to Pen Trâba lho	Badaladas	9.3.74	3	Torres Vedras	
4	Q.é dos cam pos de férias n.	MiCávado	16.2.74	3		1/2
5	Visão dos tempos	N Fam	24 10 75	4		
6	Dos f n.r Hist	Sertã	1175	5	S T Morus	
6	Rev e Dto	CV	221175	6	dto ,enxurrada	
7	ap to breve	Voz M	291175	7	contra Cruz Malpique	
8	Coisas..Min como grupo	V.do Minho	24176	7	ORI Rib=Altitude emG H.30	
9	Voltar à Casa do pai	C ST	3176	8	Emigrantes	
10	Notas de Viag	Not Fam	16176	9	quando fui julgar a Faro	
11	Coisas Gr.ARC	VM	13376		O Cón Vaz queixou-se	
12	EdiÇ de liv. d. e 1500			10	a Nova Barc Revista	
13	Sentido da Hist	CV	25376	11	Elogiam os Árabes	
14	Barcelos em 1220=Dómín	VM	201176			
15	Barc há 750 anos	VM	251276	12	Da terra:ig ,conv ...	
16	A Eur.acabou?	VM	13877	13	1220]inqetc.Gal Cacav	
17	Notas soltas	CV	21476	14	- - - .	
18	Coisas			14, 15	só parte	
19	Cart ao Dir.	Badal.	24377	15	D. Rafaal, estátua arred.	
20	Hist Barc	Barc	27578	16	O ruir do padroado	
21	Sti Ant e n tem po Barc		2.679	17	I,II,III,	
			26579	17	IV, V	
22	Desc de Casal					
de Manhente		Barc	3678	18	terrás sitas em Roriz	
24	Um Pár de Alh:	Barc	22778	19	foi o tio bisavô	
1873	=v n 33					
25	Cent Fil Arist	Barc	30978	20		
26	Sartre	Bad	2.5.80-pg	13	ou 1 em c Sar e outro em	
27	Papa Pai.Africa	C Sar	16580	21	J Barc?	
28	Barc eFil	V M	10181	22		
29	A Mulher v.p.H.C.Sar		23181	23		
30	Coisas ...	V M	8582	24	on Mis quizes muias	
31	p Hist B. Diario ab Gal 1870	J Barc	18282	25, 26 v nº 18		
32	Sobre se a missa barc vem do tempo de S Pedro	Barc	16182	27	Em div lados chamei a es te texto "Agenda do abade"	
33A	Pr das aulas				tese de A Luís Vaz	
de Filos.		Barc	191281	28		
34	H da Filos.	N Fam	251281	29	Resp C gomes	
35	Barc e C Hist	VM	241081	30	só parte	
36	Mon de Freixo	C Sar	231081	31	Temas Barc e bihling	
36	Exec Marq de P	Barc	12981	32		
37	S Sav d Campo n Lit	VM	19981	33		
38	Recortes e Coment	CSr.7881		34	É DIVINO,não São.	
39	Perdase gan em p	J Barc	16781	35		
40	Conta la..tric	Barc	27282	36		
41	P hist barc	J Barc	10682	37	tric= tric tesoura?	
42	em h d s João	Barc	19682	38		
43	Bodas de Ourón	N Fam	1X82	39	como se matou conf.	
44	Passos em Barc	V m	6283	40	Ant e Teresa	
				41	Cristo	
				42		
				43		
				44		

45	Sua Santidade Barcelense	2.483	46	a vinda do Papa disseram-lhe ad.
46	Convers. ^s com os leit C Sr	231283	47	Alvaães
47	P hist Barc Barc	3.5 84	48	Suevos
48	Coisas V M	101283	49	
49	Tomando piao Mi ^l ho CV	20282	50,51	
50	O 29 de Junho J Barc	26686	52	
51	P a f de S J.o Bapt Barc	28686	53	
52	O NAT ^o AS CIENC, O POVO			
53	ALTOS E Baix no MI Barc	28287	54	
54	Valores da nTer Villaverd	30687	55	P Avelino
55	Rot d a igr do Terço V M	15 887		
56	Coisas VM	261287	57	
57	" VM	27593	58	
58	Notas Breves J Barc	251193		

✓ 27.6.86



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência
BPB-117/96

Data

Assunto

30 OUT 1996

021642

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da coleção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de coleções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

COLEÇÃO ANDORINHA
DO VOLUME VI

ÍNDICE TEMÁTICO:::::ÍNDICE B

a
Anais-pár.cónego 6.2
Atiães-idem
Abaixo o Padroado de
Quirás 6.16
António.Santo 6.17
Alheira: seu abade era de Gale-
gos - 1870 6.19
Aristóteles-+100 anos 6.20
Agostinho da Coelha 6.39
d
Direito Penal do Trabalho 6.3
Direito põe revolta em lei 6.6
Da Hist q.foi à q.virá a ser 6.11
Dizem eles,dizem elas 6.24
Guide 6.7
Africas-Papa lá 6.22

b
Barcelos-Revista 6.10
Barcelos.1220-6.12 e 13
Barcelenses e Filotes 6.1 e 2
sofia 6.23 e 29 e 31
Bovaries Lusas 6.25
c
Capataz
versus operan
lónegosmeros
párocos 6.2
Convento de
Barc-Hist-Doc 6.40
Manhente 6.18
Cón.Vaz-missa
de Pedro e Pau-
e
Emigrante está mal 6.8
férias-campos
de 6.3
Facsimilam li-
vros de 1500 6.10
Freixo-monog-
i 6.34
Henrique VIII pri-
meiro ministro no
altar 6.5
Hora de Sartre 6.21
Hab.de Barc-sobe e
desce 6.38

j
Joaquim,abade de Galego 6.32

l
bit.de Viagens 6.9
Leu o P.Carvalho e Moscovo rebai
o ab.do Louro 6.27
Literatura-Salv. do ropa 6.14
cAMPO 6.36
1EITURAS DE MISSOES 6.35
-elas 72% e eles 27% de S João 6.42
6.37(não iguais)

m
Minhoto não
grupos 6.7
xa a outra Eu-
ropa 6.14
Marquês,mau 6.35
Mataram a conf.
6.42

n	o	p
Nascidos em 33-reu-	Oferta de obras	Uns Passos,ano a ano
nem no Eirofo	Garibaldi 6.47	6.44
Natal-nada lhe deram		Gal.não se mexeu com seus
as Ciéncias 6.53		Passos 6.45
N.S.J.Cristo-seus caracteres	6.45	Papa]de Lx volta a Roma
Números cat.Zaire 43%		6.46
é o maior em África		Paróqias de Suevos 6,48
6.22		Pulso do Minho 6.50
	r	
Querem ser Jeová?	Reitor de Alvarães	
6.54	atento às Missões 6.47	
	Eles e elas de Há 40 Anos	
	6.49	SÃO PEDRO á a 29 de Junho
	Róteiros]ig.do Tér6o50ão, o que foi Baptista	
	6.56	6.53
	Remelhe-Fera GoméssPedro de Alvito-monog.	6.59
t	e a Res barcelense	
Tombo de gal 6.41	u 6.59	Shalom-grupo a q.pertence
Tesouros--das Selecções 6.42		um jovem padre de Gal.6.54
Teresa e antº bodes	UMA roda,só,não anda(cai)	6.43
de Ouro 6.43		v
(os) de 33 em festa	6.57	Valores em Barc 6.55
Tric-Tric em Galego	Um homem bom	Vultos de Gal 6.56
gos 6.39		Ívida e Morte 6.57
Teorias de Arist.		Violanta,em Gal 6.56
-6.20		
X.....		

Lx ,Mar/97



19 96

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS
CÓDIGO POSTAL 4750

Exmº Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Ilustre Juiz de Direito Jubilado
R. D. Carlos Mascarenhas, 70 - 2º Esqº
1070 Lisboa

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

DATA 9-07-96

Oj.º N.º
Proc.º 3646

ASSUNTO:

Acusar a recepção e agradecimento

Tenho a honra de acusar a recepção dos livros :

- Galegos, Santa Maria, 1976; Guia do Sinistrado do Trabalho, 1976; Latim - Exercícios para o 6º Ano, 7º e Aptidão, 1967; Disciplina de Religião e Moral (Apontamentos para uso dos alunos), 1967; Subsídios para a História de Galegos , 2 cadernos com recortes dos artigos publicados no semanário "A Voz do Minho", 1971- 1974, que V. Excia teve a gentileza de oferecer a esta Biblioteca Municipal, o que muito agradeço.

Tais livros, dado que se trata de um autor natural de Barcelos, irão integrar e enriquecer o património bibliográfico da "Barceliana".

De momento não é possível fornecer-lhe a notação de tais obras, mas irão ser classificadas dentro das monografias, direito e religião cristã.

Felicitando V. Excia pela trabalho desenvolvido em prol de Barcelos e da freguesia de Galegos Santa Maria, subscrecio-me com elevada consideração e estima.

Com os melhores cumprimentos

O Bibliotecário Municipal
(Victor Manuel Martins Pinho da Silva, Dr.)



Mais vale um bom mandador...

~~Era só querer~~

Ainda eu era um miúdo e ouvia um tio ensinar: — mais vale um bom mandador que um bom trabalhador.

A) Visecas

E não vou agora provar que o adágio está certo ou errado. O que vi foi que muitos não passavam de «obreiros» que para orientar um trabalho e planejar o que há-de ser feito amanhã não tem «queda» nenhuma. Outros, pelo contrário, para trabalhar horas seguidas não tem jeito nem gosto: o gosto deles é

Mais vale um

Continuação da 1.ª página

não significa autoridade para mandar — ou não devia significar.

É aqui que as «estruturas» (hábitos, etc.) tem de ser alteradas para maior bem de todos.

oficiais - batalha
Seja como for, isto de mandar é muito espinhoso. A não ser que tanto «monte» mandar bem ou mandar mal.

Um caso.

Ali perto de Leiria há um proprietário de pomares com diversos trabalhadores diários. Deu-lhe a veneta e foi-se para França trabalhar. Um escândalo! Para quê? Não precisava daquilo, diziam. E as propriedades, quem cuida delas? — Ah, disso não tenhas pena. Nunca os pomares estiveram melhores que este ano; ele não sabia mandar, mas os trabalhadores dele sabem!...

Este devia ser proibido

ver outros a trabalhar, dizer como hão-de fazer, o que fazem hoje e o que vão fazer amanhã, etc.

«Cada um é pró que nasce», diz o povo. Hoje, uns nasceram para mandar e outros para obedecer ou ser mandados.

* * *

Líder - Confusão

Um dia percorria eu a Rua do Souto em Braga e vi que nela desfilava uma centena de miúdos, escuteiros ou da mocidade. A certa altura, um dos desfilantes, dos mais miúdos, saltia à frente, faz um gesto e toda aquela gente parou!

Como é possível a um petiz fazer-se obedecer assim? Mas fez e o resto é conversa. O miúdo tinha decerto — e era reconhecido — qualidades de comando, de líder. É daquela massa que se fazem chefes.

Ninguém reparou em casos destes? Há-os a cada passo.

14.XI.73

* * *

outro - Sisalha

pequeno foi à oficina pai. Viu lá um homem e nada fazia, só Visto «isto» diz que eu quero, ande, é ser entendo.

mandar, mando.
— E as mulheres? Ai, está a Princesa Ana a escolher fórmula de casamento que a vincula a obedecer ao marido.

por Firmeza

tendeu. Quem ia no carro era o Vítor, chefe da oficina mecânica. Tudo esclarecido: o miúdo o que queria ser era «comandante» chefe. De facto tem jeito para mandar e o pior é que não suporta — ou só forçado — obedecer.

Será que só quer ser «mestre» o que é também preguiçoso e por o ser?

Penso que não. Até há pessoas colocadas em lugares de comando para quem dar uma ordem custa os olhos da cara. Detestam. E os de baixo censuram-nos: — se fosse eu o chefe!...

Conclusões:

1.ª — Por razões diversas, metade do mundo faz o que não gosta de fazer: gosta mais de ter de fazer as tarefas da outra metade;

2.ª — Mas — num País como o nosso — nem sempre mandam os que devem (apesar do rifão: «manda quem pode, obedece quem deve»);

3.ª — E não mandam os que «devem», porque mandar é só dos que «podem» — poder económico, social, etc. — o que é contrário à boa ordem de organização de uma sociedade: poder

Continua na 4.ª página

Fin de Página

四

bom mandad

N.º 3.º. 16 XI 173 (73)

ceus de Braga espalhavam entre outros panfletos incitando-os a desobedecerem aos pais... os pais minhotos — que não só os de outras bandas — estão fríos.

Cueleiros

Porque é que não posso sair só à noite? Porque é que... filhos criados, trabalhos dobrados.

Ora bem: ninguém com juízo vai supor que aos 21 anos os filhos adqurem poder e saber de se auto-formarem, tudo de uma vez e num só momento. Há que ir-lhes abrindo, pouco a pouco, a mão. Já que Fai impertinente...», etc.

Conclusae: os ensinamentos de há 10 anos já não servem e os de agora não bastam porque os «astros» e as coisas alteraram-se mais depressa do que as ideias de muita gente. Mesmo nova. A educação é para amanhã. O drama está em que... como vão ser as coisas daqui a 10 anos?

Digam os sábios em vez de encherem o jornal com analidades.

Francisco Almeida

Párocos que foram cónegos e visitadores

cabido rebele 949
vila verde 6. I. 24 - 7 5/8
por Francisco de Almeida

Desde 1663 a 1841 visitaram, em inspecção, a freguesia de Galegos (Santa Maria) — que foi das antigas Terra e concelho de Prado — diversos cónegos da Sé primaz, dois relacionados com Vila-Verde e diversos com outras freguesias. Vejamos:

Dr. João Pinheiro Leite, visitador da terra de «Entre Homem e Cávado e Valle de Tameira» — como todos os outros — em 1774. Declara-se abade de S. Cristóvão do Pico e de S. Tiago de Atiães e ainda de S. Mamede de Escariz. Decerto que trabalhava em Braga e tinha nas ditas paróquias seu cura.

Dr. António Moreira da Cruz, visitador em 1788 ou 14 anos após o Dr. Leite. Ora nesta data de 1788 já o Dr. Leite teria falecido ou não para outras paróquias, por quanto é o Dr. Cruz que é abade das 3 freguesias acima referidas :Pico, Aliães e Escariz.

Isto não se deu apenas em Vila Verde:

Também Barcelos teve 2 párocos, cónegos e visitadores, em S. Julião da Silva, de nomes Lázaro S. Barbosa e Dr. Custódio Velho nos anos de 1683 e 1722.

Também as freguesias de Anais e Vilaca (Braga?) tiveram seu cónego em 1686, de nome Sebastião B. de Almeida; e Rio Caldo (S. João) teve-os

E Telhado (Famalicão) em 1831, chamado João J. A. Leão, de duas ordens: a de Cristo e da Conceição.

E até Seixas (Caminha?), em 1716 teve o cónego Baltazar A. Sousa.

Quer-me parecer que de uma lista de visitadores, a sair, possivelmente, na revista do Distrito de Braga, bastantes foram nascidos nos actuais concelhos de Barcelos e de Villa-Verde.

Seria algo de interesse como achega para as histórias das nossas freguesias, por sinal lamentavelmente desonradas.

E se de pão vive o homem, nem só todavia, dele vive.

também em 1705 e 1725, de nomes Jácome Villas Boas Canrado (?) e Bernardo M. do Couto.

Salvador de Figueiredo (Amares) teve-os em 1729 e chamados Gonçalo (?) António de Sousa Lobo e António Xavier Rebelo.

Do mesmo modo, Celeirós e Silvares (Fafe?) em 1735 e 1759, chamados Carlos M. Azevedo e Dr. José P. de Matos. Ainda outro de Gleiros, em 1815: Bento J. S. Canezão e outro de Silvares, de nome Dr. Jancinto José Veloso, em 1791.

E S. Pedro do Couto (Cambezás, Braga?) em 1806, chamado João C. S. Albergaria, confessor real, (como confessor real foi outro cónego de Braga, em 1732, de nome Simão Pacheco).



Algumas notas sobre o

Direito Penal do Trabalho

Brasileiros, T. V. de 9/3/74 (substantivo)

Trocado isso em miúdos, quer-se dizer que aqueles que não cumprirem certas determinações legais do trabalho serão punidos com multa de x escudos. Se o patrão não paga os salários, multa; se não dá as férias, multa; se castiga sem razão, multa. São milhares de casos.

Não há nisso crime algum e por isso, até ver, tais multas

Direito Penal do Trabalho

Brasileiros, 9/3/74

Assim: um patrão abaixa o ordenado? Multa. Não prendeu bem os andaimes? Multa.

Mas como fiscalizar tanta obra? E o certo é que nem os patrões sabem sempre que estão a transgredir, nem o trabalhador sabe que não tem obrigação de arriscar a vida, como tanta vez arrisca, sem honra nem proveito deixando mulher e filhos em escassas circunstâncias.

Deste modo, bem preciso seria haver alguém com paciência de Job que se desse ao trabalho de reunir num volume as obrigações que as leis do trabalho criaram, as omissões que proibem e as correspondentes penas. Até lá, não é fácil que a situação e vida do trabalhador português sejam defendidas como merecem.

De modo semelhante se passam as coisas com a Segurança Social. Quanto patrão não desconta para a reforma devida ao seu trabalhador? Quantos descontam por salários menores que os reais? Quantos só descontam depois de forçados? Mas são todos muito bons cristãos. E quanto mais puritanos tanto mais fraudulentos. Nem todos, já se vê.

Pedro Afonso

m. 55
não dão cadeia, mesmo quando não pagas: se não há dinheiro, até o rei o perde.

Em Portugal, têm-se os professores de Direito afadigado no estudo do Código Penal, melhor dito, criminal. São uns 400 e tal artigos e nem todos descrevem crimes. No Direito do Trabalho, não temos um Código de delitos: andam dispersos. Se alguém se lembrasse e já lembrou — de reunir todos esses casos em um código, logo desistia. Querem ver?

É o caso do Decreto 360/71 sobre acidentes de trabalho que tem quase 100 artigos. Quem não cumprir o mandato em qualquer deles — o que vale é que há mais que fazer — pode ser multado. As multas são de 3 graus: um primeiro mais pesado, um médio e um leve.

Por exemplo: ferido um operário na fábrica, o patrão participa logo ao tribunal ou ao Seguro; ao fim de 12 meses de tratamentos sem obter a cura do operário, participe a Seguradora isso ao Tribunal. Ao contrário do que vem no Código criminal, a lei não diz logo qual é a pena para a falta da participação, atingidos os 12 meses. As penas vêm todas num só artigo, desta forma: se não cumprir os artigos A, B e R, tanto a tanto; pelos artigos C, E e M, tanto a tanto; pelos restantes, tanto a tanto.

O que se dá com o decreto 360/71 dá-se também em muitos outros diplomas como a lei geral do trabalho ou a lei sobre segurança nas construções de prédios.

Assim como está, não. Fraca casa na praia já em Junho leva 4 contos. Nos meses seguintes, 10 contos, ao que me informava há dias um homem do turismo da Ericeira com quem caihou de falar.

Temos hotéis por aí fora. Andam muitos estrangeirados, que a bolsa de português não lhes chega. Disse «português» mas não quero

Pois é! Imaginam uns quantos saudostas que por o Minho ser verde é todo ele um campo de férias. Logo... não há que os

dos Campos de Férias no Minho?

16/2/74
Que é Minho?

criar aí. E não sei se foi esse o entender da F.N.A.T. ao situar suas colónias de férias para o sul de Leiria. Em concreto: junto a Caldas, na Caparica e no Algarve. A norte, termas.

Não é errado? Só o Minho e o Porto têm milhares de trabalhadores. Que não podem beneficiar muito dos campos Sociais da F.N.A.T. por lhes ir o dinheiro em viagens. Como se apenas a sul do Mondego houvesse praia e só daí abaixou fosse terra de gente.

Mas o Minho — boa gente! — não pia.

Aposto que muitos do sul gostariam de poder gozar férias so-

(Continua na pág. 6)

cias no Minho de que tanta maravilha ouvem dizer.

Iá o lavrador, esse não tem hábito de ter férias. Por isso o espírito dele não vai além «daquele monte». Não sai, por hábito e falta do «moni». Casas do Povo, grémios, há sim senhor. Mas campos de férias decreto não se lembraram de os «falar» à F.N.A.T. e esta tem muito para onde se virar. Se tem! Vire-se então uma vez ou outra para o Minho que as gentes dalli até são agradadas!

(Continuação da 1.ª pág.)

QUE E OS LAMPUS



VISÃO DOS TEMPOS

n.º 139

Geoffrey Parry 75

Por Francisco Almeida

Aí por 1870 deu-se tremenda polémica entre Antero de Quental (aquele que depois meteu um tiro na «pinha») e Castilho. Razão: Antero e aderentes (formam-se sempre grupos de apoio, como agora) davam um safanão nas ideias correntes sobre as funções da Literatura. Duas visões da vida, dos tempos.

Então, cada grupo dialogava, mesmo polemizando, viu-se que venceu a corrente dos novos: a do Antero a que os do tempo, pela sua rectidão e mais virtudes — que as tinha — chamavam Santo Antero. Pode concluir-se: a vida é das novas gerações e há muito de bom no que apregoam ou reivindicam. Porque é que os maduros hão-de então agarrar-se tanto ao sr. Dantes? Nunca mais aprendem as lições da História.

A História não é só um certo número de relatos, feito por um idiota, como o barbado Marx disse. Há nela algo de permanente.

parlapatão — que tem de ficar com tempo para dormir — tenha de reconhecer que de Sociologia da Religião, por exemplo, nada

sabe. Logo, cale-se. E é o que eles não querem fazer!

Por outro lado, sem essa divisão e subdivisão do saber não é possível ler sequer o que sobre dada matéria se vai publicando. No campo das Técnicas é na mesma.

Vejamos a direcção de uma empresa! Simples, não? Pelo que se ouve e vê... mas depois a coisa encrava.

Vejamos o que se sabe sobre os Padroeiros das freguesias: S. Paio, S. Fins, Santa Eulália, Santa Iria. É tremenda a camada de poeira e arva ruim acumulada sobre eles: lendas e mais lendas. Então não houve um barcelense a escrever a vida de Santa Quitéria — que existiu — mas de que nada se sabe de certo? Que é isto?

Isto tem que ver com o estudo dos antigos missais,

vemos os corifeus políticos falar de «acção directa»? De «relação de forças», de «alianças tácitas» ou expressas?

Tudo isso é matéria de uma teoria, a Ciência Política. E isso de grupos de pressão não passa nela de um capítulo. Não é que aprendamos muito de novo. Mas ficamos com conhecimentos organizados e isso é de muita importância para saber como é feita a puxada.

A Humanidade é sempre na essência, a mesma: sempre os homens hão-de cuidar muito do ventre, sempre hão-de ser adúlteros; sempre hão-de tentar viajar montados no vizinho; sempre hão-de praticar maldades e dizer que foi aquele outro quem as fez.

E daí? Faça-se como os de outras terras: que se juntem e associem os que não estão dispostos a deixar-se montar. Ou, se quiserem, aninhem-se para que os outros montem. Tanta gente culta por aí além e qual o fruto dessa cultura?

por exemplo. No que à cegueira de Braga toca, a Gulbenkian publicou o texto do célebre Missal de Mateus, feito aí pelo tempo de D. Afonso Henriques, com estudo do Padre Bragança da Universidade Católica.

A obra é luxuosa, mas falta-lhe ainda um estudo aprofundado, semelhante ao feito pelo Dr. Avelino Costa acerca de D. Pedro, Bispo de Braga. Aquilo, sim.

Por outro lado e embora o especialista vá à frente, bom é que o povo tenha ao seu alcance pequenos Manuscritos disto e daquilo. Exemplo: Grupos de presos. Não é verdade que Não leem, não sabem, não prevêem, não planejam e, estúpidos que são, caem como ratos. Que bom sienso não bonda. E palavras levava o vento. Como escreveu o Dr. Policarpo em resumo: os homens de hoje têm muitos bens à sua disposição (nacionalizados ou não); sabem explicar quase tudo; quase só cuidam da vida aqui, hoje,

Há nela um sentido profundo. Mas deixemos isso que é tarefa para os sociólogos e filósofos da história. Seja como for e queiram ou não, é patente que

o espírito parou e para sobre esse mar revolto que a Humanidade é e tem sido.

Ora ninguém, nestes tempos de agora, pode chegar a saber coisa nenhuma se não se limitar, se não se especializar.

Nem sequer se pode falar em Sociologia apenas. É preciso ir à espécie: esta por exemplo. No que à cegueira de Braga toca, a Gulbenkian publicou o texto do célebre Missal de Mateus, feito aí pelo tempo de D. Afonso Henriques, com estudo do Padre Bragança da Universidade Católica.

A obra é luxuosa, mas falta-lhe ainda um estudo aprofundado, semelhante ao feito pelo Dr. Avelino Costa acerca de D. Pedro, Bispo de Braga. Aquilo, sim.

No fim de contas, nada temos de novo venha o que vier. O tempo tudo equilibra. O que não nos autoriza a adormecer em estupidez congénita.

Francisco Almeida



Dos fracos não reza a história

A Camara de Teatro
nº 2173 de 8-XI-25

Dr. Francisco de Almeida

É rifião da nossa gente dizer que só os valentes contam. Ora, dando vista a uma pequena história dos escritores ingleses, depara-se com um a merecer ser lembrado através dos tempos por ter sido sábio, escritor e além disso, um valente. Chamava-se Tomás. De apelido, Mórus.

Morreu vai para 450 anos e mesmo assim a vida dele é lição e causa simpatia.

Digo já também que tal foi a heroicidade dele que mereceu ser proclamado santo há uns 40 anos — para exemplo do mundo e sobretudo dos ingleses, já que ele era inglês.

C. Série - 8-XI-25

QUEM É O HOMEM

O nome dele vem apontado nos livros de diversos saberes, tais como: História da Literatura (escritores), História da Política, da Filosofia, etc. Mas que eu saiba — somos uma gente como o bicho da sede em seu casulo — ninguém

em Portugal teve a ideia de lhe publicar a vida. Por isso não temos elementos para ir ao fundo das coisas. Aí vai, contudo o que aos leitores pode interessar.

Série
Morreu de morte macaca em 1535, depois de ter estado preso — por razões políticas — na famada Torre de Londres. Porquê?

O Tomás tinha escrito um livro a que chamou Utopia, semelhante ao que o amigo dele, chamado Erasmo de Roterdão (na Holanda), escrevera com o nome de Elogio da Loucura. Os tempos andavam de facto loucos.

Ambos de crítica social. Acontece que o do Tomás advoga em política um certo «comunismo» (a ideia é antiga) e a tal sistema chamou utopia (loucura). Foi também historiador e ainda chanceler ou secretário do rei Henrique VIII, aquele que numas garrafas aparece barrigudo, barbado e cheio de anéis.

(Conclui na página 3)

Dos fracos não reza a história

C. Série - 8-XI-25

(Conclusão da 1.ª página)

NÃO VERGOU

Este rei Henrique viveu no tempo dos nossos João III e Damião de Góis, e ainda de Lutero e outros.

Mas deu-lhe na ideia mandar às urtigas a mulher que tinha (casados pela igreja) e casar com uma tal Ana Bolena. Para tanto, pois salvaria a fachada: argumentar que o 1.º casamento foi sem valor, o Tomás ajudar ao andor com todo o saber e crédito que tinha e o Papa não diria que não.

Costas furadas. Porque: 1.º O Henrique e os conselheiros dele estavam corrompidos, nisso Tomás, não; 2.º Henrique e até os bispos — mais por uma questão de nacionalismo — eram simpatizantes de doutrinas desviadas, do Prof. Wicel, mas Tomás, não; 3.º ao contrário do que pensava, o Papa disse não à anulação do 1.º casamento.

Caiu o Carmo e a Trindade

em Londres. O rei revoltou-se contra o Papa e por isso fez assim:

a) Declarou que ele e seu povo deixavam de ter a Santa Sé como chefe dos cristãos das ilhas dos Bretões: ele sim, passava a chefe em vez do Papa; b) Declarou-se divorciado da 1.ª mulher; c) Mar-

cou data para casamento solene — na igreja — com a Aninha.

Como o Tomás recusou aprovar com a presença dele toda esta «farsalhada», Torre com ele. Um reaccionário dos antigos!

E não querem ver que arranjou bispo inglês, que fizesse o 2.º casamento?! A um que refilou, de nome Fisher, cabeça fora! Os padres ingleses — que carneirinhos obedientes! — pronto, sua Majestade manda... E o povo... não é quem mais ordena, não.

Com isto se criou na Inglaterra a ditadura religiosa dos reis sobre o povo inglês: fê-lo seguir à força, os caprichos de

Henrique.
No meio de todo aquele río de medo e desergões, um homem ficou de pé contra o rei: o

nossa Tomás. Disse-lhe nas barbas e no umbigo. Que chefe feito por Cristo era Pedro de Roma. Não um Henrique VIII. E pronto: os ditadores não toleram gente assim.
Dizemos nós: morra o homem e fique a fama.



Revolução e Direito

DIREITO

(Continuação da pág. 1)

duza. E muito chocados ficaram os da FEC quando um Sujeito lhes disse: afinal, tudo que vocês vendem são traduções, doutrina importada. Os nossos não têm cabeça que pense? Mais: vendem ainda doutrinas de 1929. Do tempo do meu avô e nós estamos em 75!

O diálogo seguiu, juntou-se gente e viu-se que lá de dialéctica pouco pescam: falam alto, repetem discos e é tudo. Ora é pena porque nenhuma ideia pode progredir sem a competente fundamentação. As palavras são muitas, o saber é pouco.

3) Que é o Direito? Isso existe? Em 71 escreveu o Prof. Moncada no *Boletim da Universidade de Coimbra* isto: O Direito Como Objecto do Conhecimento.

Quer dizer: as coisas são elas e são fora de nós. Nós próprios somos coisa para o entendimento e sentidos dos outros homens. Mas nós somos e sabemos o que somos. E o Direito nem todos sabem o que seja. Começam aí os problemas: problema do ser — ontológico —, e do conhecê-lo — gnoseológico ou de teoria do conhecimento.

4) Nas outras ciências dá se o mesmo: o homem sente-se mal. Porquê? Qual a causa? E não são poucos os que têm morrido porque o médico pensou que a causa da doença era A, quanto era X. Ao dar-lhe remédio para A, o homem foi-se. Aquele médico pode não ter culpa, mas pode bem ser uma besta: conheceu mal, deixou-se iludir, precipitou-se e matou.

5) Pois bem: a Revolução faz-se para os homens ou contra os homens? Se ela não é para bem do Povo, é absurda.

Ora o Povo nunca foi nem é nem será senão o homem de carne e osso e dotado de intelecto. Agir contra os ditames deste é o maior disparate possível: não se põe

H VULCAU

1) Apareceu há dias um livro chamado *Revolução e Perspectivas do Direito* (Munique e R. Weyl). Não o pude ler ainda.

Isto do Direito está muito na barra: porque uns o contestam, outros o querem novo ou de novo, etc. Significativo é que nem os Soviéticos prescindem dele como

um comboio a escavar barreiras. Cada ser é ele e a natureza dele dita como deve actuar.

O homem é natureza, como a figueira o é. A Revolução é absurda se pretende virar o homem em figueira e a figueira em homem. Não pode ser, não dá!

Por isso, a Revolução tem de estudar o homem e muito ponderadamente ver, cogitar, do que precisa ele. Ele é que é a fonte, a causa, o título do dever-ser, da regra, da mesma, do direito. Ouça: isto não é metafísica. Ou se o é, é daquela que nasce no coração do povo rude, incapaz de voos mortais, mas muito pés na terra, seguro, perene. Vocês nunca pensaram nisso?

6) Sabemos que é quase moda ser marxista. Pois bem: há muito se demonstrou que essa doutrina, criada para explicar a realidade, é como teoria, falsa, errada. Até os neuro-fisiologistas o sabem e dizem. Vejam o cientista Charachard em *Le Cerveau et la Conscience*. E contudo agarram-se alguns a tal doutrina de uma forma!... Que lunáticos houve sempre, claro. O povo diria: que vão lambear sabão!

7) Voltando ao tema.

A embalagem da Revolução deve ser aproveitada para se fazerem as alterações devidas. Por exemplo: no *Código de Processo Civil*. Este deve ser simplificado ao ponto de qualquer cidadão poder ser capaz de por si se dirigir ao Tribunal a defender seu direito — ou como outros dirão — seus interesses e pontos de vista. A Justiça seria mais barata, evitava-se que uns tantos medrassem indevidamente à custa do pobre e para dizer que meios e caminho deve o homem seguir na defesa do seu direito lá está a curia, o juiz.

Certo que os Códigos têm regras veneráveis e muito antigas. Nem assim ou só por isso se devem conservar todas.

Exemplo: António chama Bento a Tribunal. Bento vem e diz: não é comigo, é com meu pai porque e porque. Lá está o 1.º sarilho a empurrar que a questão se resolva e pode bem ir a acção pelos ares: tempo e dinheiro perdido. Problema da legitimidade.

Mal: o juiz por ele ou a pedido

(75)

do António, mandava logo que viesse também o pai. Ali é que não se passava sem determinar se António merecia ou não a protecção pedida.

7) O mais grave é que os Professores de Teoria Geral do Direito nem se apercebem — ou parece — de que toda a Teoria lavra muito fundo ou deve lavrar. São incapazes de reconhecer que uma fracção vale o mesmo quando simplificada ou que todo o saber assenta em meia dúzia de princípios. Esquecido isto, perdem-se nas leis como peregrino na selva.

8) Exemplo: o que é legitimidade? Leiam, por exemplo, o juiz Ary Costa sobre isso: *A Legitimidade... na Doutrina...*

8) E todavia o povo sabe o que é. O Povo! Vejam só: «isto não é para gaiatos, Fora!»; ou: «não tenho procuração deles, mas ...»; ainda: «a tenda a quem a entenda» e «quem te mantou a ti, sapateiro, tocar rabecão»?

Quer o povo dizer que mexer em certo negócio «cabe» a X e só a ele. Só ele tem título, é legítimo. Os outros excluem-se do círculo de interessados.

Mas como acontece isto de o vulgo saber, entender a coisa e os mestres rodopiarem e estarem-se?

De tudo conluso — algo como o Prof. Moncada — que o direito sabe-o o povo, que o tem no coração, na mente e o faz no dia a dia, É ele quem diz: «o seu a seu dono», frase que não é tão fácil de explicar como isso e todavia é de sentido evidentíssimo e impossível de negar sem contradição. Aí bate o ponto. E toda a gente, mesmo os ocupadores de terras, o sabem e sentem. Tirem-lhes o que deles é e verão.

10) Ora os Soviéticos também têm uns certos «Fundamentos» do direito deles. E como não são povos, esses fundamentos até estão certos em muitos pontos. É a ironia de, sem quererem, cumprirem o estipulado pelo Autor da Natureza.

Pois o Povo só quer que a Revolução o não atropele, ou seja, que não se faça o torto ser o direito: sê-lo-a apenas de nome, fachada. E de fachadas, já teve que baste.

ACÁCIO TORRES

traduções do que os Estranhos escrevem. Não são vaca que pro

(Continua na 6.ª pág.)

1) Engraçado: os nossos afamados revolucionários não têm, pelo que se vê, feito mais do que pequenas poderão ver no livrinho, O Direito Soviético, saído este ano.



Apontamento breve

6.7

V. M. n.º 478 de 29-XI-75

Cruz Malpique⁽¹⁾ falou-nos aqui de 2 nomes, Baudelaire e Guide dia 22-XI-75), a propósito «sinceridade.

Escolheu mal porque certos homens não podem ser sinceros (pão-pão, queijo-queijo). Ai de nós se fossem sinceros!

Mas que é ser sincero? É dizer tudo? Isso não é franqueza, «franquezinha»?

Dos ditos B. e G. fala Papini na sua obra — não de todo recomendável — chamada O Diabo (livros unibolso).

Falando de «livros inspirados pelo diabo» — pág. 112, refere Maquiavel, Wilde, Poe e escreve: «Estas ideias de Poe (teoria da complacência do mal pelo mal) tiveram muita influência em Baudelaire...». E ainda (pág. 116): «Em Baudelaire serpenteia e aflora de contínuo a inspiração satânica...».

Do Guide diz, além do mais: «Guide... (solucionou o problema) concluindo que em todas as obras de arte é necessária a participação

demoníaca» (pág. 114-115). E depois (pág. 117): «Se eu acreditasse no diabo... eu dizia que pacto imediatamente com ele».

Ora bem: alguma vez o mestre (diabo) de B. e G. falou verdade?

PELO

Dr. Francisco de Almeida

É fanaticíssimo e tem muitos e muitos seguidores.

Aí têm uma nesga do que foram B. e G.

A propósito, já que as memórias a poucos podem interessar, mas o livro do Papini se mostra dia a dia mais actual, aí vão alguns temas dele: I — Necessidade de conhecer o diabo; VIII — O diabo e os homens; X — o diabo e a literatura (livros); XIII — Utilidade do diabo.

No capítulo V, pág. 27, fala do Ateísmo e escreve: «O Diabo não é ateu: longe disso».

Francisco de Almeida

Os Minhotos como grupo

Perguntei numa nota aqui publicada porque é que o Minho não votou Pécé. Ali ao lado vao dizer-me: porque não acreditam no Cunhal. Mas porquê?

Oiçam este bocadinho:

«Na Península Ibérica... submetida ao domínio muçulmano (Mourros) as ...marcas (deles) são per-

Vêem como as coisas têm todos os seus porquês?

Isto não se dá só em Portugal. Olhem na Guiné exportuguesa: «Na Guiné..... o Islam (religião de Maomé)... esbarrou de encontro (aos)... povos litorais: dois mundos humanos, mas também dois ambientes físicos» (mesma obra, pág. 31).

Que saiba, está por fazer o estudo da sociedade minhota (sociologia religiosa, também — de que há notas no livro O Caso dos padres de Braga). E a Sociologia do Ateísmo (melhor, da descrença) no homem português. Vai sendo tempo de aparecer isso estudado. Que a dormir ninguém se defende. E para se não falar de cor só há uma solução que é estudar.

Olhem-me esses valorosos e FIDELÍSSIMOS sacerdotes PROGRESSISTAS no que deram: o Angelo, praticamente sistemático; o Mário Oliveira aninhou-se no jornal a Capital (do Cunhal, ao que se diz); o Felicidade — que escreveu o livro: Nascer de Novo, nasceu para o M.D.P. Bonitos meninos!

F. Almeida

PELO
Dr. Francisco de Almeida

sistentes no centro, no leste e no sul... Assim (há) oposição entre uma Ibérica, mais alta da Europa média e uma Ibéria mais afim do Magreb» (Marrocos).

Então a resistência ao Cunhal é devida à fé cristã do Nortenho? (Ver Prof. Dr. O. Ribeiro — Atitudes... em Geografia Humana, pág. 30).

Diz o mesmo autor a pág. 51: «O Alentejo e o Minho são... dois casos extremos:... (O Alentejo) com enormes aldeias e MONTES (casas de campo) isolados, onde não chega a voz do sino e uma população indiferente, quando não hostil, à vida religiosa...»

COISAS DE LONGE E DE PERTO

4.19

Os Minhotos como grupo

N.º 478 de 24.11.75
Perguntei numa nota aqui publicada porque é que o Minho não votou Pécé. Ali ao lado vao dizer-me: porque não acreditam no Cunhal. Mas porquê?

Oiçam este bocadinho:

«Na Península Ibérica... submetida ao domínio muçulmano (Mourros) as ...marcas (deles) são per-

Vêem como as coisas têm todos os seus porquês?

Isto não se dá só em Portugal. Olhem na Guiné exportuguesa: «Na Guiné..... o Islam (religião de Maomé)... esbarrou de encontro (aos)... povos litorais: dois mundos humanos, mas também dois ambientes físicos» (mesma obra, pág. 31).

Que saiba, está por fazer o estudo da sociedade minhota (sociologia religiosa, também — de que há notas no livro O Caso dos padres de Braga). E a Sociologia do Ateísmo (melhor, da descrença) no homem português. Vai sendo tempo de aparecer isso estudado. Que a dormir ninguém se defende. E para se não falar de cor só há uma solução que é estudar.

Olhem-me esses valorosos e FIDELÍSSIMOS sacerdotes PROGRESSISTAS no que deram: o Angelo, praticamente sistemático; o Mário Oliveira aninhou-se no jornal a Capital (do Cunhal, ao que se diz); o Felicidade — que escreveu o livro: Nascer de Novo, nasceu para o M.D.P. Bonitos meninos!

F. Almeida



Voltar à casa do pai

6.8

C. da Serra, n.º 2181, de 3. I. 76 (1) *Emojis*

É assim? Eles lá sabem?

O leitor conhece a história de um atrevido e engeonhoso rapaz que disse adeus a seus pais e se lançou por esse mundo além como um emigrante ou um exilado. É preciso bastante coragem para fazer isso. Os do Alentejo, por exemplo, raro a têm. Os de Lisboa, menos. Por isso, dos que vivem em Lisboa, uma grandíssima parte não são nascidos na capital. Sair de casa é arriscado.

Depois joga o brio e a vaidade: voltar à terra? Para alguns, só com muitos anéis e tal. Muitos não os têm e não regressam. É impressionante o número dos que sairam e nem mais escrevem sequer aos da terra, aos familiares. E também há a estupidez de vários a julgarem que quem saiu da terra, necessariamente, tem de estar com fortuna. É assim, não é?

A propósito: o Dr. M. Serra escreveu um artigo sobre os nossos emigrantes na França e Alemanha. Diz muito pouco para além do que já sabíamos. O que diz de mais interesse é:—que bastantes dos que de cá saíram são analfabetos! (sem letra e amigraram! Admirável esses valentes);—que os pais portugueses não querem que seus filhos ou filhas casem lá: nem com os franceses porque os acusam de empurrarem as mulheres para a má vida; nem com mulheres de lá porque depressa «enfeitavam» os rapazes.

11.12.75

Voltando ao tema: o tal rapaz da história, depois de ter partido a cabeça nas paredes dessas terras de longe, resolveu voltar à casa do pai.

(Conclui na página 4)

Ortodoxos

glaterra até à Palestina, tudo era um só Estado: Roma. Depois esse dividiu-se em dois: e de Roma, com sede em Roma, abrangia tudo a ocidente de que agora é a Grécia, Jugoslávia, Bulgária, Rússia; o de Bizâncio—ou Constantinopla, com sede em Constantinepla, para oriente do anterior. Os de cá, falavam latim; os de lá, grego.

Ora, no estado de língua grega, havia o Patriarcado da capital, e de Alexandria e o de Antioquia, etc. Por 1054, o patriarca da capital deixou de obedecer ao Papa, e assim ficaram os cristãos do oriente separados, dando a si próprios o nome de restos, ortodoxos. O Papa e os de cá seriam hereges.

Distinga-se entre povo e caturrice dos chefes.

Recordam-se do encontro

federações: a maior, de 14 países, obedece ao patriarca de Constantinopla — que agora é Demétrio I, sucessor de Atanágeras. Alguns ortodoxos russos a viver fora da URSS, estão obedeem. Se Demétrio voltou, não é certo que seja permanentemente aos da URSS e outros da certinha de ferro, voltarem. Ainda que, porventura, o queram. Hoje, não serão 150 milhões os que voltaram, só con-

trário do que disse o «Dia». Mas é um comigo sério.

Anote ainda: os Ortodoxos conservaram maravilhosamente a fé dos velhos Apóstolos: têm liturgias muito ricas e variadas; têm associações de lei.

Voltar à casa do pai

Jornal & Comercio & Serra (abrange 4 concelhos)

(Conclusão da 1.ª página)

OS ORTODOXOS VOLTAM

Saiu novo jornal, o «Dia». No de 16/XII/75 pag. 14, diz-se que o Patriarca de Constantinopla—cidade hoje da Turquia, perto da Rússia e da Grécia e de Egipto e Palestina—mandou ao Papa Paulo um delegado para lhe transmitir que os ortodoxos voltavam a reconhecer Pedro como chefe. E dizia o noticiarista que isso significava o regresso a Roma de 150 milhões de cristãos.

Não podem ser tantos. Digo porquê:

—Antigamente, desde a In-

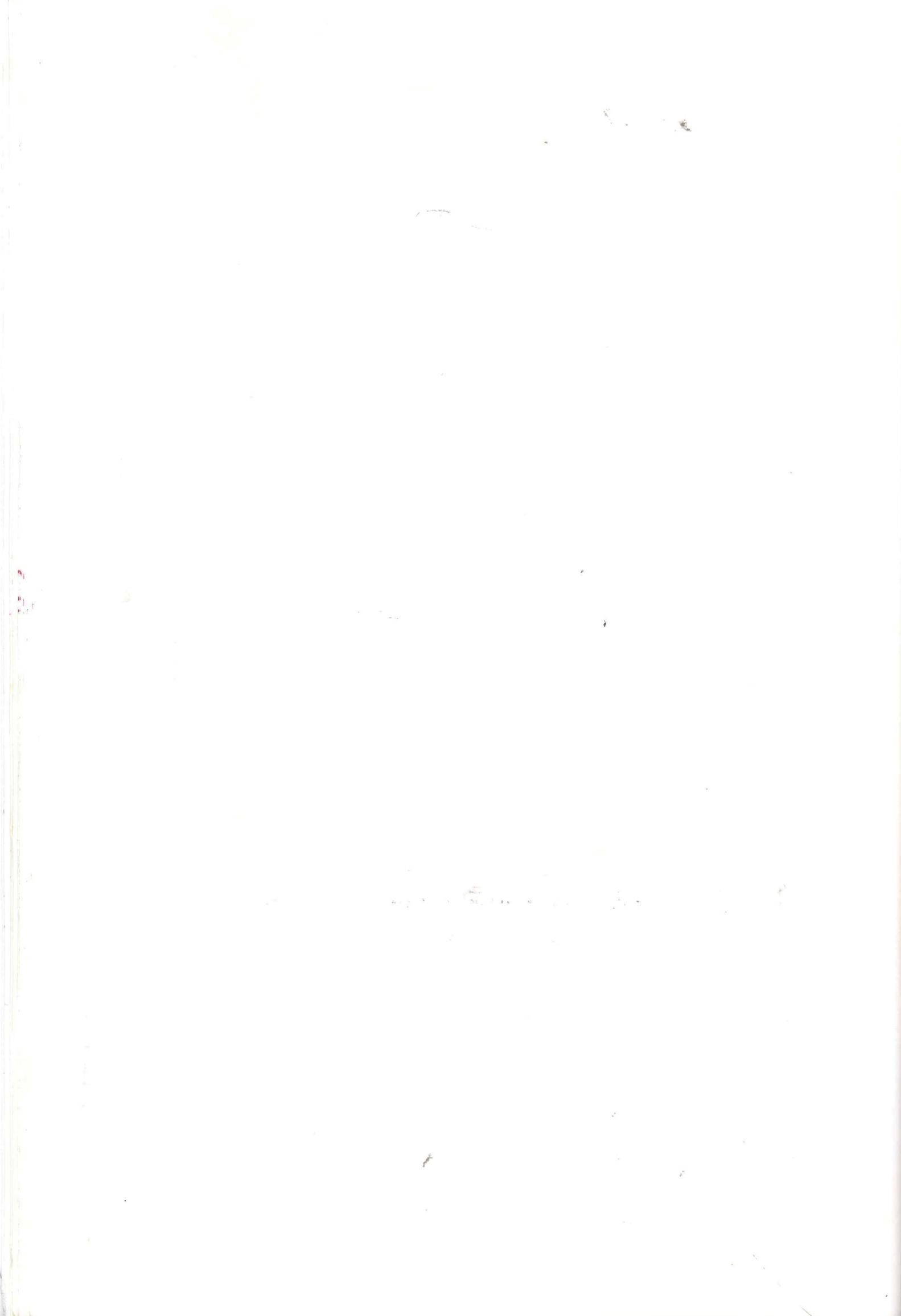
que o Papa Paulo VI teve com o venerando patriarca Atanágeras? Se não, pergunto como tem sido possível andarmos, no ocidente, tão desinteressados pelos cristãos do lado de nascer do sol. É de pasmar!

Os tais ortodoxos vivem nos seguintes países: Rússia, Grécia, Egipto, Síria, Jugoslávia, Hungria, Bulgária, Roménia, Turquia e outros, além de na América e 1 milhão na Índia. Ao todo, são de facto uns 150 milhões (nessas terras há também muitos que há muito passaram a obedecer ao Papa—são os unidos).

gos para ensinar o pevo (de leigos, vejam!). Por exemplo, a Sociedade Zooté; têm obras de arte que são assombros de beleza. Em resumo: temos bastante a aprender com eles.

O. V.

Os ortodoxos formam duas



Notas de Viagens

Nº 16 I-76

Por N. de Elvas

Detesto os apontamentos e artigos de jornal que sejam extensos. Decerto dá-se o mesmo com os leitores porque os jornais são muitos — mas as notícias são poucas: muito continua a ser-nos ocultado, com propósito de ser breve, aí vão algumas notas.

As terras por cultivar

Na zona ao Sul do Tejo, entre Vendas Novas e Portalegre, muito pouco se vê cultivado do que dantes semeado era de trigo. Afinal, as ocupações das herdades não resultaram. Confirmaram-me que nem um quarto (1/4) do habitual está cultivado. ~~Havia~~ e a continuar-se assim, nem 25%. Que colheita irá o País ter em trigo. E onde param elas? Amanhem-se.

Justiça de 2 balanças

Diziam aí: os agrários, os latifundiários! Pois sim!

Aí a uns 6 Km de Portalegre foram ocupar uns terrenos. Para tanto, foram de lá expulsos 19 rendeiros que assim perderam gados, galináceos e até as habitações. Sem dó nem piedade. Rendeiros até já idosos. Num sítio, um rendeiro morreu de tristeza (comoção). Que fazem os ocupadores? Nada. Instalam-se e só matam e comem quanto vivo lá deixaram os expulsos rendeiros.

Conclusão: uma justiça para os ocupadores, outra para os rendeiros. Mais conclusões pense-as o leitor.

Nº 16 I-76

Saudosistas *16-1-76*

Ouvi relatar que em diversos serviços já se pede abertamente um Salazar. Mas novo. Deus nos defenda!

(Continua na 3.ª página)

Dois jornais

6.9

Chama-se um deles Nova Terra, elaborado, ao que parece, por alguns católicos de Lisboa. No n.º de 1/1/76 diz-se que ainda em 1975 já havia no mundo 1 milhão de pessoas acorrentadas ao regime de escravatura! Sobretudo de pessoas de Áfr. Encontram-se sobretudo na Arábia e arredores! E alguns, como o Melo Antunes, com a cantilena do 3.º mundo! Os nossos jornais não se alevantam contra quem assim faz tanto escravo?

A propósito: que é dos intrépidos jornalistas de 1973, sempre a criticarem as estradas, e agora que elas tem «crateras» (como numa cena de teatro se dizia) nem piam??

E o sr. frade da televisão? que diabo! só se enche de coragem crítica quando uns certos cujos caem do pedestal? Que ninho de ratos se tornou a casa do Frei Luís de Sousa! Ora a ver, Frei Bento! As pessoas gostam de coerência, tá bem? *Nº 16 I-76*

Mas a Nova Terra: os colaboradores designados pouco colaboram. São demasiados sábios para jornalistas. Ou o jornal é uma revista para alguns, bem pensada — talvez nem isso — em formato de jornal? Assim, não.

O outro jornal é pequeno, vem do Porto e é distribuído grátis. Como é

possível isto de grátis? Chama-se Cavaleiro da Imaculada. Nele se lê que, segundo os sábios... russos (na Encyclopédia deles) Fátima é uma invenção dos Americanos!

C'os diabos! Inventem os Russos outra explicação que esta... está péssimamente inventada.

Notas de Viagens

Nº 16 I-76

uma ideia.

Domésticas, acabou

Nº 16 I-76

Falam em 4 contos e 8 a 10 horas de trabalho. Resultado: ou lhes arranjam novos empregos ou, sei lá! Poucos poderão aguentar tal carga. Não era só luxo. Mas, domésticas, isso vai acabar.

(Cont. da 1.ª página)

Não se pouparam

Nas portagens viam-se 3 ou 4 rapazes a vender jornais. A cada um sua fila de carros. Vendem pouco, às vezes lá vai uma Luta Popular.

Grandes missionários estes MRPP!

Dão exemplo a muita gente do que é lutar por

N. de Elvas

Nº 16 I-76

COISAS DE LONGE E DE PERTO

**COISSAS DE LUNGE
E DE PERIO**

V.M.º 492 - 73.3-74
É de justiça fazer uma rectificação: afinal sou informado de que numuma ou noutra das nossas freguesias se conhecem e entendem os textos do Vaticano II. Parabéns a este povo que Martinho de Dume ensinou a ter Cristo como Mestre

N.º 11. ~~100~~ 100
N.º 11. ~~100~~ 100

Bispo de Timor

Mas este homem não arredou os

Um grande Arcebispo

Grande porque decidiu abrir portas do Seminário a quantos queriam ouvir e expor a doutrina cristã a nível de adultos. Trata-se de Seminário da nossa Arquidiocese. Poderão ouvir exposições de Dogmática, Escritura, História das Religiões, Marxismo, etc. Noutros momentos, as lições são de Atéísmo. Certo, porque só o saber de mitérios mundanos (Medicina, Engenharia etc.) não basta ao

que o mercenário é o que, ao vir
PELO Dr. Francisco de Almeida
o lobo... manda telegrama ao presidente Machel (que presidente não era) como os lambe-lambas. Mas não ficou.
De Timor, lê-se num jornal: «A HISTÓRIA HÁ-DE PEDIR CONTAS PELA DESCOLONIZAÇÃO

CUISAS DE LONGE E DE PERTU

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Novas edições de livros dos anos 1500

Havia já muito tempo que me não era possível ir sequer à Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL): longe vai a época em que lá se podia estar aos sábados ou das 9 às 11 da noite. Mas se até os Polícias têm horas extra... O certo é que amigo meu teve oferta de 5 livrinhos, quase em fotocópias da letra original, de há 400 e tal anos. Neste ponto digo assim: — a) por um lado, louvo muito o Ministério da Cultura por se ter atrevido a gastar uns cobres a fazer 1000 cópias de livros antigos — e curiosos — de que já só tínhamos, às vezes, Um exemplar — e se esse se queimava ou o roubavam

E de agradecer a B. F. (O Barcelense, de 12/3) o resumo do conteúdo dela — isto porque só daqui a uns meses eu poderei pôr os olhos nela. À cautela, direi aos conterrâneos: comprem-na porque há-de ser investimento de valor. Quanto já não vale hoje, a obra do Dr. Teotónio — Barcelos — Aquém ou Barcelos — Além? Quando eu a vir, ajuizarei sobre ela.

A nova «Barcellos-Revista»

Uma Nota: Pego a Deus, e à Câmara de Barcelos, que na
nova Revista barcelense sejam publicados os nossos Manuscritos:
de Tombo), ao menos os inéditos.

Outra Nota: Muito há a comentar sobre cada um destes livros
que eespero que os nossos Fícos commentem o n.º 5 e os professores,
que o que foi tal livro; — b) censoiro o Ministério se todas as cópias
que fez, só as fez para oferta.

(vale fortuna), lá ficavamos nós e os vindouros sem possibilidade de
que Russiá, ou no Japão, os nossos autóres do seculo 16 sem precisar
de Agora, sim: ao menos já podemos ler, nés e na América,
que o volume guardado a 7 chaves, nos Reservados.

Uma Nota: Pego a Deus, e à Câmara de Barcelos, que na
nova Revista barcelense sejam publicados os nossos Manuscritos:
de Tombo, E sim da: os barcelenses das Memórias Paroquiais (fazendo
da Regueira (se hás paroquiais, que intercesssem) e até do Arquivo
da Regueira (se mais importantes do Arquivo da Câmara e outros dos arquivos
do Tombo).

Pará resumir, os tais livinhos são: 1) Gramática da Língua-
gem Portuguesa — é do ano 1586, de Fermão de Oliveira, 2) Cartilha
para ensinar a ler — é de cerca de 1543; 3) Regras que ensinam...
Quatrografia — era de 1574, de 1590, 1592, etc.; 4) Epistolula Ad... Roma-
num Pontificem — era de 1505 (rei D. Manuel I); 5) Dialogo...
sobre preceitos morais, em modo de jongo — era de 1540, 1563, etc.

(Cont. da página 1)

çao dos nomens e ao inquieto espirito do nosso tempo. Nas igrejas orientais, bom numero de grandes teólogos foram legos.

Bispo de Timor

Mas este homem não arredou pé:
ficou e continuou em Timor. Por-
que o mercenário é o que, ao vi-

PELO Dr. Francisco de Almeida

PELO

Dr. Francisco de Almeida

o lobo... manda telegrama ao presidente Machel (que presidente não era) como os lambe-lambe. Mas não ficou.

De Timor, lê-se num jornal: «A HISTÓRIA HÁ-DE PEDIR CONTAS PELA DESCOLONIZAÇÃO

Alma Minhoia

Interessará aos nossos leitores saberem que estão matriculados, nos Seminários arquidiocesanos de Braga, 422 alunos; 377 no curso liceal, 43 em Filosofia e os restantes em Teologia. Rara será a diocese no mundo que vá em recuperação como esta. Grande povo este do nosso Minho.

Francisco de Almada

Sentido da História

Algunas observações

Já repararam que certos senhores só falam em abstracto, isto é, sempre nas nuvens. O que detesto e os leitores também.

Reparem bem. Saber o que de essencial fez o Homem luso até agora já não é fácil. É por isso que tanta lenda se acumula: sobre S. Torquato, Santa Quitéria, Pedro de Rates, etc. Vejam o livrinho Lenda e História do Padre M. Oliveira (que é sério). É por isso que todas as nações se afadigam em ir buscar ao fundo dos caixotes documentos com centenas de anos. Exemplos: agora se publicam documentos em Braga dos anos 800 a 1000. O Livro da Fé de que já aqui dei notícia e o missal de Mateus. Os Arabes publicam os primeiros escritos que há sobre Maomé (ver Islão do paquistanês Bahman). Dos Arménios, povo do norte da Turquia e sul da URSS, outrora independente, têm publicado os antigos textos a fundação Gulbenkian, em Lisboa.

Nós somos dos que menos têm publicado. Vejam: aí por 350, Chaves tinha bispo próprio. Sabe-se isso e o seu nome porque deixou escrita uma história dos Suevos, um povo de quem os Minhotos trazem sangue nas veias e por quem tenho especial simpatia. Pois esse escrito do bispo Idácio de Chaves está publicado, mas na coleção Espanha Sagrada.

É ou não é uma vergonha nacional?

2. Observação

Cá os da terra são geralmente uns lírios. Espantoso que os Estrangeiros raramente nos citam sequer. Quer-se uma obra sobre Teoria Literária, sobre Economia, sobre certa especialidade do Direito? Mal lê quem lê pelos de cá. Já vêem quanta loucura e imbecilidade existe nessas cabecinhas que a Televisão mostra. Por outro lado, no que à História toca, nós não sabemos alongar a vista para além do Gerês ou do Marão:

Só sabemos do nosso mal. Se perguntarem: ora deixa ver... No tempo, da coitada D. Teresa, como viviam os povos Árabes? E os Per- sas, Egípcios ou Etíopes? Formosas sabenças.

Vol. IV
2025/3/26
nº 138

6.11

Ora é preciso que se conheçam os factos por causas e efeitos, antes e depois.

Ai deles quando a história do Salazarismo for relatada sem paixão. E ai dos políticos de agora se pensarem como os ignorantes. Afonso Costa meteu medo a muitos. Alguém fala dele?

Esse pobre diabo disse assim: «em duas gerações Portugal terá eliminado completamente o catolicismo». Que grande profeta nos saiu o Costa!

Para não ser parcial, há-de ser como a Bíblia que relata os altos e os baixos: há-de relatar e criticar — papas que faziam tudo a favor dos sobrinhos, bispos e padres orientais que compravam esses cargos; um Cardial Saldanha, português, que atraiçoou o Papa, cardiais que num conflito entre o Papa e Napoleão, se puseram do lado de Napoleão (e sem justiça). E os nossos reis? Precisamos de uma história ao avesso para que aos criminosos se chame isso, criminosos, sejam militares, civis ou religiosos. Olha o frade no Porto que se atreveu a fazer de bispo às ordens dos Liberais.

Conclusões

1.º Se o norte de África, desde Marrocos ao Egipto, foram cristãos, como os paparam os Arabes e lá vão 1300 anos?

2.º Se a Inglaterra foi católica, como a Holanda, Dinamarca, Suécia e outras nações, como bebeu tão facilmente o veneno de Lutero e outros Palradores, e já lá vão mais de 500 anos?

3.º Que faz as Arábias, Pérsias e Turquias seguirem o Alcorão? Porque segue a Índia o Budismo e alguns países, o catolicismo?

4.º Assim como da Polónia à Roménia, por uma opção de Hitler, tudo veio a ficar sujeito aos Comu-

nistas lá dos sítios, o que é que pode haver para tornar a França, Itália, etc. (Portugal), isentas dessessequiosos governadores? E doutro modo: que falta para se montarem no poder? Pensam que são os votos de uma desorientada e ambiciosa gente? Ou a força? Ou a habilidade e teimosia política? Não é, não.

Paralelos

1.º Houve há quase 200 anos uma revolução na França: matou-se o rei e a rainha, puseram a Razão nos altares, morreram muitos, mas a França seguiu. 40 anos depois tínhamos aqui um mata-frades. A vida passou e Portugal ficou.

2.º Na Irlanda, que é católica, há 1400 anos, chegou a haver 7 milhões de pessoas governadas por 850 mil protestantes. Vejam só: por serem católicas, não podiam ter uma courela por mais de 30 anos; por serem papistas, os bispos e padres oficiais eram protestantes

(Continua na 4.ª pag.)

25.3.74
(Continuação da 3.ª pag.)

perderam lá os benefícios e 100 anos depois, a Irlanda (Sul) ganhou a sua independência.

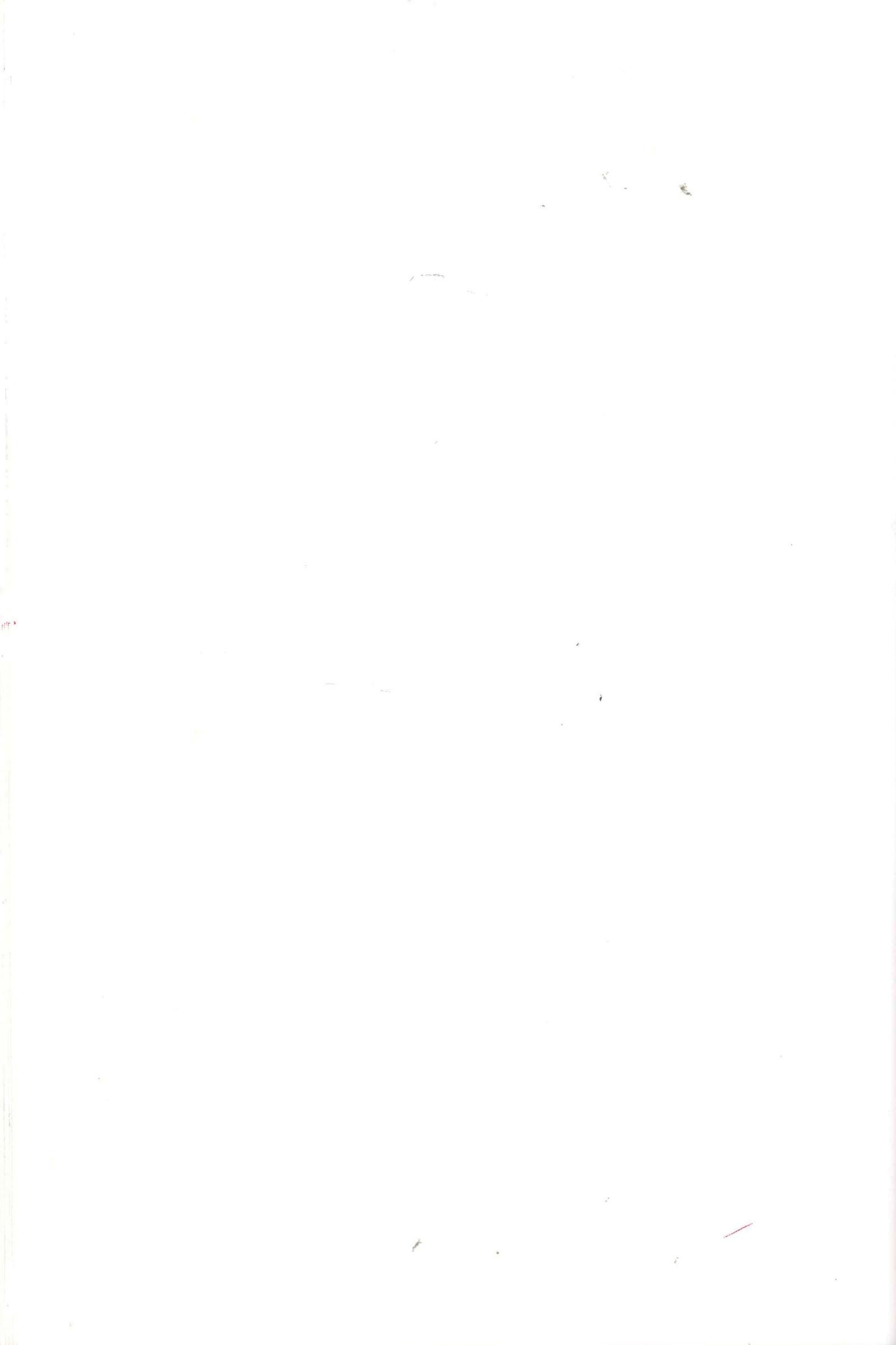
Muito irlandês sofreu e morreu. Mas a Irlanda lá segue, salvo no Norte, até ver.

3.º Veio o mata-frades e o povo calou. Veio a República maçónica, agnóstica e socialista, e o povo andou. Coisas e direitos que pareciam eternos morreram e alteraram-se sem mais aquelas e o povo seguiu. Ganhou-se um império, lutou-se estupidamente contra os Papas por um Padroado, tudo se perdeu e o povo andou.

Afinal, que é que os Portugueses há-de recear? Mas alguns, que nenhum sentido captam na História, já se apresentam a pôr o pescoço no cepo. Outros há a quem o há-de pôr no cepo à força.

A. T.

Sentido da História



Barcelos em 1220

6.12

Desporto e Sociedade V. No 20. XI. 76

Domínio das Coisas

Um autor russo (ortodoxo) proclama ter Cristo congraçado a Natureza (bens da terra) com Deus: ela foi sacralizada, elevada a plano que não é o dela. Mas o homem só muito lentamente foi perdendo limitações pela aquisição de novos meios: dantes só viajava a pé (e ainda no século de 1500 se ia de Barcelos a Compostela a pé: experimentem!); depois usou o boi, o cavalo, o carro, o barquito e ei-lo, a correr mundo. Há 700 anos

(1200) raro barcelense teria ido a Braga, ou ao Porto; menos ainda a França. Ler, quase só na Natureza: admirar o canto das aves; o planar da águia; a força do boi; a violência da corrente do Cávado; o ruído do trovão; o crescer (da noite pro dia) das ervas. De artificial poderia

PELO
Dr. Francisco de Almeida

Coisas almeida

admirar o saber do monge pregador; a habilidade do tangedor e da música; a beleza da cantora; os tons da missa solene, a tristeza de um ofício fúnebre ou os figurados do pórtico da Matriz, das igrejas de Manhente, Abade, Palme. Tinha de admirar o saber dos mestres canteiros que vinham dos lados de Compostela construir aqui Santuários; e a sabença da fulana que sabia botar e urdir a teia para os bragais; e sabia que, a corar, o linho branqueia; e sabia que a zorra o ajuda a transportar pedregulho. Saber de prática obtido. Não mais.

A terra era fértil por não fadiga das culturas;; cultivava onde queria; soltava as vacas, touros, bezerros, ovelhas e galinhas sem receio de não caberem na leira e ir incomodar o vizinho: havia pouca gente e poucos donos. Mesmo assim eram gente violenta: houve por

(Continua na pág. 4)

BARCELOS EM 1220

(Cont. da página 1)

20. XI. 76

1220 quem cortasse um pé ao oficial do rei que fora à quinta melhorar uma égua. (E o remédio era ficar calado, se não morresse, e lá não voltar). Esta cárcere de gente não se dava porque as mulheres (ainda não libertadas...) não tivessem filhos. Nem porque a população crescesse a sonhar e não a multiplicar (2 dão 6, que vão dar 18, etc). Só que CASAS DE PESSOA, em 1220, raro havia (senão deixavam rastos e não há); CLEIROS não faziam e vinda a seca era a fome, como foi no Egípto; o sal ficava longe e caro; já havia micróbios, mas não havia médicos capazes, nem médicos senão de sangrias. Tantos nasciam, mas não «vingavam» que a população era pouca na nossa terra. As romarias matavam os filhos. As nossas não fazem tal, mas diz-se que há gente a mais. Não é improvável que daqui a 3 gerações todo o conceito caiba nas actuais casas de Barcelos por redução química. A e B (são 2) casam e têm 1 filho. Para que este case foi preciso que C e D (outros 2) se unissem. Logo, 4 para obter 2. Estes 2 são precisos para obter 1 (neto). A escala nacional, daqui a anos, os Espanhóis engolirem-nos.

Francisco de Almeida

Barcelos há 750 anos

Ano de 1220 - Um inquérito

Neste ano era papa Honório III, era rei D. Afonso II e arcebispo, D. Estêvão. Não havia ainda conde de Barcelos (só em 1298), mas haviar em Neiva (Terra de Neiva). Conde ou governador era título que já vinha dos tempos da Vitiza (500 anos atrás). Para trás desse inquérito houve a vinda dos cavaleiros de SÃO TIAGO (quase 400 anos antes), dos Templários, dos Hospitalários. Barcelos já tinha foral quando há 100 anos, e Manhente, carta de Couto. Quer dizer: até Afonso Henriques o poder político local tinha assento na sede da Terra e seu castelo (Neiva, Faria). Depois a Terra fracionou-se em vários pequenos governos: concelho e coutos.

Paralelamente continuaram as casas — honras (isentas do poder central: o do rico-homem, ou senhor da Terra). É o tempo de S.º António. Para trás ficaram S.º Rosendo (de St.º Tirso - S.º Gerardo e St.º Semhorimha de Bastés. Os reis (1.º os de Leão, depois os de Castela e por fim os de Portugal) tinham dado a este e àquele terreno, aqui, terreno além. Ricava-lhe (à Coroa) ainda muita coisa. Outros bens saíram da coroa por descuido na coroa branca do imposto (prescrevia o direito em 30 anos).

Afonso II achou-se pobre e quis saber se algo do que outros tinham não seria da coroa. Foi um clamor. Dividiu-se o País em zonas, nomea-

Barcelos há 750 anos

(Continuação da pág. 1)

V. M. 25 XI 76
Há um por cada freguesia. Dá resumo o Dr. Teotónio. E Leonídio Abreu para as que pertenciam ao tempo, a Prado.

Quem os donos do prédio?

Eram estes: 1.º, o rei; 2.º, e às vezes, certo rico-homem (senhor Conde, etc.), homem poderoso; 3.º, Corporações religiosas: a) a Sé (que o Relatório diz Bracara); b) conventos de Manhente, Vilar, Várzeas e outros; c) a própria comunidade paroquial (semelhantemente à Sé); d) ordens militares: Tempários, Hospitalários (que os textos chamam Templum e Hospital) e às vezes São Tiago. E o resto da população? É que o rico-homem raro ali vivia; o mesmo se diga dos homens do Hospital, dos do Templo e do rei. Ficavam só: o PÁROCO (abade ou só capelão), os que agricultavam certa terra sem dela poder sair (os SERVOS quer da igreja — desde há muito que eram pelo menos 10 — quer de outros donos), os FOREIROS (posse da terra-leira — mas não da raiz), os JORNALEIROS (só com cabana e braços-cabaneiros) e os ARTISTAS (pedreiros, carpinteiros, etc) ou artesãos que a cegueira do Dr. Armando de Castro pensa ser quase invenção deste tempo quando tudo já existia, ao tempo dos Romanos (ver Evolução Económica de Portugal, VII, 220).

Temos então:

— GALEGOS — Com CASAIS (casas agrícolas) em Galegos e Roriz e Alheira e Alvito (S. Pedro); lá na aldeia ainda suas SEARAS;

— MANHENTE: casais em S. Martinho, Roriz, Galegos etc.

— VARZEA: semelhante a Manhente;

— HOSPITALÁRIOS: em Oliveira, etc.

— TEMPLÁRIOS: em Roriz...

Fundos Barcelos Térrea Matos
O nosso estudo terá duas grandes dimensões: a monografia de freguesia a freguesia; depois, a geral, de todas as freguesias: espaço largo e tempo longo. As ordens tinham (e tinham de ter) seus livros de documentos: LIVROS DAS DOAÇÕES (exemplo: do mosteiro de Tarouca, que está em Lisboa — Torre do Tombo). Há-de haver os livros de Manhente, Várzea, etc. No Arquivo de Braga, decreto. Se os arrancar aos arquivos, não podemos caminhar com segurança.

Personagens do Relatório

1.º — o pároco (a testemunhar — depois foi proibido);

2.º — residentes na freguesia (moradores);

3.º — Os possidentes (os donos):

Em OLIVEIRA: REI (regamento, regaengo, reguengo), sempre as melhores fracções. Às vezes já murados (divisatos). OUTRO DIREITO (que em Oliveira não tinha, mas já o tinha em Cabanelas): o de padrado (nomear o pároco), como depois Azevedo o teve em Galegos (ver nele subsídios, VI, 8/4/72).

Em RORIZ: Nuno Petri e Gonçalvo Petri (reparar em Nuno Gonçalves e Gonçalo Nunes alcaides em Faria, 150 anos depois).

Mas isto levar-nos-ia a construir um DICIONÁRIO BIOGRÁFICO de Barcelos (a França editou um que vai em 46 volumes). O Barcelos do Dr. Teotónio já daria para muita análise.

Casos especiais e Toponímia

— De GATEIRA (Igreja Nova) com poderes judiciais;

— De OUTEIRO — GONDERIZ e de Pousada (Roriz);

De Fraião e Cacavelos (Galegos); De Mazaedo, Super Fonte (Ucha).

Francisco de Almeida

MAS ENTÃO A EUROPA ACABOU-SE? 1708

V.M. 1318/77
 Surgiu há tempos nas livrarias, traduzido do francês, o livro A Europa Acabou-se. É um furibundo ataque ao Mercado Comum, ao Benelux, à EFTA, organizações que associam países europeus. É claro o pensamento do autor: não é organização do Leste, logo não serve.

Por sua vez, os bispos da Europa livre — e ainda os da Jugoslávia e Polónia, comunistas, emitiram Declaração a dizer precisamente o contrário do livro acima: que a Europa deve unir-se cada vez mais.

A Declaração é clara, em 5 pontos ocupa, umas 3,5 páginas de 25 linhas e dela foram distribuídas cópias em algumas igrejas. É portanto um ensino do que deve ser a Europa, mas à luz dos Evangelhos e por isso, sagrada. Quanto à forma, não gostei: podia ser melhor sistematizada. Todavia a Declaração é de uma enorme importância porque: 1.º prova que os bispos europeus falam com uma só voz (exemplo de união); 2.º e que começaram enfim a estudar os problemas em equipa — já tardava; 3.º reconhecem os enormes feitos das raças europeias; 4.º demonstram que a Europa só foi grande enquanto permaneceu agarrada a Cristo — o que hoje se não diz; 5.º eles não desanimaram com as tremendas falhas e erros dos intelectuais e povos des-

prostrada, materializada, fainha de dinheiro, lucros, prazeres, guerras, ódios, vontade de abortos, perseguidora daquele Cristo que foi seu Mestre.

Ela quis libertar-se de Cristo e feito isso, caiu nas piores escravidões (as do Leste são, para já as mais opressoras). Foi a Europa quem ensinou as doutrinas que mais esmagam os homens. Se a África e Ásia

V. Cecílio PELO
Dr. Francisco de Almeida

V.M. 1318/77
 são hoje marxistas, leninistas, ateias, divorcistas, abortistas, sartreanas, hegelianas e anti-cristãs, a quem compraram tal ensino senão à mãe Europa!

Muito já ela se apagou e pode ser cilindrada entre a URSS, China e América e depois, a África. Cortem-lhe o petróleo e ela render-se-á sem salvação. Ensinou ódio, é odiada; dos ventos colhe tempestades. Porque ela perdeu o Rumo, o Norte e anda à deriva. Culpa dela e vai-lhe ficar cara.

Mas leiam e ponderem a Declaração dos Bispos que destes não há o perigo de nos impingirem coisas por terem sido comprados a ouro contra tantos que aí nos vêm fazer previsões do futuro.

Leiam e cumpram, que o rumo certo da Europa é o que

NOTAS SOL

C.V. 21.4.76

Um engenheiro esteve em Évora e perguntou a diversas pessoas se eram pelo comunismo. Disse ter passado quando várias lhe responderam que já foram, mas deixaram de o ser.

Voltando aos jornais permitidos deve dizer-se que em Évora há muito que circulam O DIA, a RUA, etc. Mais plural que Beja.

Ainda há tempos só um forasteiro se atrevia a ler em Beja jornais como O DIA. Os mais inofensivos que lá circulavam eram o Diário de Notícias e o Popular se bem que no Popular ainda há dias

O bispo auxiliar de Beja fez algumas conferências no paço durante a Quaresma. Falou sobre santidade com as distinções requeridas entre virtudes naturais e teologais, dons, etc. Quem ouvisse ficaria a pensar

LTAS 545 *6.14*

que ou ele pensa formar um escol — e o público não é barro para tanto ou vivemos de sonhos ou fala-se sobre isso porque o mais concreto seria impossível. Na verdade, Beja, com as 2 ou 3 igrejas quase sempre fechadas, sem se ver um sacerdote, onde raríssimo se dá por uma religiosa, onde a uma missa de semana pela manhã assistem umas seis mulheres e à tarde umas treze parecendo que metade serão freiras, não parece terreno para ascética, mas para tocar casos de fundo.

C.V. 21.4.76

A gente de Beja é boa, cuidada, nada estúpida e até atenciosa. Ali tem Deus de usar medidas largas ao julgar porque como pode um ferido ser assistido religiosamente naquele deserto de gente? Decerto não pedem o padre nem valia a pena que não há. Mas já houve aqui há duzentos anos. Como se desceu tão fundo é que é difícil de explicar. Os pagãos antigos não não deviam ser muito diferentes da Beja actual.

*

Há aí casas do Povo que ainda cobram quotas como dantes, quando o dono da terra era sócio à força.

Está errado porque o artigo 46.º da Constituição proíbe que se force alguém a ser associado seja do que for. Mas se não associado, também não tem de pagar quotas (as contribuições da previdência, isso é diferente porque se trata de um imposto). O hábito de pagar é tão grande que é isto!

(Continua na 4.ª pág.)

NOTAS

C.V. 21.4.76

(Continuação da 3.ª pág.)

Há quem não pague. A Casa do Povo leva-os a tribunal. O processo não deve ser recebido por a lei das quotas ser agora inconstitucional, tal como manda o artigo 282.º da Constituição. E os Delegados têm obrigação de recorrer da decisão para a Comissão Constitucional (artigo 282.º, n.º 1). Até para que ela não se torne apenas num tachinho. Vamos lá defender a Constituição pelo menos agora que

C. M. B.
BIBLIOTECA

há comités para isso.

Cr. 21.4.76

Estão muito renitentes os homens do Governo em estabelecer o Estatuto Único dos juízes (Constituição, artigo 301.º). E vai ser

O Cávado

SOLTAS

difícil por causa daqueles que julgam nas C.C.J. (que as más línguas chamam de condenação sem julgamento). Acusam-nos de inconstitucionais, ilegais, etc. E o certo é que até 40 contos só elas podem julgar porque aqui não vale que quem pode o mais pode o menos. Os Tribunais do Trabalho subiram a de Recurso ainda que muitos não haja nem ténham sido criadas normas para que julguem em recurso. E o Estatuto dos juízes a dizer que eles não podem deixar de julgar por falta de lei! E esta? Inventem-na! Mas também é certo que a Constituição permite criar Tribunais Populares (como seriam não diz). Não os criou o Governo, mas já os tem posto a funcionar (logo, criou) um dos nossos juízes aí do centro «deste País» (até medo têm de dizer Portugal!).

Cr. 21.4.76

21.4.77*

Há camisas de sete várás como esta que vou descrever. O sr. Lemos tinha um restaurante com 10 empregados e estes sem querer ser «possidentes» que foi crime na URSS, tomaram-lhe a loja por ele ter uns salários atraçados. Depois queixaram-se à autoridade que processa o Lemos, que vem dizer «devo», mas não sei quanto porque os ocupantes são quem tem os papéis e quem me possue os bens. Não sei o que devo nem tenho para pagar. Como decidir um caso assim? E foi

criados, democráticos e independentes, sobretudo, para já, nas zonas rurais.

Em relação às outras, promover-se-á propaganda eficaz nas fábricas, de modo a criarem-se as condições necessárias a um verdadeiro movimento democrático.

Cr. 21.4.76

Dia 15 de Maio:
Universidade Católica

Portuguesa

Coincidindo com o 10.º aniversário da fundação, celebra-se no dia 15 de Maio o Dia da UCP que compreende as Faculdades de Teologia (Lisboa), de Filosofia (Braga), e de Ciências Humanas (Lisboa), onde estudam cerca de 1000 alunos.

Cr. 21.4.76

Erecta pela Igreja e oficialmente reconhecida pelo Estado, encontra-se habilitada a conferir os graus de bacharelato, licenciatura e doutoramento, aos quais, por disposição legal, se atribui o «mesmo va-

(Continua na 7.ª pag.)

real.

*

Cr. 21.4.76

Há quem sustente que o contrato de trabalho é semelhante ao do arrendamento de uma casa porque morre o senhorio mas o contrato continua. É verdade que a casa pode mudar de dono, mas o empregado continua com direito ao lugar e nem sequer pode ser despedido sem haver justa causa, ainda que a casa só dê para pagar a 20 dos 50 que tem (Constituição, artigo 52.º, b)). É uma consequência que os Constituintes não previram e por isso ou algum sai a bem ou a firma vai ao charco e ficam todos sem emprego mas nenhum foi despedido! É o que está a acontecer, caso para clamar como já ouvi que isto, tirando a liberdade de falar, está pior que dantes. Bom, mas o certo é que o contrato de trabalho tem algum quê de contrato real.

O melhor é todos fazer por que se evitem falências.

ACÁCIO TORRES

COISAS DE LUN

Marcos Abril
n. 14/77 (Cont. da)

em 243 mil). O Arcebispo de Luanda (branco, de Vila de Rei — perito de Tomar) resignou. Passa um negro a arcebispo. S. J. A.

10 — JUGOSLÁVIA (comunista) — Há jornais católicos. O governo é acusado de querer acabar com eles.

11 — LITUANIA (um país que foi livre e a Rússia meteu ao papo) — um documento assinado por 540 mil católicos lituanos pede ao governo russo que deixe de perseguir os católicos lituanos. Ouvidos poucos!

12 — CHECOSLOVAQUIA (comunista) — Uma engenheira católica, fez um trabalho pelo qual ia receber um prémio do Governo. Os adversários apresentaram contra uma foto dela em peregrinação a Roma e visita ao Papa. Pronto! Lá se foi o prémio e despedida! — Nove (9) dioceses não têm bispo. Os 4 que há são fiéis ao governo...

13 — RÚSSIA — Como na Ro-

Cartas

3 ad. 24

A estátua do Bispo de Limira

Senhor Director de O «Badaladas»

Vi a notícia do modo como foi votada a expulsão do vosso D. Rafael. Como trabalhei na vossa Vila, tive oportunidade de estudar algo da sua vida e história e sobre esta escrever as Coisas de Torres.

Também eu fiquei espantado do desterro a que os que levantaram a estátua a votaram — e não sabia que serviu para prender animais... A notícia sobre o Homem vi-a num folheto simples que um rapaz do povo me emprestou: o Pedro do Barrete Preto. Quer dizer: Torres teve um filho ilustre — e não são tantas as estátuas que levantou aos seus — mas não o quer nem ao fundo da Várzea. Que se passa então?

Se forem a Barcelos, por exemplo, lá hão-de ver, a estátua do bispo D. António Barroso: no imponente largo da Câmara, numa estátua que honra os homens que a ergueram, voltada para Remelhe, a aldeia donde esse barcelense é natural — como D. Rafael o é do Varatojo.

Mas os ilustres votantes — uns propondo e os outros calando o bico

ao Dire

3/77 TR. 24/3/77

sem consulta às gentes do concelho nem do Varatojo nem da Vila, resolveram já que voltemos a 1834 ou 1910? Pelo menos pode-se suspeitar que é isso. E decreto não é. Esperamos que o ilustre sr. Leal de Ascensão justifique aqui a sua proposta. Porque decreto não será ainda a necessidade de desviar a estátua por ali ir passar a auto-estrada de Lisboa a Torres em cuja previsão esteve o vosso Tribunal de Trabalho.

E é tudo por hoje, sr. Director, para não ocupar larga mancha no seu prestigiado jornal e só agora por na semana de 3/3 não ter tido tempo de escrever esta minha carta.

Com os melhores cumprimentos e pelo respeito que entendo dever-se a quem foi mais além do que rastejar apenas e desagravo aos do Varatojo aí vai esta a que o sr. Ascensão não deixará de dar resposta. Assim o espero da lisura e honradez a que nos habitueu.

13-3-77.

Francisco de Almeida

Brasileiro. 27/5/78
Tenho em mão a certidão de parte de um processo que correu em Braga, por 1820.

Foi o seguinte:

a) O abade de Galegos, João de Macedo, que tinha a renda de 1.200.000 reis, resolveu, distribuir o saldo por 2 sobrinhos e outros, a saber: 1) sobrinho António José de Macedo, reitor de Quirás; 2) sobrinho João Emílio, minorista; 3) José Gomes da Trindade; 4) Padre Bernardino de Oliveira

do que, tudo pago, ainda ficam ao abade 175 mil reis (fls 15); 5) Que além dos 110 mil, se impõe a pensão de 30 mil para o Trindade (ver supra), 20 mil para o Bernardino (supra), 90 mil para o João Emílio (supra), 190 mil para o Lourenço (supra), parente do marido da D. Emilia, com a condição de que: a) o João Emílio dará, enquanto vivo, 40 mil à Arriado; b) o Lourenço dará 100 mil a Faria, mãe da D. Emilia, a viver no Menino Deus, em Barcelos, e outra de 30 mil ao Padre

Traduc. da Bula
da Silva e Lima; 5) Lourenço de Magalhães Pimentel; 7) D. Luisa Arriscado; 8) D. Maria Teresa Correia de Faria; 9) D. Maria Josefa de Magalhães Pimentel; 10) P. João Luís da Silva.

E, para tanto, foi o principal interessado, reitor de Quirás, obter do Rei licença prévia (fls 13 e 13, v.º da certidão que cito, do Ara Paron) e obtida, requerendo em Braga (Autos de Bula Apostólica de Pensão — fls 2, v.º da certidão); depois obteve a Bula em Latim, ano de 1820 — fls 3 a 12), dada por Pio VII.

Houve entrefanto a Revolução de 1820. A Bula foi ao Beneplácito régio por despacho do revolucionário Fernandes Tomás (fls 13, v.º).

Dado ele pela Junta respectiva e pago o selo, foi a Bula junta aos autos de Braga. Aí, o reitor de Quirás veio dizer, em 7 Artigos que ele Provará em resumo:

1.º Ser o próprio de que fala a Bula; 2.º Que J. Macedo é abade de Galegos e de Quirás, anexa, as possue há mais de 3 anos e que Galegos (importante a ignorância) «he de Apresentação de Leigos Nobres por fundação,

(Continua na página 4)

(Continuação)

Brasileiro. 27/5/78
date e existe presentemente todo o seu Padroado em Dona Maria Emilia Lopes de Azevedo Pereira Pinheiro e Sá; 3. A pensão obriga João de Macedo e seus sucessores, abades, é dada «com igual consentimento da dita actual Padroeira» e é do montante de 110.000 reis em 2 prestações cada ano (Ano Novo e S. João) no lugar em que o dito reitor viver, sem encargos; 4) Que Galegos e Quirás rendem 1 conto e duzentos

O ruir de um padroado

João Luís da Silva; 6) Que ele, reitor, está pronto a cumprir os 60 mil à D. Maria Josefa, donzela nobre, parente do marido da D. Emilia (ambos viviam em Braga); 7) Que ele é pobre, etc..

Foi nomeado inquiridor (para os «provará» ou quesitos) o abade de S. Veríssimo, Joaquim Clímaco da Costa que teve como escrivão o Padre Manuel Paulo de Vilas Boas (fls 19).

Feito o inquérito, o bispo auxiliar de Braga (o arcebispo era o franciscano Madre de Deus), Vaz Pereira, proferiu sentença dando a pensão ao de Quirás (fls 20).

NOTAS:

- 1) sobre os abades Macedo, ver minha Galegos; 2) só forçada pelos novos tempos (e viu a tempo), a D. Emilia cedeu, mas porque deve dizer-lo o processo de Braga e a licença real; 3) T. Fonseca viu na Lama que o de Azevedo (D. Emilia era-o) venceu o padroado

em 1536; 4) a soma das pensões era o valor que D. Emilia arrecadava de Galegos? Que magia! 5) Porque foram as pensões parar a 2 sobrinhos do abade? O Emilio morreu minorista (livro dos defuntos de Galegos); 6) este reitor de Quirás sucedeu ao tio em Galegos em 1831 (há processo de 1818 do abade João contra um de Arcozelo por causa do moinho de Freitas) e foi saneado em 1834, substituído pelo abade Costa e reintegrado em 1840 por Portaria de Costa Cobral.

Como ruíram os outros padroados?





Flávia Renf. 1.ª Questão: este livro lença dardos, estará na Câmara de de falecidos (não

I am per ju m.

Há no arquivo de Galegos (não sei como foi lá parar) 1 manuscrito de 5 folhas, datado de 1822, que é certidão do punho do cartório de Vilar, Moura Coutinho, referente ao «Prazo chamado de Aldeia» situado em Galegos. Moura Coutinho passou certidão do que constava de «um livro encadernado, que tinha por título Prazos de Galegos», o tal de Aldeia vinha a fls 71.

1.ª Questão: este livro (enca
dernado) estará na Câmara de
Barcelos?

Censo da Póvoa

No que se refere a «casais», o leitor tem várias informações na obra de Armando de Castro «Evolução Económica de Portugal». Quanto a bibliografia sobre História Social pode ver O Socialismo em Portugal, pg 369, do dr. César Oliveira e do mesmo, pg. 365, História Económica. Veja-os com respeito.

na Estivada (Estebada) que tem a Nascente o prazo «do Porto» e do Sul D Teresa de Barcelos e mede

na Estivada (Estrebaida) que tem 2 Nascente o prazo «do Porto» e do Sul D *Teresa de Barcelos* e mede 18 x 3 varas; 11.^o) — Leira de *Spos* (na Estivada); 41 x 22 varas; 12.^o) —Leira do Ribeiro (rio do ~~Rogo~~) 24 x 38 varas; 13.^o) —*Linhares* do Grilo (leira); 95 x 6 varas; 14.^o) —*Escorregada* (1 leira) com 0 Rego a Norte; 71 x 33 varas; 15.^o) —*Valdomil* (leira); 78 x 56,5 va- ras; 16.^o) —Cortelho de *Fraião* (1 leira) que tem a Sul a estrada que vem de *Barcelos* (hoje, caminho) 40 x 10 varas; 17.^o) — Leira de *Borda Carreiro* (na posse de D.

na Estivada (Estebada) que tem a Nascente o prazo «do Porto» e do Sul D Teresa de Barcelos e mede 18 x 3 varas; 11.^o) — Leira de Spos (na Estivada); 41 x 22 varas; 12.^o) — Leira do Ribeiro (rio do Brogo) 24 x 38 varas; 13.^o) — Linhares do Grilo (leira): 95 x 6 varas; 14.^o) — Escoregada (1 leira) com 0 Rego a Norte; 71 x 33 varas; 15.^o) — Valdomil (leira); 78 x 56,5 varas; 16.^o) — Corteijo de Friação (1 leira) que tem a Sul a estrada que vem de Barcelos (hoje, caminho) 40 x 10 varas; 17.^o) — Leira de *Porto Carrero* (na posse de D. Teresa e outro): 54 x 3,5 varas; 18.^o) — Na Senra (1 leira) que tem a Poente o Caminho da *Agra de Barreiros* e a Sul «terra da Quinta do Paco» com 194 x 4 varas; 19.^o) — Leira (mais a Sul); 204 x 4

e Manhente

3/6/22
326
da 1.^a página)

varas; 20.^o) — Na Semra (mais a Sul); 200 x 10,5 varas; 21.^o) — No Pussais (1 leira); 74 x 10 varas 22.^o) Idem (outra leira); 95 x 5 varas; 23.^o) — Em Pinhais (hoje Pinhôi) uma leira de 39 x 8 varas 24.^o) — Campo de Balinhas; 89 x 87 varas.

CONCLUSÃO

Temos assim que este Casal tinha as parcelas pegadas, ou relativamente perto umas das outras. Em comprimento dariam uma hédade com cerca de 2.100 varas (quase 2,5 kms) e umas 440 varas (meio quilómetro) de largura.

parte do Nascente com *L. Teresa de Barcelos*, e do Sul com o Rego e tem 93 x 25 varas; 10.^o)—Leira

principais dele ficavam exactamente na Ágra do Pinheiro (ver acima).

Date 3/6/78

perante ministro NUTANCI, etc.

Refere, a única vez, que o abade de Diogo de Sousa (Barcelense de 4.3.78) que presidia ao inquérito para a feitura do Tombo era «Abbadie da Igreja de Gallegos». Ficamos assim a conhecer um 4º abade de Gallegos do século 16 (ver minha Gallegos, p. 30 e Bar-

O prazo de Aldeia (prazo ou casal) constava de 24 parcelas. An- tilgamente devem ter formado uma quintra, mas já em 1518 (Tombo) aparece certa casa que é sede ou centro ou (assento) de certos ter-renos, mas dispersos. Este casal foi de Manhenite (convenio) e pas-sou para Villar por 1450, como a al. Costa Fernandes ensina na Monografia de Manhenite. No Tom-bo de 1518 unica se referem ter-ras de Villar, mas sim de Manhen-te, só contrato de 1822 em que se trala de Villar. Logo, Villar herdou o que forra de Manhenite.

III

No Tombo de 1518, referem-se em Gallegos as Agras, da Casa Nova, da Cabana, da Felgueiras, do Pinheiro, etc., bem ditto, por-que eram as Agras. Hoje só a um taçar 5 ou 6 grandes planuras que dão este charme «Agras», não agras.

Ora este prazo de Aldeia Bica hóje só a um sitio se chama «Agras», não agras.

— common? II 328

principais dele ficavam exactamente na Ágra do Pinheiro (ver acima).

Date 3/6/78

93 x 2,5 varas; 6°)—«*Cortelho das Macieiras*», a sul do Rego com 42,33 x 5 varas; 7°) — Leira (no mesmo cortelho) com 43 x 9 varas; 8°) — Campo do *Chonso*, peggado com terra da Igreja de S. Veríssimo, com 72 x 50 varas; 9°)— Leira Sobre o Rego da Agra «que parte do Nascente com *L.*, *Teresa de Barcelos*, e do Sul com o Rego e tem 93 x 25 varas; 10°) — Leira

MARTINHO DE

Em O Barcelense dos dias 4/3, 18/3 e 22/4, todos de 1978, fiz novas referências a este Tombo que é do ano 1518. A certidão que sisgo é do ano 1786, bem legível ao contrário do original, tem 48 folhas e só as primeiras 24 descrevem casais situados em Galegos. As restantes descrevem casais de Galegos, sítios em Roriz, em Covelo, em Alvito, em Fornelos (não Fornelos) em Campo (S. Martinho), Santa Leocádia e Qui-

O de Alvito reza assim (fls 34 verso): «Aos vinte dias do dito mês de Julho da dita era, dentro do casal da Vila que está na freguesia de Sam Martinho de Alvite,

Pôr/tu çõ, / en, e (m) pôr çõ, / en, e (m) varas; Não Sempre (1 leitra) que sem

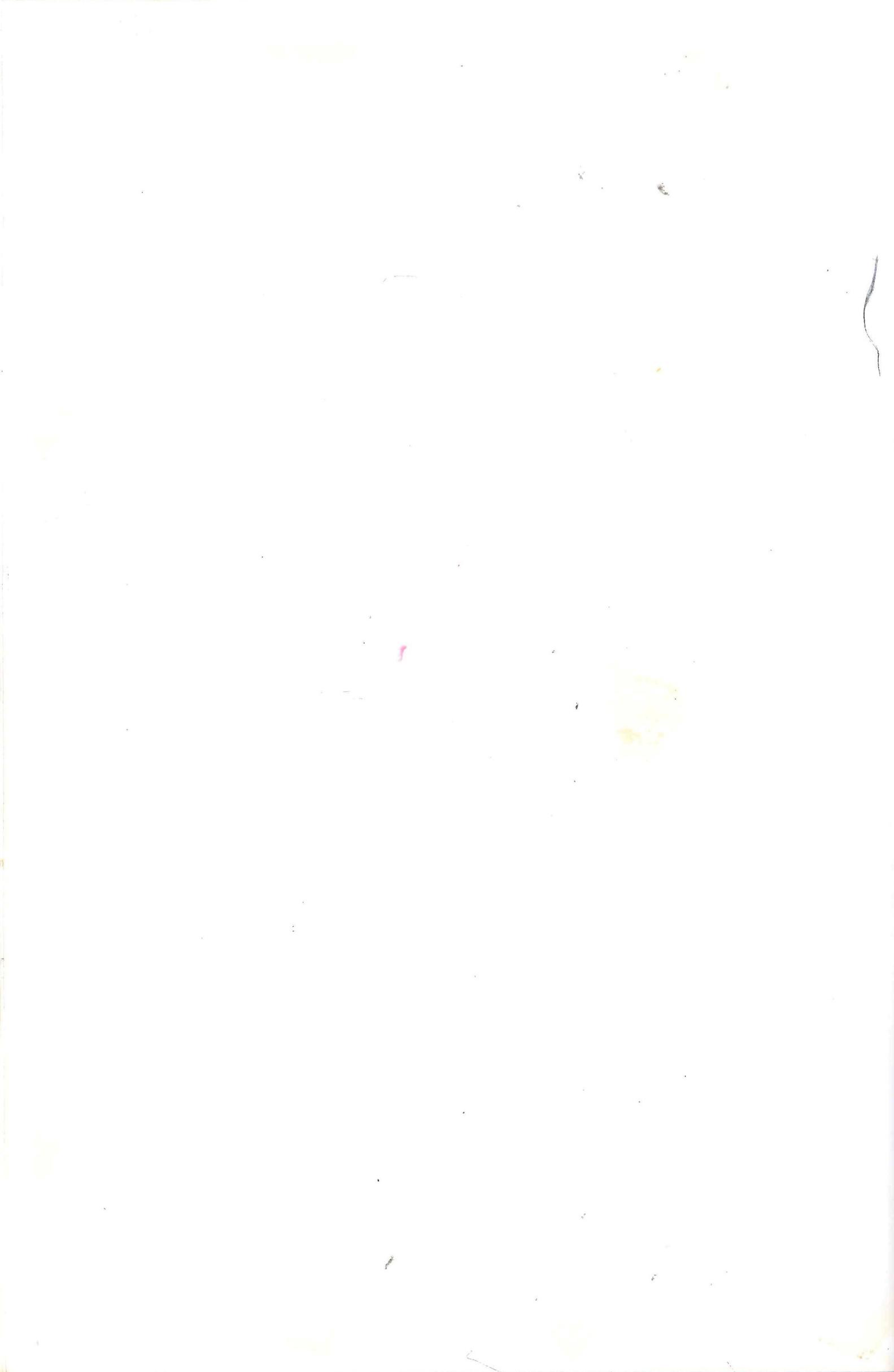
e Manhente

nº 326 3/6/24

da 1.ª página)

a Poente o Caminho da Agra de
Barreiros e a Sul a terra da Quinta do Paco com 194 x 4 varas;
19,0)—Leira (mais a Sul); 204 x 4

vars; 23°)—Em Pinhais (hoje Pinhôi) uma leira de 39 x 8 varas
24°)—Campo de Balinhas: 89 x 87 varas.



UM PÁROCO DE ALHEIRA POR 1873

pelo Dr. Francisco de Almeida

Barcelos 22/7/78. V. Bento

Reputo extremamente injusto o esquecimento a que as nossas terras votaram os seus maiores: não sabem quem fez aquela igreja nem aquele monumento nem aquela fonte nem sequer a casa onde moram. E tantos suores deram! Por ter escrito direito na minha Galegos, chamaram-me anticlerical. Fui capaz de o parecer mas lá diz o Alentejano que «o bem voa e o mal soa» ou como diz o abade de Galegos: «na história há dias e há noites» imagem sugestiva de bem e mal. Porque é que há sempre o mal ao lado e em luta com o bem, não me dizem?

Ficamos hoje pasmados como é que a cabido de Braga foi accionar uns de Galegos e Roriz por lhe não pagarem os votos de 2 alqueires por casal que lavrasse terra, isto em 1542—caso que trarei depois. Ou como foram accionados outros, por 1870, em processo judicial de primícias.

Daqui eu concluo, e não é novidade nenhuma, que muito daquilo que hoje é, não o será daqui a tempos e é preciso ver ao longe, já que não sabemos adivinhar o futuro, para distinguir muito bem o que são os alicerces e o que é só pintura—seja o que é essencial do que é passageiro.

Mas vamos ao de Alheira.

Não consegui que Alheira me informasse. Encontrei agora o nome desse pároco de que minha avó falava (padrinho dela que

Um Pároco de Alheira por 1873

(Continuação da página 1) 446

Bare 22/7/78
a certidão. O caso findou por acordo. Ora foi neste acordo que o bom do

morreu em 1961 com 85 anos). Aparece na certidão de peças de um processo que correu em Barcelos em 1873 movido pelo abade de Galegos, Macedo, contra o casal António de Abreu e sua mulher Maria Luisa Duarte, julgado pelo Dr. Manuel José Botelho, do Conselho de Sua Majestade. Anote-se que os nossos juizes tomavam posse e depois não julgavam (dava-se frequentemente), antes davam comissão a 3.º para julgar; cada época seu estilo.

Alegou o abade Macedo que o casal Abreu lhe não pagara a «primícia» (côngrua) desde 1861 a 1872, do que lhe devia 50 mil reis, à razão de 45 litros de milho e 30 litros de vinho por ano. Tal não pagamento era punido

com «multa legal», tal como se dá hoje, e então não dava, com o não-pagamento de salários.

O que alegassem os réus (quantas vezes são as piores) não o diz. abade de Alheira teve ao que parece ação de relevo. E que os réus viviam no lugar do Souto em Galegos, junto da casa onde o abade de Alheira nasceu. Chamou-se esse pároco «Manuel José Coelho», também da mesma freguesia de Galegos e assinou o acordo a rogo da Maria Luisa com as testemunhas João Joaquim Rodrigues de Vasconcelos e filho Evaristo, aquele a residir em Galegos e o Evaristo em Barcelos, ambos relojoeiros.

Foi o único documento em que até agora vi referenciado o padre Coelho e só pode ter sido este o que foi abade de Alheira por 1873. Quê? Então vai um homem de Galegos levar Cristo aos de Alheiro e Alheira esquece-o? Pretendo a biografia deste conterrâneo e a de outros como um de apelido Macedo, que por 1800 era abade em Basto (mas qual Basto? Na Vila?).

Não é preciso ser-se tão humilde que se enterrem os valores daqueles que se enterrem os valores daqueles que os tiveram como hei-de demonstrar.

16/7/78

NO CENTENÁRIO DO FILÓSOFICO ARISTÓTELES

(Continuação da página 1)

DATA: 30.9.23

água e se, invertendo proclamar que todas as mulheres são mães, minto. Com isto quero dizer que desde crianças devíamos aprender a alterar frases: nem tudo o que luz é oiro igual a só algo daquilo que luz é que é oiro.

É certo que a disciplina Matemática obriga a educar o pensamento. Mas somos maus nessa parte. Logo somos dos povos mais

capazes de se deixarem enganar com palavrórios.

É por se não atender às regras do pensar correcto que tanta gente escreve e diz disparates. Em série. Contudo, apesar de haver em Braga uma Faculdade de Filosofia, que Barcelenses sabem disso? Quantos deles acompanham, a Revista dessa Faculdade? Como é que em Barcelos nem sequer

um particular mantém um Curso de Filosofia ao menos dos aspectos mais práticos? Que jornal expõe, divulga ou discute problemas mais sérios que b+a, bá?

Por exemplo: há alguma razão para alguém se opor a uma reforma da propriedade no Minho? Anote que os jornais de Barcelos de há 100 anos se combatiam uns aos outros. Hoje, pode este dizer os maiores disparates que aquele não o contraditará. Ora isto é péssimo porque o erro, embora, com respeito, deve sempre ser corrigido.

E Aristóteles deu exemplo disso reputando sem azedume o seu próprio Professor, que foi Platão.

Oxalá o exposto sirva para estimular o estudo da sã Filosofia de Aristóteles.

(Continuação da página 4)

Um problema que Aristóteles mente estudava-se aquilo para da lógica de Aristóteles? Imediatamente respondeu: —Todas as mães são eu disser: —Todas as mães são nada (nunca mais era preta). Se eu disser: —Todas as mães são mulheres e você concordar, mete

carne e a substância pão? Como permanente, entre a substância nossa carne, que há de idêntico, que o pão por nós comido se faz resolven foi o seguinte: uma vez resolven foi o seguinte: uma vez mente estudava-se aquilo para a lógica 4. classe eram aplicações que as regras da Gramática da darão por ela. Que já reproun estudo a raciocinar com vicíos sem bateu-se apenes por que ambos certeza. As vezes, dois advogados o dia a dia, você mete água de bre problemas mais difíceis que logo; mas quando se a pensar so. pensar ou lógica. Claro: você pensa bem (não se engana) sem saber se revolucionou loi o das regras de evolução de Aristóteles. Outro sector que Aristóteles

Outro sector que Aristóteles

mete, iradicado, etc. Não basta.

não passa de rotina, uso, costu-

práxis é válida mas ela sozinha

somos tudo praticos. ora bem: a

ve e sente, para se apixonarem

por elas. Pior em Portugal por que

crítico, São Tomás, pelos anos 1280.

deste, o mestre do Ocidente ate

crítico, Santo Agostinho, e, por via

Foi Platão o mestre do filosofo

que firmou-se cá tanto como o pensa-

mento cristão. Se impressiona que

para Tomás de Aquino: Aristóteles

por Tomás de Aquino: Aristóteles

para Aristóteles (ver Mag. Vilhena

anos, se tenham voltado também

os filósofos de Leste, dos últimos

menos cristão. Se impressiona que

firmou-se este ainda é a sua

educação. Pois bem: o pensamento dos por-

isto uns 350 anos antes de Cristo,

reu tinha o rapaz 17 anos, tudo

inteligentes que no mundo houve.

Aristóteles foi dos homens mais

geniais da terra.

gal não foi esquecido. Que presta-

dial, por um ponto apena, Portu-

de Braga. Sendo congrecesso mun-

bra, antiguo aluno dos seminários

das o Prof. Cruz Pontes, de Coim-

go. De portugueses convidou ape-

morte de Aristóteles, também a gre-

co. governador da Grécia decidiu

que governo da Grécia decidiu



A influência que Sartre provocou

As agências acabam de informar o Mundo de que o francês Sartre — João Paulo, por sinal — faleceu. É aquele que após o 25 de Abril veio cá ver a nossa revolução, foi recebido pelo M.F.A. e acabou por declarar quanto este não queria. Porque Sartre com seu olhar estrábico, não tinha regras, cânones, e por isso nunca se soube o que ele queria ou ensinava salvo que se proclamava «de la gauche», da esquerda. Tempos houve que foi acarinhado pela URSS que depois o desprezou — deixara de a servir — apesar de sempre «gauche».

Era um pensador e escritor de fama mundial quase só por ser da esquerda, que viveu sem ter casado com «a companheira» Simone de Beauvoir, autora por exemplo, de A Mulher Destruída e de O 2.º Sexo. Um pensador incoerente e cujos actos foram diversas vezes o contrário dos

seus escritos. Dizia-se existencialista, quer dizer, um daqueles como Heidegger e Gabriel Marcel, que andaram a discorrer sobre o que é afinal um Homem. E como todos são orgulhosos, copiou Heidegger como este copiara o dinamarquês famoso, Kierkegaard, e disseram que todo o ser, homem, se resume em ser uma angústia porque nasce já marcado para a morte, o nada ou para passar a vida aos vómitos, naúsea.

Que trouxe Sartre de novo? Só a descoberta de que ele se sentia enojado e outros dilettantismos semelhantes a que ninguém daria ouvidos se ele não fosse da «gauche», como convém para ser homem falado, em moda. E o homem não parava: dirigiu jornais e revistas e escreveu para o teatro para levar às «massas» suas ideias. E era lido e citado. *Bud. 2/580 Pg 13*

Aconteceu até que outros filó-

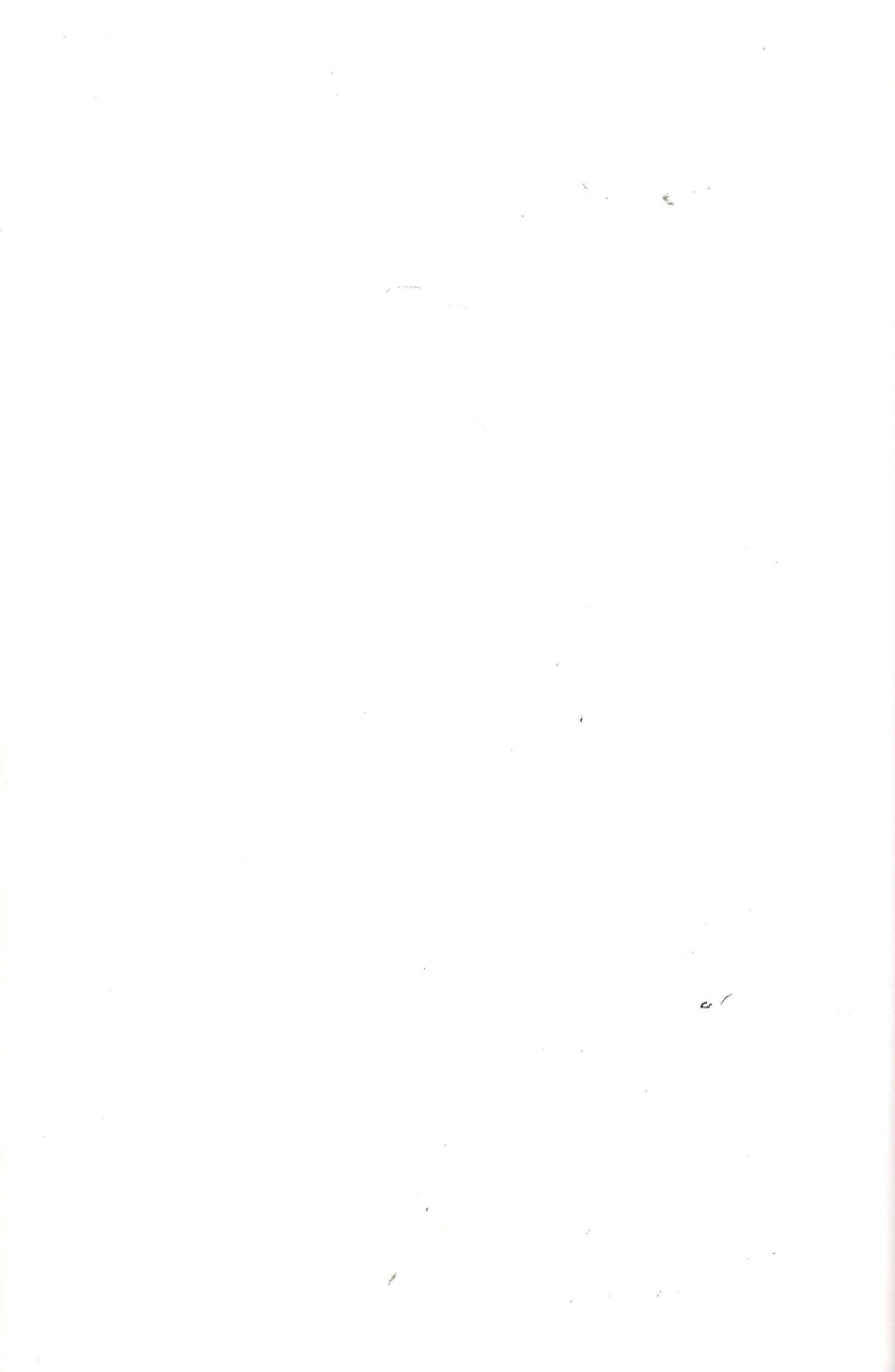
sofos começaram a debruçar-se sobre o Existencialismo e por 1946, finda a 2.ª Guerra, o tema era debatido em congresso de filosofia. Mais ainda: porque era a corrente filosófica em moda, teólogos houve que tomaram por modelo essa filosofia na exposição das Escrituras. Só que, tão avaliada era, foram levados a decretar enormes podas na Palavra de Deus e por fim a sustentar a Morte de Deus e por isso mesmo uma ciência sobre Deus que O negava, um Cristo que reduziram a puro homem, uma Igreja onde se seria cristão sem pregar Cristo e até cristão ateu. Não fora melhor para Sartre nunca ter nascido?

O Existencialismo passou de moda. Desde 1960, tanto em filosofia quanto nas catedras de Teologia, superaram novas modas ou novas Teologias, a saber: Teologia de Esperança construída a partir da teoria filosófica do comunista alemão Bloch, que, por ser em parte anti-marxista, a Esquerda não lançou às bocas do mundo; as Teologias da prática ou práxis, subdivididas ou do Progresso, da Libertação, da Política, da Revolução, etc. a quem já não interessam senão os casos da vida prática, o que é o avesso da filosofia; depois, e rondando 180 graus, criaram a Teologia da Cruz, como se esta não existisse desde o tempo dos Apóstolos e por fim regressaram à Teologia Natural, afinal tão antiga como o pensamento humano, embora para o teórico francês, Conte, como para o nosso mação e ateu, Teófilo Braga, todo e qualquer discorrer sobre Deus seja próprio sómente de mentes infantis.

Mas Sartre dizia-se tão livre que se queixava de estar condenado à liberdade, frase bonita e pomposa que também era a pompa o que procurava. Por isso mesmo leu Conte, leu Hegel, leu Marx, leu Cristo, mas não passou do absurdo da Náusea. E nem pensem que era parvo, só que o espírito humano tem demonstrado ser tanto mais capaz de errar quanto mais dotado é. De onde deriva esta contradição.

Sartre morreu, ficam as obras que escreveu ainda a fumegar e mais que isso, muitos rastros de destroços do que disse, fez e escreveu, destroços espalhados por muitas bandas. Mas sei para já se vêem só destroços, vai acontecer que mesmo deles hão-de surgir verdejantes searas de pensamento e bem eficazes ações como chuva benéfica sobre esta Humanidade de 1980.

Francisco de Almeida



O Papa visita países da África

■ por Francisco de Almeida

n. 71

PARA os leitores se situarem: a África começa ali a seguir ao nosso Algarve, passado que seja um pequeno braço de mar, e é constituída por uns 53 Estados. Destes, segundo notícias vindas a lume, João Paulo II visitará os seguintes em Maio próximo: Alto Volta, Congo, Costa do Marfim, Gana e Zaire na costa ocidental e na oriental, o Quénia.

II

Pareceu-me de interesse para os leitores procurar algumas informações sobre essas terras. Elas aí vão:

Se olharem um mapa da África, da Negritude, verão que o ocidente de África se acha retalhadíssimo em países. A divisão, retalhos, corresponde aos domínios ou colónias de outrora, não às raças que aí vivem. Por exemplo: assim como a Guiné — Bissau resulta de antigo domínio português, e havia lá diversas etnias, também o Gana não é mais que antiga colónia inglesa emancipada.

Nós fomos quem descobriu todas estas terras, não quem teve dentes para as civilizar todas. E digam o que disserem, foi através da colonização que essa selva se civilizou — ela não teve só defeitos.

III

Q. Jan. 76 / v / 80

Nas Geografias antigas, os países a visitar eram tratados em 3 linhas para casa: qualquer deles — 3.º Mundo — pesa menos que Portugal, mas alguns são maiores e deviam pesar mais. Vejamos. A Costa do Marfim e Gana são pegados e têm costa marítima. Pegam com o Alto Volta, mas este sem saída para o mar — que é o Golfo da Guiné. Os dados de cada um deles são os seguintes (Alto Volta, C. Marfim, Gana) : terra de 3 vezes Portugal, 3,5 e 2,5. População em milhões : 6,3, 5,1 e 10,4. Taxas de natalidade por 1000 : 48,5, 45,6 e 48,8 quando a de Portugal é 18 e a da França 14. Rendimento por pessoa e por ano : só dólares, 1306 e 199 enquanto o de Portugal é 1514 e o da Suécia 9094.

IV

Muito antes de Portugal ali chegar, chegaram os Mometanos que converteram quase tudo a Alá e por isso quase só os animistas têm aceitado o Cristianismo. Reparem que não são os governos a convidar o Papa mas os católicos de lá. E acontece que onde o país colonizante era católico, há mais católicos que protestantes e vice-versa. Por isso os católicos desses países são os seguintes: A. Volta — 7 por cento, C. Marfim — 10,3%, Gana — 11,9%, Congo (comunista — Congo — Braza) — 38%, Zaire — 43% e 41 dioceses e Quénia — 22%. As populações destes últimos são : 1,5 milhões para o Congo, 27 para o Zaire e 15 para o Quénia. Ai quando esta gente tiver voz !

paises de África

n. 73

a visitar: Alto Volta — 6,5 milhões com 7% de católicos; Congo com 1,5 milhões e 38% de católicos, obra dos católicos franceses de quem foram colónia; Costa do Marfim com 5 milhões e 11% de católicos porque foi colónia inglesa e os protestantes não queriam lá católicos; Gana — com 10,5 milhões, ex-colónia inglesa, 12% de católicos, Zaire com 28 milhões e 43% de católicos, obra da católica Bélgica de que foi colónia — já com 41 dioceses e Quénia com seus 15 milhões, ex-colónia britânica, com 20% de católicos. *Sexta 76/5/80*

Anote-se que o Zaire andou aqui há anos às turmas com os bispos da sua terra porque o Sr. Mobutu se convenceu de que ele é que era o Messias...

Por outro lado, e não melhor, o Congo está a ser governado por comunistas que até já assassinaram um cardeal de Brazaville (a capital). Isto em vez de construir estradas que não tem e evitar ao povo ter de deslocar-se de piroga pelos rios acima pois por terra é a selva, como relata um dos últimos jornais dos Espíritanos — Acção Misisonária.

Que o Homem Grande — como o africano nos chama e portanto também ao Papa João Paulo, arraste as restantes gentes desses países, sejam animistas, protestantes ou maometanos.

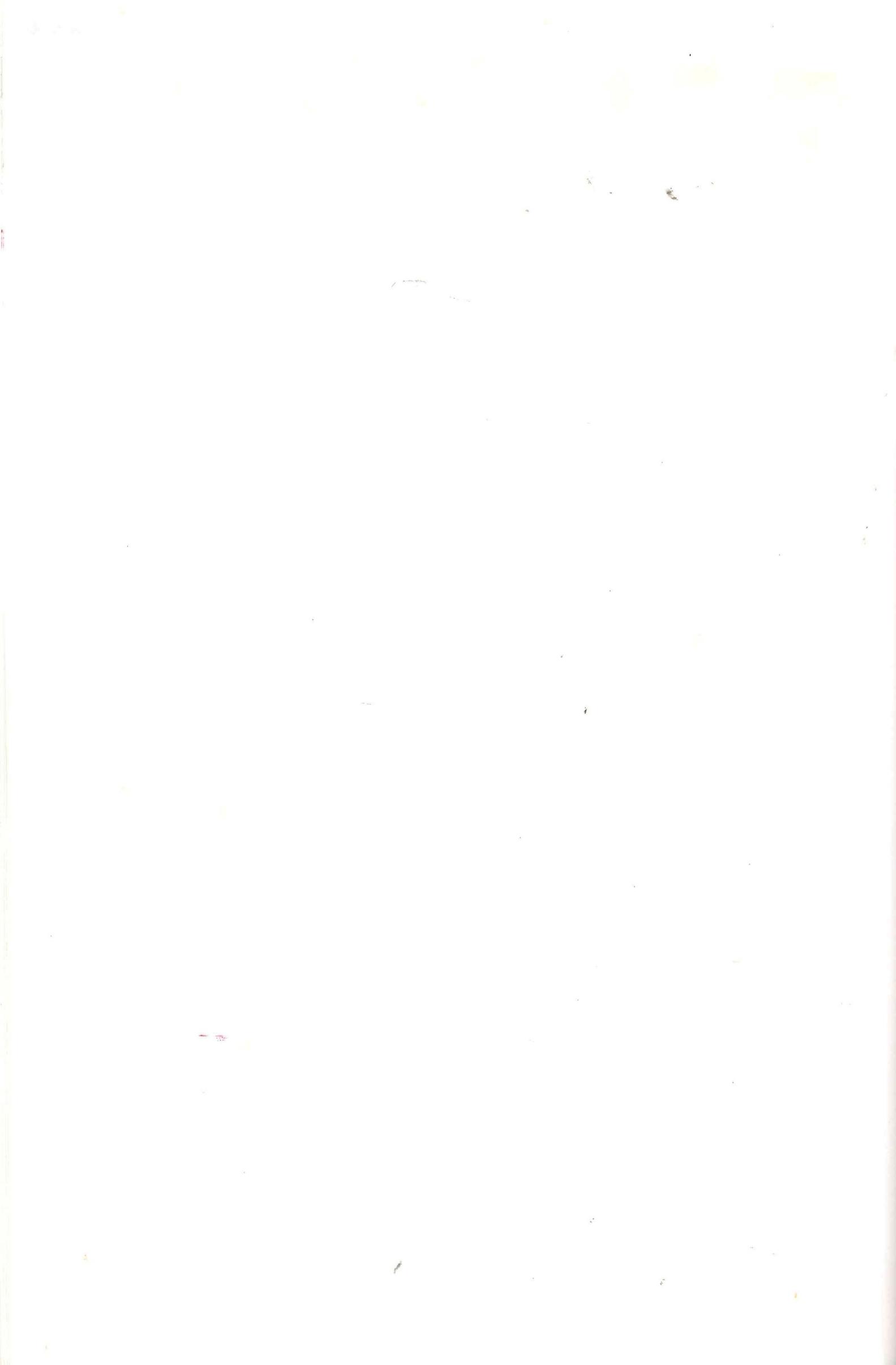
Francisco de Almeida

O Papa visita

L. Sá / 6 - 5. 80
Relatam os jornais que os cristãos de 6 países negros convidaram o Papa a ir vê-los porque celebram agora 100 anos de catolicismo. Tais países ficam na faixa costeira do Poente e São o Alto Volta, o Gana, Costa do Marfim, Congo e Zaire e o Quénia que fica na contra-costeira, oriental.

Impressiona que sendo este cristianismo apenas de 100 anos e apesar da incultura dos negros e das dificuldades dos climas e doenças e do desconhecimento que se tinha destas terras até 1850, haja já tantos católicos. Comparados com as percentagens dos das Américas não são ainda nada, mas os das Américas foram baptizados por atacado, há mais de 400 anos e são outra raça. Vejam números: Argentina — 26 milhões, 93% de católicos, 41 dioceses; Brasil — 113 milhões (como o Japão), 88% de católicos, 146 dioceses. Nos outros países são semelhantes.

Na África é diferente pelas razões expostas e também porque desde há séculos, como já Camões o testemunhou nos seus Lusiadas, os maometanos fizeram grande parte dos africanos aderir ao Alcorão e tento ardido, raro se voltam para Cristo. E por isso que no Egito, por exemplo, que já tudo foi cristão até aos anos 600, de quase 40 milhões, 91% são maometanos e os cristãos apenas 7% dos quais só 162.000 são católicos. O panorama é diferente nos países



OS BARCELENSES E A FILOSOFIA

No dia 15 de Outubro findo, escreveu o Sr. Dr. Falcão Machado neste jornal que — «em Julho passado, reprovaram, na

prova escrita todos os exames que em Barcelos fizeram exame de filosofia.» Que calamidade! Os filhos dos nossos são destituídos?

Perante tanto chumbo, as gentes de Barcelos hão-de dizer: coisa difícil, isso de Filosofia! Que será isso? Os mais práticos perguntarão logo se isso dá pão. Vi em Beja o Manual de Filosofia adoptado na URSS no 2.º anos das Faculdades (tradução portuguesa). Só fala de Marx e Lenine e contém menos saber que o antigo compêndio do 6.º ano em Portugal. Se o professor barcelense só leu pelo Manual soviético, a explicação está dada.

Contava Aristóteles que os antigos Gregos gostavam que lhes chamassem «sábios». Ora bem: um dos maiores sábios em Matemática não tolerava que lhe chamassem senão estúdios, um filósofo amigo do saber. Definiu Aristóteles: Filosofia é uma ciência (não qualquer) que se adquire só pelo raciocínio (o fósforo), trata de tudo quanto v. haja, mas só procura os porquês

(Continua na pág. 4)

7.6.29

Ver 6/29

(Continuação da pág. 1)

10.7.81

condutores não são até inteligentes?

A Filosofia! Difícil, sim senhor, mais que as Matemáticas e todos sabem que só raras aves dão alguma coisa que se veja em Matemática (é o próprio Dr. F. Machado quem aqui o tem constatado). Ninguém se evidenciou em Matemática, Direito ou outros ramos sem ter veia filosófica. O estudo dos escritos filosóficos não é só útil, é indispensável? Se os barcelenses não entenderem isto, nunca sairão da cepa torta.

Reprovaram — todos — no exame de Julho! Há que modificar isso.

Francisco de Almeida

10.7.81

563

VIII

mais fundos. E o pavão do nosso Verney a dizer que o saber porque é que a água sobe na seringa é filosofia. Os problemas fundos que ao homem se põem são como estes: o homem que nasce e morre não é um absurdo? Ou tem ele um destino além da morte? Suponhamos que a lei diz que todos podem furtar. É possível uma lei dessas? Matai-vos uns aos outros. Pode ser? Se não porquê? Porque é que se constata que tudo no Universo obedece a pesos e medidas certas? Se não fosse tudo certinho como se conseguia que a Lua que anda, não chocasse com a Terra? Não chocam os automóveis e combóios? E os

10.7.81

563

VIII

Santos e Horácio — São Vaz —
com seiscentos contos cada e o
sócio João Afanuel da Cunha
Rocha, com trezentos contos.

O Ajudante
António Gordinho de Abreu

A E C O Z E N E

NATAL NO MINHO

À Noite de Natal é uma luz d'uma verdadeiro clareo de amor, amizade e fraternidade que aquece a vida humana de tal modo que só a sua lembrança já faz reviver os corações pelas horas de euforia de uma graça solenctural que faz com que brotejam da intimidade das famílias os sentimentos mais nobres e puros que na face da terra podurão existir.

À igreja católica ao culto morar o culto do Nascimento do Menino Jesus cunhare assim para reviver o culto da família essa amizade entre os povos. Esquecem-se malqueridas, afastam-se maus impulsos, e um único desejo brota das almas, o desejo humano e natural de se passarem bons momentos em paz e alegria entre os amigos, procurando sua visar as incertezas de uma vida arrabulada, trazendo a paz e a ventura aos corações dos homens. As aldeias da nossa província, de origem cristã, voltam um ver-

vel simbolismo religioso. O se-

culto Irmam todas as almas no mesmo crisolito de alegria brilhante.

Marques, filho de **José Gomes** e de **Maria Rosa Brás**, de **Rio de Moitos**, com **João António da Costa Gomes**, filho de **António de Jesus Gomes** e de **Lucinda Gomes da Costa**, de **Arcozelo — Barcelos** e **Joaquim Vigário de Sousa**, filho de **Artlindo F. de Sousa** e de **Cândida G. Vigário**, do lugar da Igreja, com **Maria Rosa do Vale Marques**, filha de **José G. Marques** e de **Maria Olinda do Vale**, de **Goios**.

Aos jovens casais, os nossos parabéns, com votos de vida longa e feliz.

ACIDENTES

Há dias, fracturou um braço o nosso amigo Abel Brás Santamarinha, de **Goios**. — Também fracturou uma perna o menino **Rogério Eiras Novo** de **Lemos**, do lugar da Igreja. — Ultimamente também teve de ir para o Hospital de S. João do Porto, onde foi operado de urgencia, **Joaquim**

inverno, o seu inicio no dia 21, com a parte recreativa que constitui bem a actuação de um conjunto musical. No dia da festa oponente dia, houve da parte da marcha missa solene com comunhão, e da parte da tarde, sermão e procissão encena da Senhora do Emigrante. No final, seguiu-se a exibição de um novo conjunto musical que se prolongou pela noite dentro.

CASAMENTOS

No dia 21 de Dezembro, na capela de S. Lourenço, uniram-se pelos laços do casamento, **Manuel Pires da Silva**, de Vila-Chã, com **Mariâ» Vitória do Pilar Enes**, de Marinhas;

— No dia 3 do corrente, na Igreja Paroquial, de **Guadalupe** mesmo dia, **José Torre da Silva** e **Ana Maria Monteiro da Silva**, ambos de Vila-Chã.

Aos novos lares, os nossos votos de felicidades.

A Mulher vista pelo homem e vice-versa

(Sarauz)

CS 231.81 por FRANCISCO DE ALMEIDA

Vou só observar umas coisas que me foram sugeridas pela leitura de um livro que se chama assim: A Mulher diante da Vida e do Amor, da canadiana, ginecologista, já falecida, doutora Marion Hilliard. Desta mulher, que ficou solteira, direi que me parece ter sido muito mais ilustrada e de um valor humano fora de série.

Numa grande percentagem, tanto homens como mulheres, desconhecem-se a si próprios tanto como ao outro sexo. Isso é uma carência injustificada e prejudicial. Nem me digam que o casado já conhece as mulheres por conhecer a sua cara-metade. Não conhece. Nem me digam que a casada, por conhecer seu marido, conhece os homens — é induzir demais, concluir em excesso.

A Dra. Marion traz esta revelação de que poucos homens suspeitariam: a maior amargura que pode atingir uma mulher é a de ficar sabendo que não pode ser mãe (pág. 19). Pergunto-me por que segredos da biologia feminina é que elas sentem tanto sofrimento por terem 1 filho.

Esteve para casar, conta ela, com um engenheiro que ela adorava mas tudo se frustrou deste modo: trabalhou no hospital noites seguidas, saindo no dia em que o noivo voltava de um trabalho que teve no exterior. Foi jantar com ele e deram um passeio. Enquanto ele ia falando dos projectos para os dois, ela adormeceu, de fatigada que andava. Ele não ralhou: levou-a a casa dela, acordou-a e despediu-se com um seco «boa noite», casando-se em seguida com outra.

Destino, dirão as nossas leitoras! Eu não sei o que foi, mas o noivo perdeu, decerto, muito com a troca.

Não pensem que esta mulher escreveu para se ver ao espelho como

me parece que a muito boa gente acontece. Entre os milhares de mulheres que a foram consultar, também foi a esposa do director de uma revista feminina. Após o consulta, o marido achou que sua mulher tinha melhorado muito. O director quis saber o segredo e pediu-lhe artigos para a tal revista. Não escrevo que não tenho tempo! Afinal, acabou por ditar a sua enorme sabedoria, gos bocadinhos, em artigos sucessivos, que deram este livro.

Já vou longe demais quase sem tratar do tema. Quero eu dizer, em resumo, que já não basta aquele saber empírico da experiência, ou da prática, para os homens se conhecerem a si próprios. Nem basta às mulheres. Precisam, eles e elas, de ler para aprenderem os muitos segredos que cada um de nós é. E elas, os muitos segredos que elas em si são. Mais: que eles estudem o que elas (suas mães, suas mulheres, filhas, irmãs ou netas são). O mesmo estudo têm de fazer elas em relação a eles: só intuição, não basta.

Estou a lembrar-me de um casal em que à mulher se deve tremenda operosidade e persistência. Há dois filhos. Ele esteve estes últimos anos no Estrangeiro. Que se passa na alma dele para mal a ver e nem aos filhos acarinhar? Verdadeiramente! Alguns casamentos são desastres. Aqui a culpa parece quase toda dela por a todo o custo ter querido aquele para marido — não são almas gémeas nem capazes de se complementarem. Nenhum vá ter com outro por interesses, quaisquer que sejam. Sem almas rectas, uma para outra, o casamento vai terminar em bofetadas, lágrimas e rancores. Mas leiam o livro. Não é um conselho, que não dou, é uma necessidade para as nossas gentes.

CS 231.81

May 92 - copia à Rua da Praça da República

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página anterior) 6.26

Tom A. P.

aborte. E depois? Pois é: se ninguém está preocupado com servir a Deus, onde é possível, agora, que queiram ser religiosos ou religiosas? E andou o sr. Robespierre a fazer legislar, há 200 anos, que há um Deus!

Mas isto leva-me a contar-lhes esta história que se deu aí na cidade. Um miúdo de 9 anos foi com os pais à feira. No fim das compras, regressava a casa quando dois moços, frades af de St.º António, se dirigem para os três e lançam esta ao miúdo: — tu não queres vir estudar connosco? Contou depois o rapaz que, sem saber porquê, disse logo defendendo-se: — não tenho ainda a 4.ª classe.

Ripostaram os religiosos: nós damos-te lá a 4.ª classe. E teve de atalhar, sem mais argumentos: — não quero. Com isto, os dois grupos separaram-se.

Ora quando foi mais crescido, o rapazito começou a olhar por si abixo e perguntava-se, dizia ele: porque diabo é que os franciscanos se me dirigiram? — Um mistério! Porque é que lhes respondeu ali, logo, não, em vez de deixar a resposta a dar para uns dias depois?

A angústia maior do moço era a de procurar adivinhar o que lhe teria sucedido se não tivesse dito «não». E comentava: pior do que já me sucedeu não podia ser.

E o problema que eu ponho é este: de qué depende o curso da vida de cada homem, de cada mulher, de cada nação? Só deles?

Nem pensar! É ver que o nosso conterrano ainda hoje não sabe explicar porque é que disse não aos dois «fradinhos», que o convadiram: não teve porquês, disse não e mais nada!

Diz o nosso Autor (pg. 24): «nunca houve tantos celibatários como os há hoje em dia» (leia, solteiros); «a infidelidade conjugal quase reduzida a sistema»; «a poligamia existe de facto»; «a mulher casada... continua a aceitar os rendimentos (galanteios) dos homens como se fora solteira».

Se isto era verdade já em 1840, como é que Deus ainda não pegou em enxofre e num fósforo e não fez crestar toda essa repolhada?

A isto quero dizer que o mal já vai nas aldeias: uma já não casa lá e sim na Capital do Norte. Depois deita o marido as favas e vai-se à procura dos ares da terra. Aí, como a «gente não é de pau», enamora-se de um cunhado, namoro que lhe acarreta valente dose de castigos que ela, das boas, não deixá sem premeditado preço, pago à ponta de faca no bucho.

Era uma vez uma bolinha de neve, muito pequenina, que começou no alto do Facho e foi descendo, rolando e embolando por ali abixo. No fundo estava uma bola tão grande que «arrebitou» com muitas casas ao bater nelas. A bola de neve desfez-se, mas as casas caíram. O mal foi a bolinha de neve ter-se formado e não ter sido esmagada, ou desviada, enquanto grande não era.

Bom: o livro conta coisas que são de arrepiar como a do roubo feito pelos «liberais» no túmulo do próprio S. Francisco Xavier, em Goa.

Oxalá não tenham sido barcelenses!

Francisco de Almeida

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

COISAS DE LONGE E DE PERTO

1840 - Pedro Dinis

1389

Veio parar às minhas mãos um livro publicado no ano de 1854, em 2.^a edição, que se chama: *Das Ordens Religiosas em Portugal*. Tem portanto 128 anos. Ora já af defendi que precisamos de ler os documentos de 1850 para explicar como era a vida dos barcelenses de então.

Convém dizer que não li o livro, senão aqui e ali, como se deve fazer quando não há tempo para mais.

É que 1.^o está o dever e só depois a devoção, ler isto ou aquilo. Provavelmente até haverá aí barcelense que possua esse livrinho, de 293 páginas e gordo índice, que um Pedro Dinis escreveu muito escorreitamente. Se ao lê-lo falhar, queiram fazer o favor de vir corrigir.

1750. Minha • 8/5/82

O que causa pasmo é ver que, afinal, pelos anos de 1835 a 1850, as coisas andavam por aqui tão «péssimas» como agora em 1982. Por isso teria o Cristo dito (dizem na minha aldeia): — fica-te, Mundo! Vamos aos factos porque o livro interessa como monumento de História Social.

Pág. 13: «Liberais de boca e liberais de coração». Se onde está «liberais», puserem «democratas», os leitores ficam a saber do que se tratava: uns eram falsos liberais, tanto como certos democratas de agora.

E eu digo: como esta «peste» é velha! Diz ele: «os verdadeiros liberais (leia democratas) querem a felicidade da Pátria e não podem vê-la juncada de ruínas». A este respeito merece encómosos a ilustre colaboradora D. Ercília — que não conheço senão do que escreve. E lamento que tenham secado as penas de outros *nossos* defensores do Bem. Não que eu concorde sempre com ela. Só que ela mexe-se e outros nem tugem nem mugem.

Afinal, em 1800 e tal (1.^a edição do livro) como agora, são os que o Autor chama de *Filósofos* (pág. 18) os que, ao contrário do que seria para esperar, pior mal causam a Portugal, ao «nossa Povo», que o Dr. Cunhal trás sempre na boca (não no coração — ao menos não creio no que ele diz). Também só crê neles quem quer acreditá-los. Curioso será dizer-lhes que lá na minha terra alguns recebem jornal dos filhotes do Cunhal. E lêem-no às escondidas. Porque terá de ser às escondidas? Vejam lá se nas vossas aldeias também é assim. Ninguém perde nada por andar de olhos abertos na vida?

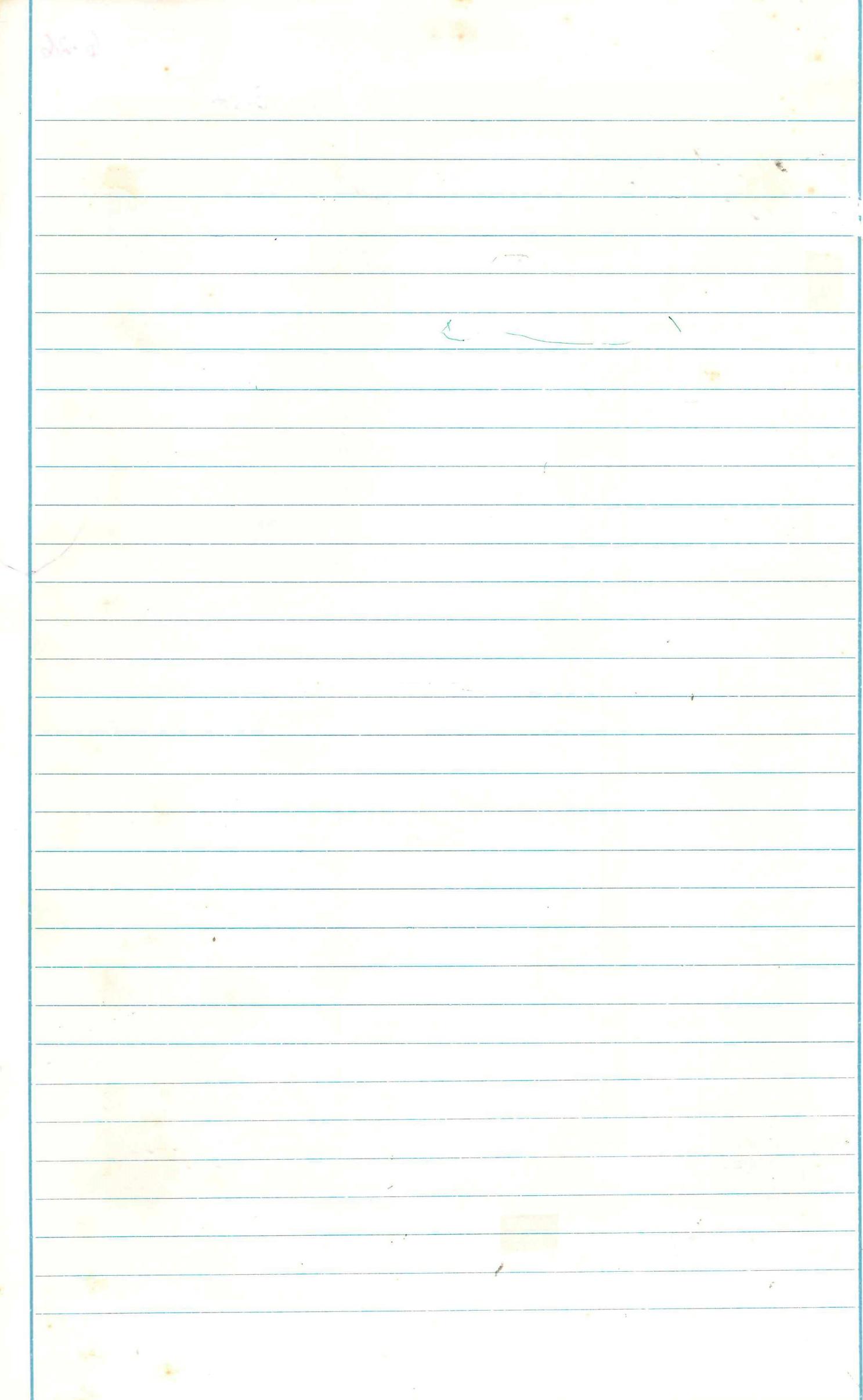
Não sei se o Autor exagerou ao relatar que após 1834 as mulheres portuguesas degeneraram bastante.

Como foram os factos entre as barcelenses? Defendam-se as feministas.

Vejam lá que para proibir os frades e freiras, diziam os *filósofos* de então que era preciso fabricar mais gente (pág. 22). E agora se luta por termos gente a mais — logo, querem que se aborte, aborte,

(Continua na pág. 4) 6-25

- Sorany -



Para a História Barcelense

O Diário do Abade de Galegos em 1870

de uma casa na praia da Apúlia,
etc.

Desconheço se terá havido muitos conterrâneos dos anos passados que se dessem ao trabalho — e minúcia de escrever um Diário ou ao menos as suas Memórias. Se não houve, é pena, porquanto nos ensinariam muito com seus ditos, casos, observações. Mas o de Galegos escreveu não bem um Diário, mas antes um caderno de Receitas e Despesas que vai de 1/9/870 a 31/8/871.

Claro que também escreveu para os mais anos (por exemplo, 1876), mas só encontrei este de 70-71 e o de 76. O mais ter-se-á perdido.

O DOCUMENTO

Tomem meia folha de papel selado, dobrem-na ao alto em duas, cosam pela dobra várias folhas e aí têm um caderno semelhante ao que o abade referido, António de Macedo, natural do Cabo, na Ucha, fazia. É manuscrito a 2 cores: quase sempre, castanho; às vezes, azul.

O tal quarto de folha, ou folha de caderno dividiu-o em colunas: à esquerda: Extraordinário; ao centro a casa gasta (comprada) ou vendida; à direita, ordinário. Assim:

Extraordinário
4000

Imposto de... Uma pipa
de Vinho

Ordinário
3000

Nas 1.^a 4 folhas estão as receitas. A seguir, as folhas das despesas, (ordinários e extraordinários), como nas receitas.

O VALOR DO DOCUMENTO

Elucida-nos sobre como vivia um pároco há 100 anos, sobre os valores da pipa do vinho, de um porco na feira de Barcelos, sobre o custo

OS VALORES ANUAIS DAS RECEITAS E DESPESAS

De receitas ordinárias, as parcelas somam 264.560 reis; as extraordinárias foram de 161.660 reis. Total: 426.220. Uma receita é-me estranha — e dará muito que escrever.

(Vem da 1.^a Pág.)

ver: a de 72.100 de juros; vinda da «Hespanha» (de 2 semestres ou 1 ano). Se abatermos essa, extraordinária, aos 426.220 supra, fica-nos a receita anual de 354.120 reis. Vamos ver que equivale a umas 27 pipas de vinho, naquele tempo — mais caro, parece-me, que agora).

Ora o abade teve de despesas nesse ano (70/71) o seguinte: ordinárias, 188.575 reis; extraordinárias, 289.855, o que dá o total de 478.430 (não utilizei calculadora). Mas a receita de 426.000 é menor, então, que a despesa, em uns 50 mil reis. De facto há verbas em que se vê que o abade tomava (pediu) dinheiro a juros (pagava juros).

Transcrição de algumas verbas desse documento. Setembro/70:

A)

«15.600. A 17 (dia do mês de Setembro de 870). Dos orfãos meus sobrinhos do Cabo p.^a pagam.^o de manifesto». (Está como receita extraordinária).

B)

«Minha assistência do off.^o «(offício) 1260». (É receita normal, ordinária).»

Obro

«A 1. foro do P.e João do Monte — 360». = «40. S.to Amaro e off.^o até 8 — 640». = «2 certidões p.^a a orfam — 500».

= «Ate 19 inclus.^o de pensão do Ant.^a S.^a e João Martins — 13.900». = «2 pipas de vinho p.^a B.^o — 27.000».

= «remissas de m.^o alvo de Pires e obrada de m.^o (mesmo) — 1200».

«Certidões e banhos da Teresa Ferr.^a — 420». = «25 — S.to Amaro».

N.bro

«Fieis de D.^a (Deus) — 2685».

Dez.bro

«36.265 — D'Agora ardente (?) almudes a 2600» = «3000... e bagaço q. vendi queimado» = «De proclames — 2.200».

Jann.^o (1871)

«Foro dos Viscainhos — 1080» (moravam em Braga). = «Até 15. S.to Amaro — 8190 fora a cera dia de chuva». = No 2.^o Domingo de S.to Amaro fora a cera — 4805» = «No 3.^o Domingo fora a cera 305».

Fev.^o

«... do Dr. Macedo do resto da pensão, e obrada e pensão — 3820». = «5.900.20. Do porco q. se vendeu em B.^o» = «500 S.to Amaro até 12». = «300 de huma laranjeira q. cahio seca».

Abrial

«Ovos q. se venderam p.^a doceiras 725 — 750».

Maio

«607. S.to Amaro». = «off.^o e Missas cantadas — 1260».

Junho

«500 cravos q. se venderão em Braga, lá ficou o din.^o p.^a ella».

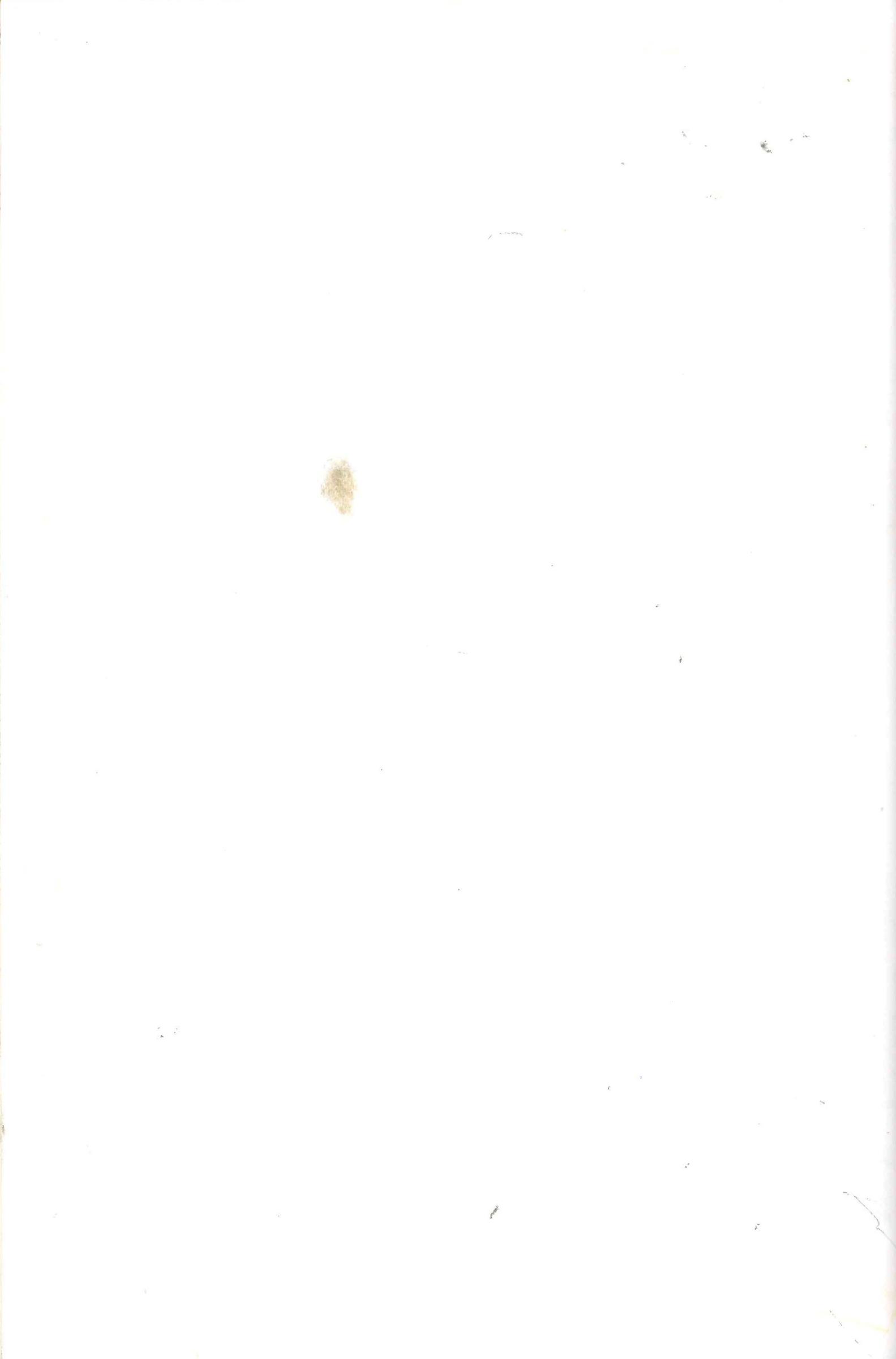
Julho

«5000. Da lenha de pinheiro da Bouça q. vendi ao Castanho».

Ag.^o

«O bradorio da Neves rendeo 180» = «120. S.to Amaro».

Francisco Almeida



SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

POR Dr. Francisco de Almeida

Acabo de receber uma Separata à revista Bracara-Augusta. Tem 18 páginas e mandou-ma o Autor, Cónego Vaz. O título é: « Liturgia Bracarense das Primitivas da Igreja » — quer dizer: é uma das 4 ou 5 que vêm dos Apóstolos. É assim? Vamos por partes.

A 1.a: assim como existe o direito a um campo, há também um Processo para defender, em Tribunal, esse direito. E até vários tipos de processos. Do mesmo modo, a Liturgia é o conjunto de processos de tratar com ou as coisas de Deus: de fazer os Sacramentos, de os aplicar, etc.

A 2.a: não há Etnologia que não descreva fórmulas e actos de os povos selvagens tratarem com o divino. Por exemplo, o casamento entre os Tanganas (da tribo Banta em Moçambique e África do Sul): « O marido e a mulher agacham-se na esteira) mais bonita. E nesse momento que o pai da rapariga vai praticar o rito religioso (halha): O pai fica de pé, atrás dos recém-casados... dirige-

-se aos manos dos antepassados e diz: « Meus pais, meus avós (chamados pelos seus nomes) ouçam! Hoje, minha filha deixa-nos... Olhem por ela e acompanhem-na, lá onde vai morar. Que ela também funde uma aldeia, que tenha numerosos filhos, que seja feliz, sensata e justa. Que se entendam bem com aqueles com quem vai viver ». (de Usos e Costumes dos Bantos, pg. 112). Esta sequência de oração e o estar o pai de pé e os noivos agachados é um conjunto a que se chama Rito ou ritual. **O Barreiro. 16.1.82**

A 3.a: portanto, o conjunto religioso, Missa, é um Ritual; o casamento, outro; o Baptismo, outro. O conjunto desses ritos forma uma Liturgia, por exemplo, a de Braga (diocese).

A 4.a: os cristãos da Grécia fazem Missa, mas com gestos e palavras diferentes de nós: seguem o rito Bizantino. Casam diferente de nós, etc.. As grandes Liturgias são: a de Roma ou Ocidental, a de Bizâncio, a de S.

João Crisóstomo, a de S. Marcos. Donde: a de Braga é uma diferenciação da de S. Pedro e há outras sub-liturgias: a da cidade de Toledo (perto de Madrid), a de Lião (sul da França ou Gália) e a de Milão (norte da Itália).

Ao dizer que a barcelense é das « primitivas » (é a mesma de Braga), quero dizer que é tão antiga como a de Milão, de Lião, de Toledo, de Roma.

As provas da tese ou afirmação

A 1.a é que apareceu um Missal, escrito à mão, que data dos anos 1100 (tem uns 880 anos). Encontraram-no em Vila Real, solar de Mateus e por isso lhe cha-

(Continua na quarta página)

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi Braga (Mateus) que copiou pelos de Cister ou estes pelo de Braga? Ou ambos copiaram de um mais antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister pelo das Gálias? O das Gálias copiou pelo de Toledo, dos anos 600 (século VII) ou o de Toledo e de Braga pelo das Gálias? Ou todos eles copiaram por o de Roma dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos

600 (século VII) ou o de Toledo

e de Braga pelo das Gálias? Ou

todos eles copiaram por o de Roma

dos anos 500? Problemas!

SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DE S. PEDRO

DE S. PEDRO

(Continuação da página 1)

O Barreiro. 16.1.82

mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velhinho — tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do 1.º

documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar — um estudo maravilhoso, do Padre Dr. José Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E

querem saber? As cerimônias desse, de Mateus, são quase as mesmas — até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister). A 2.a é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gália), outra vez há igualdade quase perfeita. **O Barreiro. 16.1.82**

A gente põe-se a cismar: foi

Braga (Mateus) que copiou pelos

de Cister ou estes pelo de Braga?

Ou ambos copiaram de um mais

antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister

pelo das Gálias? O das Gálias

copiou pelo de Toledo, dos anos



A PROPÓSITO DAS AULAS DE FILOSOFIA

(Continuação da primeira página)

Ainda outro queria saber se há ou não há um Ser que seja o Causador, o Construtor, o Pai de todos os outros seres — porque repou que, quanto vemos, vem de outro: António é filho de José e Joaquina (nunca só dele ou só dela), o ponto vem do ovo, o berro da vaca.

Mas quem, quando, como, com quê e para que, fez que o casal desse António, a vaca parisse berro (e não gatos), o milho desse milho novo e não uvas? Que forca tem esse construtor para assim fazer que as sementes frutifiquem? E criou-se um ramo filosófico a que chamaram Teodiceia (Teodosias): estudo acerca do Ser Supremo. Não inventou esse Ser, descobriu-o pela obra que ai há: pelas plantas, pelos animais, pelos astros, pelo exame dos próprios

homens e mulheres.

E perguntou-se: se eu pego em 40 mil pegas e ponho um automóvel a andar, sou menos sábio que o Ser que pôs este Cosmos todo a andar. O automóvel é meu, que o fiz eu — e ai dele se não faz como lhe mando. Logo, ai de mim se não faço como o Construtor de mim quer que eu faça.

Mas o Ser Supremo para que é que me fez? Posso fazer o que me apetece? Que devo fazer? Há ações que mereçam prêmio e outras a merecer castigo? Qual castigo, onde e como? E assim se criou a Moral, a Ética, como ramo da Filosofia. Tudo saberes fundos! **O Barc 19.XII.81**

De modo que todos esses Caminhos do Saber é que compõem a Filosofia toda: um saber para além do das outras ciências, que são úteis, mas incapazes de ir ao fundo das últimas perguntas que os homens se fazem a si próprios. Ora as filosofias dos liceus e das faculdades não passam de pata-

DE AULAS

cuados: que Raut disse, que Hegel afirmou, que Marx ensinou, que Lenine está embalsamado sem que já era pó, cinza e nada (apesar de muito que falou contra o tal Ser Supremo). Isso não é Filosofia.

Nem sequer os rurais podem viver sem Filosofia: porque é há-de ele trabalhar, se tantos recebem sem suor? Porque é que há, e tem de haver, um Estado, uma Autoridade central, única, nacional? Ainda a há? Que ganha um sujeito em ser Virtuoso, praticar o bem, como: não roubar nunca, não dar à língua, não rachar a cabeça a certos canalhas, não fugir com a mulher do vizinho (que até queria que a levasse), não abandonar os filhos? Ou tanto vale, desde que a Judiciária lhe não deite a gadanhão? Para que fins existe o Estado? Está a cumprir-lhos?

Por falta de Filosofia capaz, daqui a 10 anos, estaremos ainda pior.

Outro senhor filósofo dedicava-se a estudar o Universo material: A Terra, os astros, as pedras, tudo como seres partíveis (divisíveis) ou não — e até ao Infinito — como e porque é que são extensos (comprimento, volume), como e porque é que se movem, etc.. Era a Cosmologia (Cosmos, Grego, Mundo).

Um outro dedicava-se só ao ser vivente (vivo): que se move, que cresce e morre, que pensa. Porque, que é a vida? Que é a morte? Que falta, rigorosamente, ao cadáver para andar, respirar, falar? Era a Psicologia. Experimental e Racional (deduzida pela razão, cabeça).

(Continua na página 4)

A Propósito das Aulas de Filosofia

v. Daqui a 10 anos

26.23

v. 6.27

v. 1a Micaelina

6.29

Desconheço qual é actualmente o programa das aulas de Filosofia, seja nos Liceus seja nas Universidades. Mas, por aquilo que vejo os rapazes estudarem, é claríssimo que em Portugal tais aulas, de Filosofia, só têm o nome. Deve ser por isso que tantos se opõem ao estudo de tal matéria.

Não é nada Filosofia: é uma palhaçada, um discurso muitas vezes incoerente, um montão de opiniões. Nada de provas. Tal como vêm sendo dadas, são pura perda de tempo. Para os nossos mestres, a Filosofia nem sequer é uma Ciência. E como a dão, têm inteira razão, mas a culpa é deles.

Então, vão dizer-me, que se deve estudar ao dizer Filosofia? Eu pergunto: deve dizer-se do homem que sabe leis que ele é um legista ou um jurista? das Faculdades: são de leis (como se dizia em 1820) ou de Direito? Que diferença há entre Lei e Direito?

Os antigos, que eram muito atilados e penetrantes pensadores, estudavam o corpo humano, os animais e as plantas e as pedras, cada um com sua arte: médicos, biólogos, astrónomos. Se se juntassem todos em Congresso, perguntavam-se: que há de comum entre todos esses objectos? É que em todos há esta constante: são,

existem. São seres». E um deles, filósofo, abstraiu de tudo e ia investigar, ler, escrever, procurar o que é isso de ser. E assim se criou um ramo novo do saber: a Ontologia (de ons-grego-ente, ser). Ontologia é a Teoria ou Ciência do Ente, do Ser em abstracto.

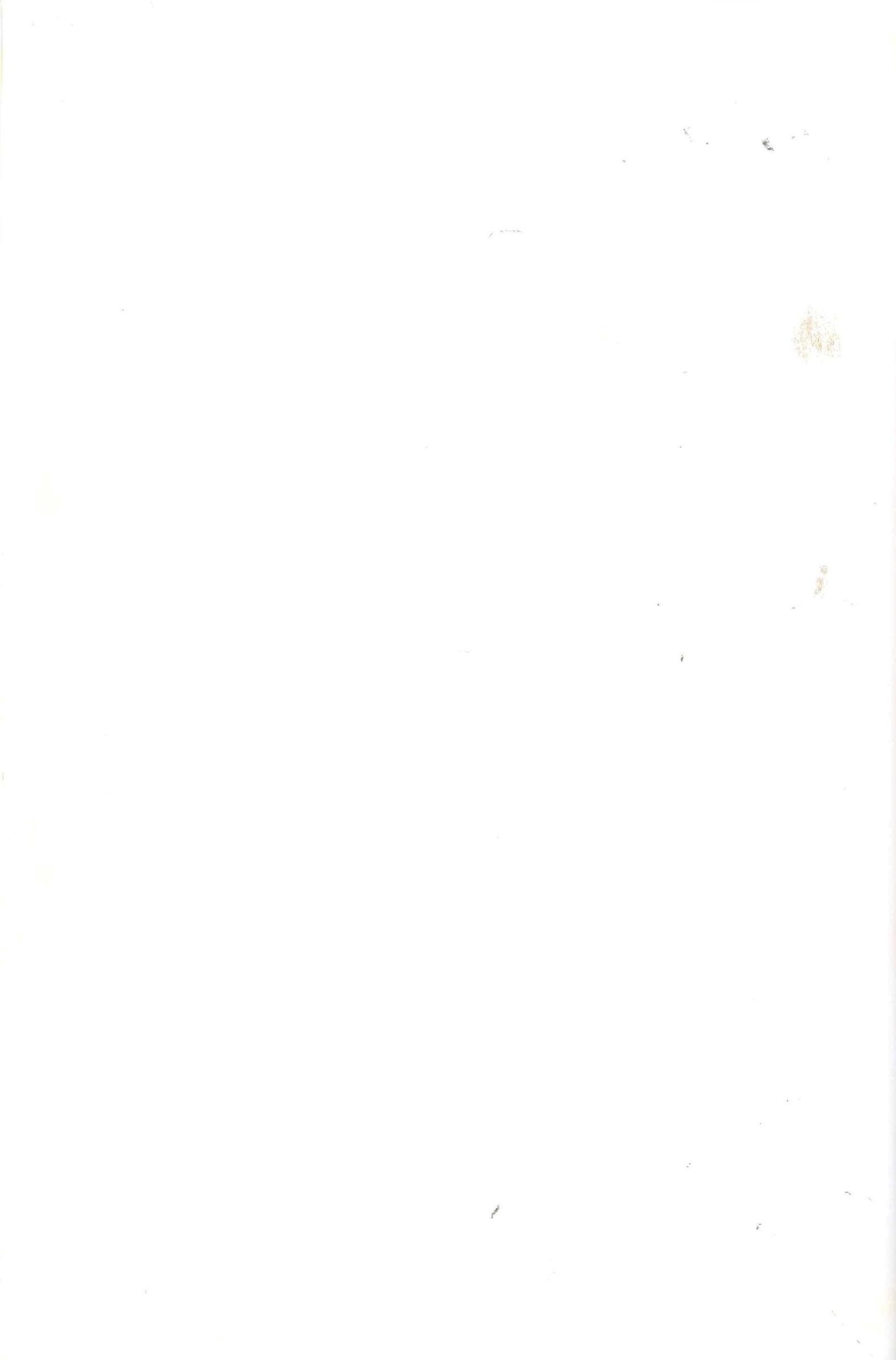
E fazia esse estudo abordando o ser por dois lados ou causas: quem o fez ou produziu? Para que é que o fez? **O Barc 19.XII.81**

Com base nisso, já respondia ao que um gaiato de 9 anos perguntava há dias: porque é que há Terra e Lua e Homens e Deus, em vez de não haver coisa nenhuma? Sabem responder?

POR

Dr. Francisco de Almeida

26/23



HISTÓRIA DA FILOSOFIA - M. V. N. F. M. 25.XII.81.

766

de 6/29

teria então andado eu, não caindo? E o 3º: a pedra lançada ao ar, necessariamente cai ao chão (não me interessa aqui saber porquê); e eu, perante uma coisa que me pareça boa, não serei logo levado, obrigado, a tentar caçá-la? Se obrigado sou, então livre não sou. Mas se livre não fui, como pode um Tribunal (o Estado) condenar-me por a ter caçado? Seja o 4º: há 150 e tal Nações, cada uma com o seu governo. Para quê e porquê governos? Não era melhor deixar as populações — com guerrilha civil — matarem-se umas às outras até se fartarem? Não era melhor essas nações todas fazer referendo, unirem-se numa só e com um só governo?

Aí ficam problemas para os meus amigos dedicarem. Já foram dadas respostas a tudo isso, cada uma a mais diferente da outra. Por isso é que Partidos, por isso há seitas, por isso há estudiosos e comerciantes, sábios e cavalgaduras, etc.

Filosofia. História dela. Que pode esta ensinar-nos no ano de 1981?

Nunca ouviram falar em Kant? Eu digo: filósofo alemão que

Isto obriga a ser humilde: quem virá a ser este mocinho a quem agora, 1981, ensino o abc? O tal Kant escreveu, num livro (Crítica da Razão Prática, que anda aí em tradução de 1967) suas teorias sobre como ensinar meninos — também ele pedagogo (qualquer professor estuda essas coisas).

Veio Hegel e mandou Kant para os infernos. Veio Marx que passou além de Feurbach. Veio Lenine a suplantar Marx. Só Estaline não se impôs: nem na URSS já falam dele. O mesmo se dá com Mao, o da China.

Mais nos ensina a dita: que até 1800 e tal estes pensadores europeus eram uns regionais, já que desconheciam quanto de nobre e bom tinham inventado Indianos, Chineses, Persas e outros povos raciocinadores. E ainda: até aos anos de 1500 havia serenidade filosófica. As pessoas preocupavam-se em não dizer disparates. Depois, foi um ver-se-te-avias: é melhor aquele que diga mais novidades ainda que tudo sejam disparates. A vaidade sobe e tudo quer descobrir coisas: a Medicina, a Matemática, etc. Resultado: já

Afinal quem causa as mudanças das Civilizações? São os filósofos quem põe problemas à Física, à Matemática, aos Letrados ou são as Ciências, Artes e Letras quem faz os filósofos saltar de campo para campo, de Teoria para Teoria? As ideias não se guardam em gavetas como o mel nos favos das abelhas: elas circulam 1000 vezes mais, agora, que há 100 anos (Televisão, etc).

Hoje não é fácil a um filósofo, matemático, etc, vender suas teorias: cada um que fale é vigiado, através das Revistas, por milhares de outros (nas Américas, na Europa, na Ásia). Para uma ideia se impor, só à pressão, força, movimento (e os políticos deram por ela): não procuram a verdade, sim o proveito, honras, mando.

Faz-me isto pensar: a) se a doutrina da nova Encíclica do Papa traz Filosofia nova; b) não sendo sob pressão que não é, se pode ter adesão dos homens do nosso tempo.

Seja como for, o Papa das estepes é quase tão «positivo» como Conite e é capaz de arrasar muita coisa.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Nome _____ N.º _____

Disciplina _____ Curso _____

Lisboa _____ / _____ / _____ Rubrica do Docente _____

Classificação _____ Obs.: _____



26/23

Alguns Ensinamentos da História das Filosofias

25.XII.81

11024

n 766

POR FRANCISCO ALMEIDA

Disse «filosofias» porque não se pode dizer que haja um só sistema filosófico a ser abraçado. Falo de filosofia, apesar de muitos leitores nunca terem estudado nada disso. Debruço-me sobre a história delas, apesar de tudo quanto antes fez o 7.º Ano, ter estudado alguma filosofia, apesar de nada saber do que foi a história dela. Então, dirão alguns, falar disso é menos que falar de cozinha chinesa a esta gente que tem uma boa cozinha miñota. 11.fam.25.XII.81-2 pag.

Aí eu digo que a observação é muito bem feita, mas... então não é verdade que quase toda a gente gosta de saber coisas novas? Para quem a não estudou não é a Filosofia um saber novo e prestigioso? Então falo.

Dou exemplos de problemas filosóficos em que todos os povos cultos, estudados, pensaram. Seja o 1.º: porque será que um homem nasce e tem de morrer? E o 2.º: qual teria sido a minha vida, e a tua e a daquele, se eu, que casei, não me tivesse casado? Haverá alguém que saiba que caminhos

viveu de 1750 a 1800 (50 mísseiros anos, mas que lhe bastaram para dar um pontapé forte em todas as sabedorias antes dele). Inventou em teoria chamada Criticismo, que deu brando. Daqui a 1.ª lição da dita História da Filosofia: quando aparece uma nova Teoria que pareça boa, as teorias anteriores são logo sepultadas. D onde a pergunta: qual será a Teoria ou as Teorias que irão seguir nossos filhos daqui a 20 anos? Se alguém souber, é favor dizê-lo aqui.

A quem é que sepultou Kant? Nada menos que as do famoso francês Descartes, que viveu de 1596 a 1649. E também as dos ingleses Bacon (1626) até Hume (1776) e as de outro alemão, Leibniz e Wolf, além da filosofia geométrica de Espinosa. Quer dizer: fez a todos esses o que eles já tinham feito a outros filósofos.

Daqui posso pensar: porque será que todos os novos refeitam as ideias, teorias e filosofias dos seus professores — que os ensinam? Grave situação: vem o aluno, anos depois, a ensinar quem foi seu professor!

se não atacam ideias erradas; aproveita-se, sim, o que de bom pareça haver nos escritos de qualquer filósofo.

Concluo: De 1500 em diante é-se cada vez mais vaidoso; deixou-se de atacar os erros para tentar unir os homens — que se separaram em bandos rivais — aproveitando o que de bom haja em cada bando, filósofo ou religião.

Ora isto é uma incrível mudança dos hábitos dos homens. E a seguir, em que sentido se farão novas mutações? Se estamos e está tudo mudando, que princípios, regras, coisas, ideias, serão imutáveis? Se nada for imutável, é estúpido andar a educar os filhos, nossos ou dos outros.

Outra lição: há hoje 900 Cadeiras Universitárias a mais que as dos anos 1500 em que seriam umas 100 (não havia uma Cibermética, uma Psiquiatria, etc). Por este andar, de sermos tão sábios, daqui a 20 anos há-de haver 2000 Cadeiras, que custem dinheiro. Haverá dinheiro para tanto Professor? *segue →*

2. III-22

Na morte do ex-Abade de Gallegos

(Continuação da página 1)

Socialmente, era um génio muito vivo, observador atilado, avisado e atento e por isso estava a par das horas e sitios a que, no escuro da noite, faziam reuniões alguns «democratas» daqueles lados. Mas desta faceta nunca, decerto, os de Gallegos suspeitaram. Além disso, era uma alma jovem, promotor e feitor dos cuidados, também materiais, de que Gallegos precisava. Um aglutinador de esforços e de pensamento que reunia logo à volta dele toda a gente de bom senso e de boa vontade. E as obras surgiram, em contradição, é certo, do que dizem as Constituições desse 1910: «em vez de separação, unidos os esforços da igreja e das juntas — numa simbiose e entendimento que deu brando e mereceu louvores a todos: ao abade, às juntas, ao povo. V. N.º 31. X. 81.

Volto a dizer: aquele abade devia ter sido sepultado em Gallegos porque, por adopção, era nosso. Ao menos deve ter lá um busto que o recorde, não às crianças sequer, porque eram a alma dele, mas aos vindouros. E os mesmos — quase todos — que o acompanharam ao túmulo, se quiserem, vêem-lhe erigir um obra ou surge do povo ou é irrelevante e sem sentido. E merece-o: que obrigação tinha ele de viver ali, tão só, a cuidar do povo de Gallegos? Um de Ga-

legos não mandou o cabeção às urtigas? E merece-o: não deu ele àquele povo, para além do seu trabalho espiritual e moral, até o seu automóvel e o tractor e o dinheiro e o trabalho mesmo físico?

E deve tê-lo: porque Gallegos tem poucos monumentos e nem humum que lhe recorde homem que vivesse entre eles. E deve tê-lo: como forma de Gallegos lhe ser grato. E deve tê-lo: como forma de Gallegos mostrar fé honrando nele o homem de Deus, o defensor e companheiro dos homens — almas e corpos, homens e mulheres.

Bem sei, que não era um buror crata com paciência para os arquivos. Bem sei que não eram os livros ou teorias o forte dele. Era outro temperamento, era o homem de acção que em vez de ler, manejava o seu rádio-amador, em vez de requerer, subia as escadas dos Ministérios em Lisboa, sempre em benefício dos outros.

Num artigo de jornal reunido no livro «Mensagem», o falecido arcebispo, D. Francisco, escreveu: «Ser bispo, tarefa árdua e perigosa». E eu acrescento que também ser pároco o é: árduo e perigoso (e os de Gallegos sabem que assim é).

Sirva este para honra do grande abade Joaquim porque, por agora, não darei mais notas. Francisco de Almeida

1.º aniversário — Algumas notas

432

I Vieram dizer-me que, em Barcelos, se estranhou que eu não avesse escrito uma nota aquando desastre que vitimou o que foi abade de Gallegos, Padre Joaquim Ferreira da Silva. Mas por que havia eu de escrever se fui a vários a fazê-lo, nomeadamente o meu amigo Angelo em *Lamego, 1.º. 1915*

Dr. Francisco de Almeida
V. N.º 31. X. 81.

lado, é impossível fazer menção de quantos aniversários passam. Há que escolher: ~~dos festejos não fez a história~~ (concluiam por conversão lógica). Só dos que vale a pena).

Mas quem era o abade de Galegos? Eu lhes digo, pelo que dele conheci durante conversas anuais. Fisicamente, era uma trave que respirava saúde e boa disposição, apesar dos desgostos que alguns lhe provocaram e das privações a que familiarmente se via submetido. Moralmente, era um desses lutadores desconselhados, ombro a ombro com os povos de que era pastor.

Bastará dizer-lhes que foi bem mais corajoso que o arcebispo de então, D. António, também vilcondense: coragem que lhe conseguiu ser levado pela Pide para Braga ou Porto (já não recordo) onde o retiveram 5 dias. Porquê? Porque, pároco na região da barragem da Caniçada, defendeu aquela gente das prepotências, abusos e tentativas de fraude dos empreiteiros e autoridades da barragem — donde ser, na mente desses senhores — um agitador (e a Pide servia, também, para «acalmar» os que exigiam justica).

(Continua na pág. 6)

BARCELOS e a CRITICA HISTORICA

(Continuação da página 1)

free!
Barcelos

Braga — 422

testemunho da Memória Histórica — 1867. Os mais citados, não valem porque são repetidores: Barc. Revista, a Raridade, o Port. Antigo e Moderno, etc.

Pergunto e atrevo-me a sugerir: não seria de maior interesse que a Confraria do Senhor da Cruz editasse num folheto os 13 artigos de C. B., mesmo tais quais saíram? Se sim, vendiam-se às centenas nas Festas das Cruzes de cada ano.

Já escrevi que preferia ter visto C. B. a dar-nos textos inéditos — ainda por publicar. Por exemplo: que mais há sobre o Matias Pais de Faria — negador, vencido, do milagre das cruzes?

Viveu por 1632 ou 40 anos antes do Tratado Panegírico? Parece-me que vi o Instrumento (escritura) relativa ao tacto das Cruzes.

A experiência do Desembargador Martim Afonso Coelho, que se me perderam os artigos 1., 2. e 4. Acontece que acreditar ou não na aparição das Cruzes é livre para cada um de nós. Mas fica-se impressionado com o testemunho da Nobiliarquia cujo autor era do mais culto e sério que tivemos por 1670 — era desembargador e hei-de falar dele.

Depois veio a obra de Costa — 1.ª edição de 1706 ou 1712 — e é recolha semelhante à feita pelo Dr. Teotónio para o «Barcelense» de 1937. Depois vem o

O culto teve de ser autorizado por Braga. Qual o texto da Provisão que autorizou? Sobre que requerimento e de quem (texto)? Que deu o inquérito (vistoria) para ser autorizado? E preciso pôr o Arquivo Distrital de Braga a falar e nem será difícil, afora a leitura da antiga letra dos textos (mas Braga tem paleografos). *V. N. 24 X 81*

Não vi até agora textos paroquiais que se refiram às Cruzes de Barcelos. Parece, assim, que os párocos de 1500 e 1600 não acreditaram. Se não, como não levar às aldeias um aparente tanto espantoso? Evidente que iam às Cruzes (festa) e venham a imagem do Senhor Santo Cristo, como dizem os Micaelenses (Açores).

Como é que das Cruzes se passou a epidemia de Passos? (Senhor dos Passos, procissão dos Passos — ver Lama, Vilar, etc., em Barcelos Aquém e Além). Ora a Cruz venera-se todo o ano. Agora em Maio — e isso vem do Oriente, Santa Helena. Mas os de Barcelos vieram em Dezembro. Porque se mudou? Concluo que isto anda muito atrapalhado, ao que parece.

Então a Confraria só tem Estatutos desde o tempo do Papa Paulo V ou 1609? Faltam documentos de 105 anos (1504 a 1609). E que por 1630 foi o tempo de vários falsos cronicones (ver as patranhas em que caiu até um arcebispo e ilustrado

Barcelos e a Histórica

(Continuação da página 1)

escritor como o foi D. Rodrigo da Cunha — o da 1.ª História de Braga (texto famoso em guarda nos Reservados da Biblioteca de Lisboa). Que disse este D. Rodrigo sobre as Cruzes de Barcelos? As Cruzes são caso único em Portugal e no Mundo. O caso tem de ser esclarecido.

Evidente que, tenha existido ou não, isso nada tira do valor da Santa Cruz de Cristo. E por duvidar-se das Cruzes que agora já não fazem em Barcelos a religiosíssima procissão das Cruzes? Ai os nossos catedráticos tão alardinhos com a vanguarda europeia que queria destruir todas as procissões para vos tornar protestantes! Essa vanguarda marchou e já secou. Hoje, os de Barcelos, ainda com ela alinhados, estão já atrasados. Dêem corda ao relógio e façam a história crítica destas nossas festas. Sem medo que a Verdade não tema luz do meio-dia nem carece de lunetas. Mas tenham cuidado de pensar que só os de agora é que são inteligentes. Pensar isso é orgulho, presunção e crassa estupidez.

Francisco de Almeida

(Continua na pág. 4)

A Monografia (histórica) de Freixo

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Alguns dos senhores leitores hão-de conhecer umas Lições da Pedaçogia e de História da Educação escrita em 1918 por um republicano de gema que foi Alberto Fimintel, Filho. Nessa época estudava-se a história da Educação exactamente para demonstrar que não foram sempre os mesmos assuntos que se ensinaram ao Povo. Mais: que cada Nação ensinava à sua gente matérias diferentes. Dediçava-se daí que cada terra e em cada época ensinava aquilo que lhe parecia ser necessário aos «vindouros», para bem se governarem na vida. *Ser 23.X.81*

Assim: uns só ensinaram matérias abstratas e artes tais como Aritmética, Geometria, Astronomia e Música; outros ensinavam também regras de Moral (ou de Conduta: pessoal e social e religiosa), etc.

Na Cultura portuguesa são vários os campos mal conhecidos: como foi variando o elenco de cadeiras nas escolas primárias? Como foi evoluindo o vestuário das pessoas? Como foi evoluindo o pensamento de solidariedade da Nação ou pensamento social? Como eram as casas que por cá se habitavam desde o ano 1000 até agora? Como evoluiu a preparação dos alimentos (cozinha)? Desde os anos 1850 começou-se, também por cá, a escavar tudo e em toda parte: até as freguesias queriam saber quem foram e como foram nas épocas passadas. Herculano deu-se a pôr tudo em causa na História de Portugal. Do mesmo passo, as cidades mantiveram há anos e falado também

vilas. Depois, a febre pegou-se às aldeias — que também são gente para travar (e verificar as Histórias gerais,

e abstractivas da vida dos povos). Em 1979, até uma pequena terra de Portalegre — Porto de Espada — teve publicada a sua História pela mão de uma curiosa filha da terra, que não tem mais que a 4.ª classe. E saiu obra de muito mérito e de muitas páginas. Agora, em 81, é a vez da Prof. a D. Laurinda Araújo, poeta bem conhecida dos leitores, dar à luz a história da sua terra — Freixo — com uma apêndice sobre Anais. *C. Ser 23.X.81*

Saiu aqui a notícia desta obra mas se bem recordo, não houve ninguém que se debruçasse a analisá-la. Nem os de Friaestelas, Sandides, Ardegão, nem Calvelo nem Queljada e outras terras ponteirenses de que também fala. Porque este silêncio? Não creio que seja desinteresse ou sentimento de que uma Monografia já não interessava. Nem eu falaria se não fosse o tal silêncio e o ter-me chegado desse novo livro da Autora: O fim da Hospedagem, poesias, de que farei se vier a leito, para outra vez.

Da de Freixo, só umas pinceladas.

1.º é de louvar o esforço da Au-

tora para coligar os elementos de

que dá notícia, a saber: história da

quele famoso Castelo de Curvelo,

do falado D. Sapo (que o escritor

de Espoende, M. Boaventura, ro-

mantizou há anos) e falado também

A Monografia (histórica) de Freixo

n 273

Continuação da 1.ª página

no Barcelos — Aquém (Dr. Teotónio da Fonseca — 1948; história da outrora bem concorrida Romaria e Cepela de S. Cristóvão bem como da igreja paroquial de Freixo e suas Confrarias (para o que — a Autora não o diz — deve de vasculhar algo no Arquivo Paroquial, quase todos por estudar); história dos homens graduados de Freixo que fizeram a terra grandiosa que lá é (para o que em vários autores e se serviu da sua memória), etc.

2.º Ali têm as outras freguesias de Ponte exemplo rasgado para escreverem, também elas, a respectiva história — que muito ampliará o que de História, vem sendo investigado e publicado neste jornal. Mau será se este exemplo ficou sem continuadores.

3.º Ali terão os investigadores da

história da Vila algumas achegas —

para que não suceda como em Barcelos onde, até ao dito Dr. Teotónio, Barcelos só estudo o umbigo, a

história da cidade em si, desprezan-

do a das aldeias.

4.º Ali terão os filhos dos que

sairam de Freixo, e lá por fora se

radicaram, algumas linhas sobre o «canininho» (Freixo e Anais) que foi herança de seus maiores — e isto serve também para manter a nossa Diáspora em contacto com a Mãe Pátria, Portugal.

(Continua na 2.ª página)

5.º Ali tem Freixo e Anais um bom esboço (começo) do que há-de ser a história aprofundada das 2 terras (porque há muito mais a escavar: as terras eram alodiais ou só de prazos? que guerrilhas houve em Freixo e porquê? Como foi que Anais (concelho) serviu suas gentes? Que pessoas se sabe terem emigrado — quais os «brasileiros»? Que percentagem de alfabetização havia no século 18 por exemplo? Deu militares? Deu marinheiros? Deu gente para Barcelos ou Braga ou Ponte ou Viana? Quem, quando, e como? Como é que estas povoações encaram — e resolvem, os grandes problemas humanos — riqueza — pobreza, letrados — incultos, populares — fidalgos, leigos — clero, comércio — produção e consumo, etc?

Nem para tudo isso haverá docu-

mentos directos; a maior parte só

por dedução — e comparação — se

poderão obter (por exemplo pela lei-

fura dos testamentos que os de Frei-

xo e Anais fizeram).

Seja como for, a obra da nossa Poeta, como historiadora é valiosísima e honra tanto a Autora como os de Freixo donde é natural. Por tudo, merece ser analisada, medita- da e ser inspiração para outras tre- guesias. *C. Ser 23.X.81*

Oxalá respondam à chamada.

O EXECRÁVEL MARQUES DE POMBAL

Em 0 Barcelonense de 12/9/81 - n° 3632.

Há aí nas livrarias uns volumecos chamados Enciclopédia pela Imagem. Vi o volume dedicado ao dito Pombal, assinado por Carlos Babo. O desgraçado só conhece bibliografia—que cita e transcreve—até ao ano de 1882! Parcialíssimo. Olha se ele cita a *História de Gabriel Molagrida*, escrita em Paris em 1864 e traduzida pelo nosso Camilo em 1875! E o citas! Logo, Babo não merece crédito. Vejamos.

O Marquês era um sanguinário—como o mostram as imagens que descrevem a morte tanto dos Távoras como do duque de Aveiro e outros. Era um falsário que se valeu, premeditadamente, do testemunho, falso, de uns homens, por ele comprados, contra inocentes. Por exemplo, o Missionário, Malagrida.

²⁵ Era italiano. Um santo que os brasileiros compararam aos grandes Xavier e Anchieta. Serviu Portugal, sobretudo no Maranhão.

POR

Dr. Francisco de Almeida

40 anos. A paga do Marquês foi enforcá-lo e queimá-lo, acusando-o de impostor. Querem maior impostura e fariseísmo num marquês? O rei, D. José, era um imbecil. Mesmo assim, as histórias portuguesas continuam, como o Babo, a vitoriar Pombal e a amesquinhar as vítimas dele. Falsárias como o Marquês. Por ideologia e política.

E teve colaboradores: o desgraçado do irmão, o Padre Saldanha, que elevou a presidente do Tribunal de Inquisição para poder condenar o Malagrida. Tanto assim que um valoroso Padre dominicano que disse

(Continua na quarta página)

depôis de ter quenimado Malagri-
da, havaia de ser publicado, para
a posteridade, exactamente por
Camillo (na Historia de Madrida).
Babô nado quis ler as obras ci-
tadas por Camillo, publicadas lá
fora: nado lhe convinhama, como
não convieram a Rebello da Silva
e outros que tais, historiadores da
mentira. O Marquês era o maxi-
mo dos ditadores, tão bom como
Hitler ou Estaline.

Mas os magons de 1910 e se-
guintes deram o nome dele a ruas
e drags e ergueram-lhe estatua.

A sim se absolute e extra e ex-
cavavel assassinio que Pombal foi.

Mas esses 3 padres, compõem
por Pombal, decretarão,
nome de Deus (pasmem!) o
Santo Malagrida era um im-
tor, milagreiro, um falso sá-
tore, herete, etc — sentençag-
o de misericórdia, cheia de
que ate o impio Volutário, pa-
tologias, absurdas e horro-
sas, todos os burloses do seculo
seguintes, classificou de ridi-
culos. Malagrida morreu em 1756
Pombal, so sans depois — ja
83 anos. Mal sabia ele que o
lheito de Malagrida a suspe-
(1756) que o horroroso terran-
to de 1755 não era só obra dos
ress e sismos, mas também o
ciatal castigo de Deus — conti-
nue Pombal tinha falado e
folheto que o Marguês
lembrou de razer quem quer que
faleceu o Marguês

(Continuação da página 1)

O EXECRÁVEL MACHOES DE POMBAL

S. SALVADOR DO CAMPON NA LITERATURA

No *Jornal de Barcelos* de 27/8, Dr. Paulo Figueiras, ilustrado magistrado do Ministério Púlico, escreveu um apontamento sobre a Casa de Crestes em PELO —

| Dr. Francisco de Almada

V. Salvador. Isto porque passa 5º Centenário do Poeta Sá de Miranda. E conclue dizendo: *legitima-se uma homenagem a Greses... A Capela de Santo Antônio deve ser declarada monumento nacional. E no entrocamento do Alto do Tamel... a*

colocação de uma placa... Cres-
tes». Concordo com a romagem
e a placa. Não posso aceitar que
Crestes possa sequer derivar de
Crescente — como também disse
Rios Novais a págs. 53 da sua
Divino Salvador do Campo.
Porque seria deslocar o acento
tonico de I passo à esquerda,
impossível face a todas as Gra-
máticas Históricas de Português.
Alguma vez a quinta de Crestes
foi «doada pelo Rei a Sá de
Miranda» como diz Rios No-
vais? Ele diz em nota, pela
boca de Mancelos: a) Creste-

Dona, chamada Brites e de apelido, Meneses (não já nem Miranda) se disse, em 1600, dona de uma casa. Qual casa? A Capela de Stº António ou antes a Casa fidalgia cujos moradores Rios Novais cita e que por 1823 andava nos Magalhães Barros, de Ponte e de Braga (e que até tinham secaras em Galegos)? Diz Rios Novais, na Pág. 59: «Na capela... Stº António... o nome da pessoa que

Salvador do Campo na Literatura

foi da duquesa de Bragança (família Noronha — como a obteve a Duquesa?); b) a duquesa deu Crestes à sua afilhada Filipa de Sá, pelo pai e Barros, pela mãe); c) esta Filipa casou com o galego Gonçalves de Miranda (família Soto Maior, do solar de Crescenre, na Galiza); d) desta Filipa deriam: Sá de Miranda (o poeta), Mens de Sá e Sá da Bandeira; e) o casal Filipa — Miranda tinha casa em Salvador e em

era fidalgo, f) ora o pai do poeta não devia ser tão rico como isso — ou não o faziam cônego de Coimbra como fiziram, nem o poeta viria ao Mundo ilegítimo; ^{g)} mas se Crestes era Morgadio e o pai do poeta não tinha casa de família, como podia o poeta ter nascido em Crestes? Admito que o poeta passasse pela quinta de Crestes em S. Salvador — não havia de visitar os familiares legítimos que por lá passassem uma

gostaria eu que Campo provasse ao menos que o poeta viveu dentro dos seus muros. Não o creio senão de passagem (era bastante). O certo é que uma Dona, chamada Brites e de apelido, Meneses (não já Sá nem Miranda) se disse, em 1600, dona de uma casa. Qual casa? A Capela de Sto António ou antes a Casa fidalga cujos moradores Rios Novais cita e que por 1823 andava nos Magalhães Barros, de Ponte e de Braga (e que até tinham searas em Galegos)? Diz Rios Novais, na pág. 59: «Na capela... Stº António... o nome da pessoa que

a mandou construir... Dona Brites — 1600». Mas em 1600 já se venerava em Campo o Santo António? Rios Novais precipitou-se pensando que casa era

Mas se Rios Novais não pode ver o que disse o abade de 1758 sobre Campo (Memória Paroquial a que alude na pág. 51) eu também ainda o não li. Se interessar, publico-a aqui.

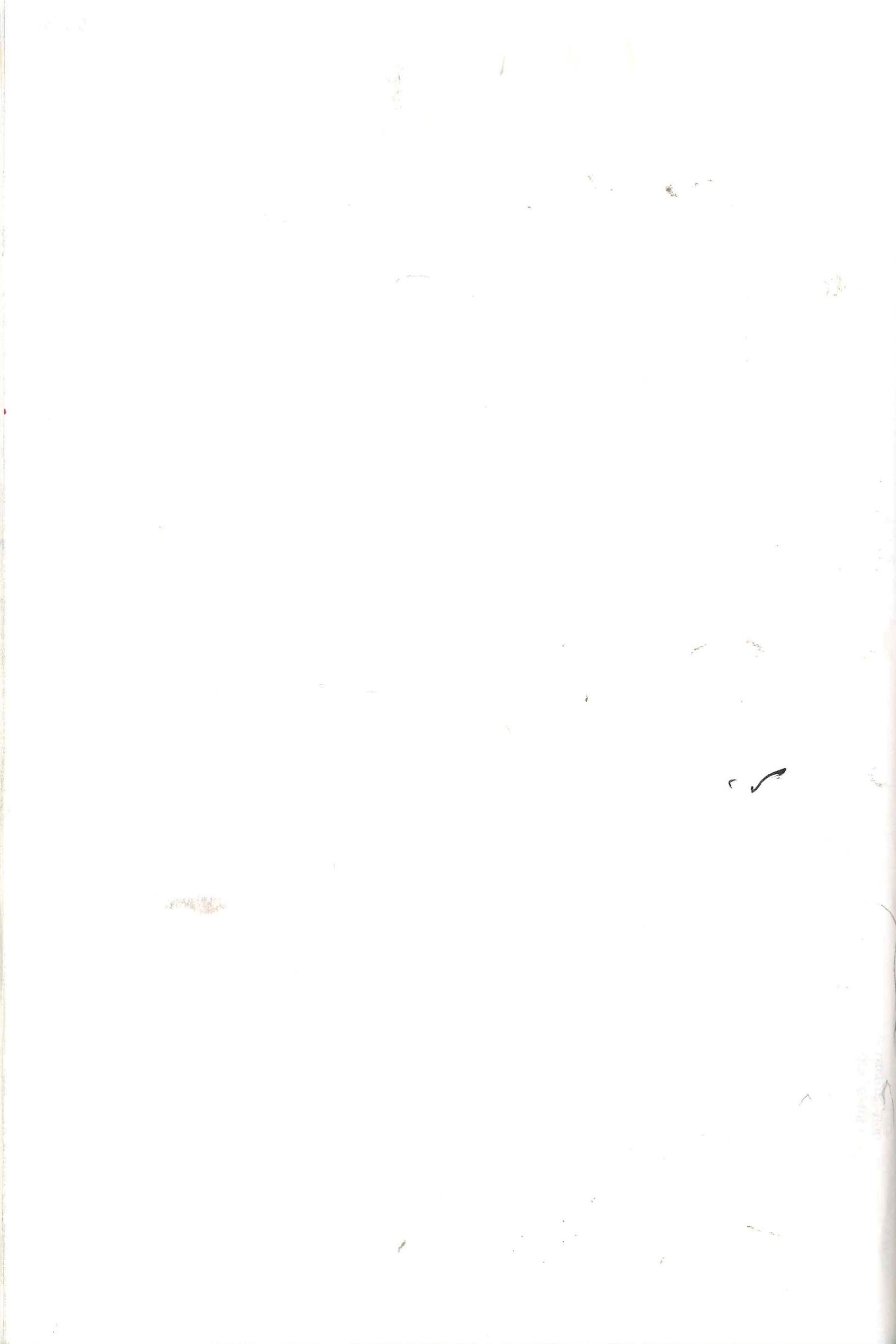
E agora dir-me-ão os de Campo: então que «falou» o tal poeta? Ao que responderei: qualquer História da Literatura fala no dito Sá de Miranda. Ora o Minho, em que ele viveu, zangado como Herculano fez 300 anos depois, tem-se estado nas tintas para este afamado escritor. Nesse aspecto e por esse esquecimento, o Minho tem

sido estúpido. Hoje: *a*) é preciso a placá que o Dr. Paulo falou; *b*) é precisa a romagem; *c*) é preciso interessar Lisboa e Coimbra e Bastos e Amares e Vila Verde e Barcelos em que façam uma

gostaria eu que Campo provasse ao menos que o poeta viveu dentro dos seus muros. Não o creio

senão de passagem (era bas-
tardo). O certo é que uma

Dona, chamada Brites e de apelido, Meneses (não já nem Miranda) se disse, em 1600, dona de uma casa. Qual casa? A Capela de Stº António ou antes a Casa fidalgia cujos moradores Rios Novais cita e que por 1823 andava nos Magalhães Barros, de Ponte e de Braga (e que até tinham secaras em Galegos)? Diz Rios Novais, na Pág. 59: «Na capela... Stº António... o nome da pessoa que



Recortes e Comentários

~~há um teatro de missões sai em Koutch~~

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Num jornal de Barcelos, um colaborador e comentador político que desde há tempos não escreve, veio agora, dizendo-se instado por leitores, por a seguinte resposta: «o jornal tem muito de que tratar, quer orientando... quer moralizando, politizando e defendendo as gentes... tem um espaço muito reduzido para os seus colaboradores; não se devem ocupar com coisas tão mesquinhias».

Pretendem os colaboradores ser úteis aos leitores, sou também. Daí que enverede, hoje, por recortes.

Seja o 1.º para dizer do meu agrado pela foto do mosteiro pontelimense do Senhor do Socorro, que desconhecia. Mas também conheço mal o Alto Minho. Não seria «coisa mesquinha» o facto do C. Saraiva ir publicando, semana a semana, 1 foto de 1 monumento da região. Para que todos conheçam e não esqueçam o nosso valioso, embora heraldo, Património Arquitectónico. Mesmo a URSS, de governo ateu, se esmera em conservar e divulgar os seus belíssimos edifícios; outrora mosteiros. Não é suspeita. C.S.M. 7/8/81

Agora o 2.º: uma Revista, chamada Encontro, deu-se ao trabalho de meter no correio um inquérito aos assinantes. Traz os resultados no número de Janeiro/81. Aponta a iniciativa por me parecer curiosa como curiosas são as respostas: 10% são de licenciados (doutores), 26% de professores, 23% de gente com o Ciclo Preparatório, mas da 4.ª classe só 18%, do 5.º ano só 13%, como do 11.º ano. De homens, 27%; de mulheres, 72% (elas são leitoras em 3 para 1, quase) e quiseram que a Revista, que saía mês sim, mês não, passasse a mensal, como passou, 64% dos respondentes quando 3% a queriam de 3 em 3 meses apenas gastos. 2% queriam-na com 32 páginas (saía com 64) e 83% com 64. Ficou com 50 páginas. E leem-na deste modo: tudo — 59%; só os títulos e as fotos — 1%, quando os restantes só liem 1/3 do que ela publica — todos nós sabemos que, por falta de tempo, nem todos lemos «todo» o C. Saraiva ou outro jornal. Apreciaram assim os artigos: sem interesse — 5% (porque assinam?), agradáveis — 47%, muito — 46%. Dos passatempos e anedotas disseram: sem interesse — 3%, devem manter-se — 60%, deve trazer mais (eu concordo porque a nossa gente precisa de escapes) — 36%. Do que mais gostam: 55% do doutrinal; 33%, dos «recortes»; 50%, das notícias sobre a África; 61% dos assuntos para jovens.

Como a sociedade dos leitores vai mudando sempre, que diríamos dos nossos jornais regionais? Era curioso saber-se. Nem é difícil.

ciente — serão 900 mil. Talvez dependa do que se entende por «deficiente». Se eu perder 1 dedo sou-o, mas para o trabalho pode, nalguns casos, nada significar. 7. & 8/81

O Papa e a Liberdade — João Paulo II publicou uma mensagem acerca da liberdade como fundamento da justiça. Se pedissemos aos leitores que dissessem a sua ideia de liberdade, quantas definições radicalmente diversas teríamos! Quer dizer: não nos entendemos nem sobre liberdade nem democracia nem justiça, nem muitos outros conceitos correntes. E somos livres — eu sinto que posso — de ter cada um as nossas «própias» ideias. Mas nunca há erro nelas? E se livre de sustentar como verdadeiro o que é erro? Que réqua usar ao distingui-los? Começa ai o problema.

7.º recorte: algumas mutações declaradas por um bispo na juventude cristã actual: há-os «que não são transparentes nem jovens»; há-os «que não praticam a sua fé e ficam tolhidos» diante das exigências dela» — «ignorância ou respeito humano?»; há-os que «não ligam importância ao Domingo — preferem o desporto, a diversão, a indolência»; há-os que «não cultivam a sua fé» — desinteresse das aulas ou pregação ou qualidade delas; há-os que falam de amor livre como coisa natural, defendem a droga, acham normal o aborto, o divórcio; há-os que «gastam o tempo livre na ociosidade e passam indiferentes diante do sofrimento dos doentes, da humilhação dos pobres».

E páro que já recortei demais.

3.º recorte: um jornal de Famalicão levanta o problema dos preços cobrados pelos coveiros: 500/350 por cada cova, 2.500, 1.800 por: especial favor, 3.500, 3.000, 2.000 e o mínimo, 1.500: ou pergunta o articulista: Quem nos acode? O certo, porém, é que se se exigissem 10 contos, nem assim os familiares ou os amigos se resolveriam a ir, eles, abrir a sepultura — por preconceitos. Não era, dantes, uma obra de «misericórdia», sania, abrir covas e enterrar quem morreu? Ou: os coveiros porque não passam a funcionários?

4.º recorte (mesmo jornal, que o tira da 1 revisão): Na Etiópia vai uma seca enorme e dai terem morrido de fome, desde Abril/80 — 50 a 100 mil pessoas. São 2 milhões, nesse país, os ameaçados de morrer de fome! Quem dá pão? Mas o governo já é socialista há anos. Nem assim consegue resolver porque seca é seca e não se comem ideias nem doutrinas. Certo?

5.º recorte: custa-me acreditar que 1 de cada 10 portugueses seja deficiente

Como se pode ver do desenho das muralhas da antiga Vila, a Barcelos com 750 e 1000, 19 freguesias com 300 e 750, 27 freguesias com 250 a 300 habitantes e as restantes — e são muitas.

Quando em 1930, quando a nova

população de 1930, quando a nova

população de 1930, quando a nova

vidas: Arcoselo e cidade, parceiros
de moçambicanos, idem e outras não tardarão
a sê-lo. Será que para esses novos
centros se fazerem, hão-se morrer
os antigos como Aguiar, Aborim,
Várzea, Vilar e outros? O interior
destará a deslocar-se todos os dias pa-
ra as praias (ver como cresce o
Algarve e estagna o Alentejo). No-
vas indústrias, novas profissões,
novos transportes, mais e mais
pontes.

O drama está em que muitas
das casas que hoje se fazem não
sejam precisas daqui a 20 anos por
a população se ter entre tanto des-
locado para outros lados. São pre-

19, V. Frescainha tinha 38 habitantes e V. Cova, 1.071 e em 1930, ia em 753 e a 2.^a em 1.388 (Banco incluído). Quer dizer: 102 fogos, a 5 pessoas cada, 510 habitantes. Logo, os do dormitório de Barcelos fugiram dela em grandíssimo número para descerem em 300 anos de 510 para 384 habitantes quando Vila Cava, nesses 300 anos, passou ao dobro da sua gente.

*Perdas e ganhos na
vila onceda de Viana do Castelo 1894*

Perdas e ganhos na
vila onceda de Viana do Castelo 1894

Um dos úteis temas que o dr. Teotónio tratou em cada freguesia da sua Barcelos foi o das mudanças da população. E fê-lo assim por exemplo para Galegos: século 16 — 44 moradores; eéc. 17 — 48; séc. 18 — 89 fogos; séc. 19 — 684 habitantes; década de 1930 — 806 habitantes e deles, 337 homens contra 469 mulheres, sabendo ler deles — 168 e delas, 52, sendo portanto 626 os analisados

Viatodos; 3.^o grupo: Bastuço (70 a 80); 4.^o grupo (60 a 69): Pareiral, Quintiães e Roriz; 5.^o grupo (50 a 59): Ab. Neiva, Alheira, Carapeços, Durriães, Ucha, Chorentes, e Rio Covo (S. Euália); 6.^o grupo (40 a 49): Campo, Creixomil, Gafanhos, Lijo, Adães, e Alvelos; 7.^o grupo (30 a 39): Aborim, Arcozelo e outras 16; 8.^o grupo (20 a 29): Alvito, Lama, e outras 10; 9.^o e último grupo (10 a 19 moradores)

Digitized by srujanika@gmail.com

Rarece que se agarre um litorâneo mais serranejado (sem ser serrano). Vejemos: Abre-Neiva tinha 53 x 5 moradores em 1527 — daí 265 habitantes quando Arcozelo só tinha 30 x 5. Mas nesse ano, tinha Cossourado 91 x 5 ou 455 habitantes, Carapécos — 275, Alheira — 57 x 5, Roriz — 68 x 5 e Airó, 37 x 5 ou 185 habitantes. Ora Ab. Neiva passou em 1930 a 823 habitantes (mais que o triplo de 1527), Ar-

(ver. vol. I, pg. 255). Como qualquer pode fazer, elaborei um quadro destes dados para todas as freguesias. Depois ordenei-as para o ano de 1527, que deu, por exemplo: Abade Neiva — 53 moradores, Lama — 20, Vila Cova — 102, Adães — 40, Faria — 38, Viatodos — 90, etc. Ordenadas por dezenas de moradores ficaram assim: 1.º grupo (100 a 110), «só» duas, Vila Cova e Vila Frescainha. 102 moradores cada; 2.º grupo (90 a 99): Cossourado (91), Barcelinhos e

População

oso, Roriz e Vila Cova), 16 freguesias com 750 e 1.000, 19 freguesias com 500 a 750, 27 freguesias com 250 a 500 habitantes e as restantes com menos de 250 habitantes — e são muitas.

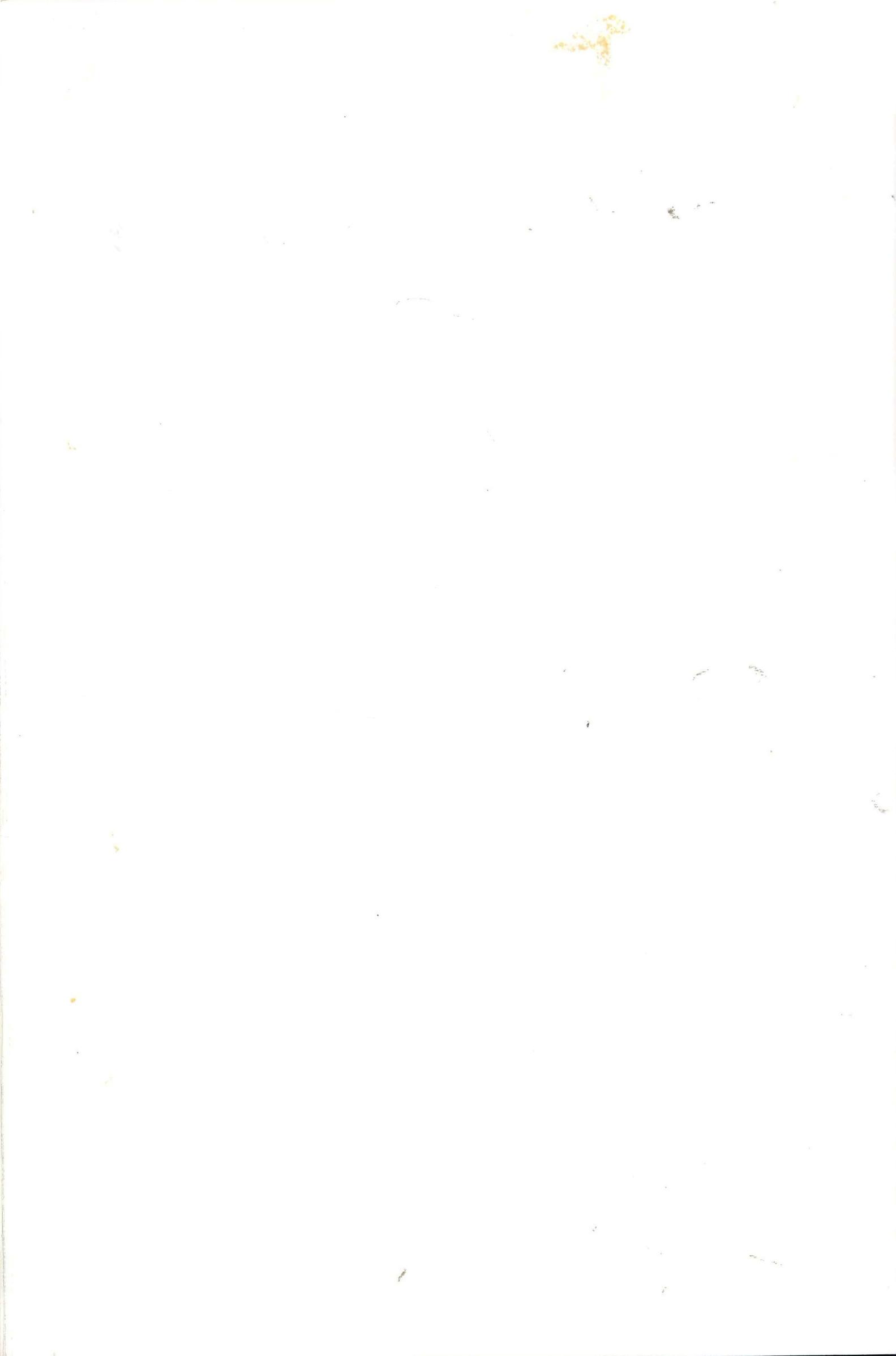
Como se pode ver do desenho das muralhas da antiga Vila, a Barcelos de 1527, era só um montinho de casas ali à volta do Palácio

população
16 fev.
VII. Conto

para o dobro (948), Carapeços para 875 (triplo) e Alheira para 909 (triplo). **Janeiro 16/1/18** Vimos atrás V. Cova no 1 gru- po em 1527. Mas ordenando nova- mente as populações de 1930, te- mos só 7 freguesias com mais de 1000 habitantes (Barcelinhos, Bar- queiros, Viatodos, Arcozelo, Fra-

Perdas e ganhos na

(Vem da pág. 1) cozelo subiu para 1399 (mais) quando Cossourad



CONTA LÁ PARA O TRIC-TRIC

pelo Dr. Francisco de Almeida

I Afigura-se-me que dos barões nem todos ouviram ainda falar de um dos nossos, natural de Galegos, o que modelou o busto de Sá Carneiro. Desta traba-lho vi a notícia num dos jornais da nossa «praga». Este rapaz é um tesouro de alegria e boa disposição e um talento que tem andado escondido. Nome? «Agostinho da Coelha» é como na aldeia o chamam — nem ele se zanga que eu aqui lhe fixe o nome familiar. Queria ir dizer muito e muito deste moço, contar-lhes para o tric-tric, como ele usa dizer. Completava um tanto os briosos trabalhos de Maceio Coreia sobre figuras nossas. E todavia mais não digo por receio de que se agaste comigo por lhe ferir a modestia. Portanto, para o tric-tric de hoje, bonda.

II 24/2/82

Chega-me de Évora 24/2/82, número de um novo Jornal que dá pelo nome de O Compadre Alentejano, o que segue para aviso dos leitores (e não massugias) já foi a Évora? A do Raul Solnado foi. Dos nossos, vários foram. E uma cidade monumental, menos rica que Braga, mas ciosa de conservar quanto monumento tem: muralhas, charafizes, arcos, ruas estreitíssimas, tudo. E como não cabe dentro de si, espraiia-se já em bairros novos. Faz feira pelo S. João onde aparecem as mais lindas ciganias de Portugal — e diga-se: com tais atavios que só é pena serem ciganas e metem as eborenses num chinelo.

As eborenses! Não sei como aquilo vai agora. Há 20 anos havia lá raparigas, lindas que nem cravos. As feias devem ter virado comunistas ou isso. Por algo viraram.

III 24/2/82

Dantes, todos no Alentejo se tratavam por compadres. Mudou.

Évora tem um problema social que é este: os rapazes, pelos 15 anos, entram nas oficinas e deixam os estudos; as raparigas, por falta de emprego, continuam a estudar; fazem 0,5º, 0,7º e quanto mais haja. Quais os resultados que isto irá dar não sei: nem sou bruxo nem me dedico à futurologia nem me compete fazer previsões. Digam lá os leitores o que aquilo vai dar.

IV 24/2/82

Transcrevo do dito O Compadre Alentejano, o que segue para aviso dos leitores (e não massugias).

V 24/2/82

Crarem o director do jornal: Isto de dirigir jornais (título); e trata muito de política, despenho (ao director), se não, despedem-se por fartos da política; e tem notícias, só diz mentiras, e as não tem, esconde a verdade; se faz ditos, quer ser espírito; se não faz, é um cadáver; e traz artigos novos, é burro porque mais valia copiar os velhos; se copia, escreve à tesoura

(Continua na quarta página)

cial, insolente; se apoia o governo, então quer subsídio, se ataca é parcial e vendido; se escreve que as mulheres leiam, é um superfíliberal, é porque é demagogo, se não é liberal, é retrógrado (reaccionário); se vai à igreja, é hipócrita, se não vai, então é hereje; se aplaude certa acção, está a lisonjear, se censura, é porque é vilão ruim (baixo); estando sempre na redacção (sede), é um orgulhoso, e não estando, é mariola; se praga nos custa dos leitores, e se se atrasa, é trampolíneo.

Quem se queixou de tudo isso foi um americano.

Conte-lhe...

«Quantos não teria D. Prior a «uscesa» (também Díatrio). Díatrio assim é que se apela ao de Sartre, chama-o «A gadoria, penhorante, mas preocu-pada demais. Não há aquela pa-trocis assim é ainda bem. Este gadoria, penhorante, mas preocu-pada demais. Não há aquela pa-trocis assim é ainda bem. Este

ensinar se quisesse fixar sua expe-riência e sabedoria em um Dia-to? Ou chegue-me-lhe Memorias,

VIII 24/2/82

Véjo num jornal: Salvemos a Família. Eu, comentio:

Ando a ler este livro: Anais Políticos da República Portuguesa, do Sr. Joaquim Leitão, guesa, do ano de 1915 — custaria então uns 700 réis (quase 1 escudo!).

que a fez como é por instinto do homem e da mulher. O que acontece é que certos pares se desviam do trilho e, se ontêm eram poucos, vão-se desviando cada dia mais. Até que aconteça aqui um poder tão forte como o das Botas na Polónia. Então, a única defesa é o grupo, os familiares, o ninho. Donde con-cluo que umas chicotadas é o que bastantes precisam.

Tanto mal eles fizeram! Tanto dáveis de ler. Differentíssimos de um outro que afi há, escrito por um leigo francês, que se chama Diário de Um Pároco de Aldeia. Claro que o escritor o inventou. Dá-nos um pároco dotado de alma incrivelmente estinu-

Homen e a Realidade Divina e Últimas Sementes de Esperança.

V 24/2/82

Véjo num jornal: Salvemos a Família. Eu, comentio:

Está salva por si (ou por Deus que a fez como é por instinto do homem e da mulher). O que acontece é que certos pares se desviam do trilho e, se ontêm eram poucos, vão-se desviando cada dia mais. Até que aconteça aqui um poder tão forte como o das Botas na Polónia. Então, a única defesa é o grupo, os familiares, o ninho. Donde con-cluo que umas chicotadas é o que bastantes precisam.

E vai este, agora após o 25 de Abril, matou-os a ambos. E tanto mal eles fizeram!

Acabou o tri-tri.

Claro que o escritor o inventou. Dá-nos um pároco dotado de alma incrivelmente estinu-

COISAS DE LONGE E DE PERTO

813

Há tanto tempo que aqui não escrevo que até não sei como o ilustre Director de A Voz do Minho ainda tem paciência para me remeter cada semana, o seu jornal. Aqui vão os meus respeitos pelas suas atenções comigo. A verdade é que não tinha tido nem tempo nem saúde nem salude para escrever cim jornais, neste ou em qualquer dos outros em que colaborava. Adiante.

In A Voz do Minho 1 2215/93 (14/1995)

Vem a propósito saudar o meu ilustre amigo, e nosso conterrâneo, de Santa Eulália de Oliveira, o Padre Dr. Adílio, novo colaborador do Pároco maior de Barcelos. Na Páscoa passsei cim Gallegos, mas não me foi possível contactá-lo. Como todo o barcelense de gema, felicito-o, felicito o Dom Prior, Alberto, e desejo ao P. Adílio o mais fecundo apostolado sacerdotal, a bem desse nosso povo que vive e canta e chora no rincão barcelense.

Viram os leitores quanta dedicação e estima foi há dias tributada aos nossos Capuchinhos, entre os quais o operoso Frei António. Estive na igreja doles (de Santo António) na Quinta-Feira Santa, que me levou uma das preciosas manas que tenho. Pois nem por sombras quero ser o último a dar graças a Deus por Barcelos ter cim si os Capuchinhos. Prouvera a Deus e a eles que mais moçeiros se plantasssem na nossa região, sendo certo cimbora que já temos os operosos homens de S. João de Deus e as consagradas, as Franciscanas Missionárias de Maria (as freirinhas de Arcoselo).

Penso que qualquer dos moçeiros deve abrir mais as portas à população para que os filhos e filhas desta gente os possam e as possam conhecer melhor. Porque, como dizia o antigo: Nem dilit quod ignoras.

A propósito vos direi que o Autor de um chamado Manual de Ascética e Mística, em França, sustenta que há pelas aldeias diversos «clés» e «claus» aos quais Deus encaminha por especiais caninhos da santidade. Assim é não sei, mas o certo é que ainda agora, cim Gallegos, ouvi de uma moça jovem e casada, nada menos do que isto: — cu gosto de estar na Igreja; rezar, falo com o Senhor, peço-lhe coisas e Ele dá-me tudo quanto peço; é muito meu amigo!

Como não acredito que esta mulher me mentisse, perguntei-lhe se era verdadeira.

Conclui: os Capuchinhos, as Madres de Arcoselo, os de S. João de Deus deviam abrir um curso em que os interessados pudessem na prática, aprender melhores noções de Ascética e Mística.

II

Agora esta: o rapaz tinha 9 ou 10 anos e a 3.º classe feita. Ia a sair do Campo da Feira, de Barcelos no inicio do dia e da manhã. Vêni de lá disparados 2 jovens

(Continua na pág. 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da 1.ª págl.)

capuchinhos que se acercaram os três e um disparou: — queres vir para o nosso Seminário? E logo o rapaz: — Não! A mãe trouxe a resposta (como as mulheres são atiladas!) e disse: — Sabem, ele só tem a 3.ª classe. Disseram eles: — Não faz mal, faz a 4.ª connosco. Mas o rapaz não vergou — deixava o hábito dos franciscanos.

Diz-nos o sujeito que hoje pensando no episódio, aconselharia o seguindo: não façam como ele que foi demasiado lesto, mas imprudente na resposta, ao dizer prós e contras, os conformes. E aos capuchinhos: — nós vamos para casa, pensarmos no caso e dentro de alguns dias havemos de dar uma resposta. Isto se diz aqui porque não é caro depender toda a vida de um homem, ou mulher, de um pequeno nada que nos surgiu atravessado no caminho. Ou, como me dizia outra: — o destino não quis!

In A Voz do Minho 22/5/93 III

Uma das minhas raras safadas foi para visitar Curvos e as estufas do Delfim Lourenço, que me levou o pai, João. E de caminho, passamos pela Ermida, em Perelhal, a que o João pertence e o Delfim, também. Era uma casa linda e cheia: de familiares e bolos das festas. Ao que disseram, a produção das estufas rumo a Lisboa, para o grande Supermercado, na linha de Sintra, que dá pelo nome de O Continente. Na casa dos Ermidas, a quem apresento o meu pesante pelo familar que Dcns lhes levou, pude ver uma armadura de chaminé que nada fica a dever à do Paço Ducal em Vila Viçosa. E os grandes quartos aparelhados, até de cinturões e salas e corredor frontal ao sol e a nesse grandes refeições familiares. E na outra ponta, a centena de vacas de leite e os «espreitadores» bocarrinhos. E a quinta grande deitada ao lado as águas do Câvado.

Estas nossas gentes têm raízes e tronco e ramos, tudo bem fundado. Pena é que a Junta e a Câmara não possam cuidar de melhor o caminho da Ermida. E já agora, procurem e digam-nos: Ermida, porque este nome? Vila Cova está uma jovem airosa e Curvos não ficará atrás. Parabéns às laboriosas gentes deste lado.

Eramuraria - freira.

Francisco de Almeida

para a História Barcelense

34

(Vem da 1.ª págs.)

verm 6/41

no Tombo nem se refere a capela de S. João; em 1518, que não só em 1536 (ver Dr. Teotónio — Lama) já Quirás era de Galegos «In Perpetuum Anexa»; Galegos e Quirás eram Padroado dos de Azevedo desde tempo «Imemorial» (Bula de 1820 Pio VII, Fernandes Tomás, etc); de 1542 há em Galegos sentença a favor do Cabido e contra 9 proprietários, alguns de Roriz — votos de Santiago desde tempos «imemoriais»: pagava, 1 alqueire quem lavrasse com bois (digamos, os ricos).

Outros documentos descritores de terras:

1 — Legado do Abade Azevedo (por 1500 e tal): chamam-lhe também «capela», talvez os que em 1600 e pouco aparecem com uma obrigação de 16 missas por ano; comprou-o não se sabe a quem e ao vendedor tinham os bens sido doados por um João de Sousa e mulher (talvez de Prado), eram alodiais e o arrendatário pagava por ano, por eles, 32 medidas e 2 galinhas, eram sitos em Roriz — ali pela Leiroinha menos uma das parcelas que ficava «junto à Cangosta que vai para Santo Amaro». Já o havia (v. m/ Galegos, 13), 7. Barce. 10/6/82

2 — Cadernos avulsos, dos anos 1700: sobre o Casal do Pó (Roriz — 19 prédios), terras de Adães, do Padre Miranda (Roriz), da Casa da Silva, de S.ta Maria de Abade, morgado do Bárrio (Roriz), Padre Manuel José Velho, de Medela, Coreiros da Sé, Abade Matias Pais, «que foi abade de Parada» (de Gatim) (v. Monografia de Parada, de Sousa Araújo), casal que foi do Padre Dr. Bento Lopes Pedrosa (cuido que de Roriz), medidas do Adro de Galegos (duas épocas) (estes já referem uma «casa... defronte do patim» — que é o da residência paroquial), a casa térrea onde iam morar os padres — curas (coadjutores) — «quem vai para Sam Joam», casal (terrás) de Apolinário Martins e nora Ana da Silva (a poente da Igreja de Galegos) — e é uma a referir o «forno de cozer louça» a par do casal de Manuel Domingues (da Igreja) com «forno de cozer louça», Horta da desgraçada Teresa Domingues (m/ Galegos, 21, n.º 10).

3 — Escritura de 1601: Maria Lopes, foreira rica, vive em Braga e dota a sobrinha Maria Brandoa com o fora que lhe fez o Abade de Galegos, Miguel de Azevedo (em 1574) — e houve dois (ver O Barcelense de 1.4.78), Processo Judicial (correu em Barcelos) de 1820 — disputa sobre o casal de Novais (tem certidão extraída do Tombo) de uma Vedoria (vistoria, avaliação) do ano 1690 — Abade Manuel de Azevedo (v. m/ Galegos) para aforar aos comerciantes de Braga Francisco Ferreira Camelo e Mulher, Urcela — que não sei mais quem fossem. Anoto que até os Biscainhos, de Braga, foram foreiros da Igreja de Galegos.

E vejam a que dispersão nos levou andar à cata do que foi e tem sido a História do nosso São João... É que a vida não tem compartimentos estanques: tudo se mistura — social, económico, moral, político, religioso, nessa unidade que é o homem.

Francisco de Almeida



Para a História Barcelense

n.º 429

Em torno da capela e confraria de S. João, pus-me a ver os documentos e dou agora notícia do tema que segue:

N.º 8 — O sistema de medir as terras em 1518

Capaz na altura de 1518, foi depois alterado por insuficiente.

No Tombo, um campo que ainda hoje se chama O Lodeiro (só há uns 50 anos o caminho ao lado deixou de ser lama e lodo) foi descrito com esta singeleza pelo Notário Apostólico que lá foi: «Item, o campo do Lodeiro que jaz a cabo da vinha, que está todo serrado sobre si, que leva de semeadura cinco alqueires e este campo é de fora de Assento e traz Pero de Freitas emprazado».

Analizando: emprazado é a situação jurídica e não descriptiva; não pertencer ao Passal em si é demarcação de Direito que não territorial; que semente comporta dá a ideia de que pode dar de frutos — e não é demarcação. Donde resta só como demarcação o seguinte: fica ao fundo da vinha. Como não diz onde era a vinha... embora saibamos por outro item que ela era do passal, quantos almudes dava e que se cultivava com x «homens de cava» (a cavá-la). Mas ao descrever, anotam quase sempre o meio que separa o campo dos vizinhos: se com muro a toda a volta (e ainda o tem hoje), se por marcos (que às vezes deu curiosas histórias de furtos mediante a mudança dos sítios deles). De Manhente conta-se mais que uma.

Problemas como nós pomos hoje — que comprimento, que largura — ou seja que área — parece que lhes não interessava. Ou deduziam isso do número de sementes precisas para o cultivar — o que é vago porque há o «raro» e o «basto».

Isso aparece mudado 100 anos depois. Por exemplo, o campo Talho de Baixo, item, parcela, do chamado Casal da Portela: «Item, o Talho de Baixo, terra lavradia e boa que medido de Nascente a Poente — pela parte do Norte inté topar em terras de Luís Pimenta de Guimarães — tem de comprido 97 varas e daqui, medida em volta pela parte do Poente tem 53 varas, e pela parte do Sul, de Nascente a Poente tem de comprido 121,5 varas e medido pelo Nascente tem de largo 42 varas; parte do Norte com Manuel Maciel, do S. com terras da mesma Igreja, do P. com terras de Luís Pimenta e João da Silva Marnoto e Manuel de Macedo e do Nascente com terras do Porto e terras da mesma Igreja; possue este campo Leonardo..., de Roriz».

Já não fala nas sementes — e não eram o milho de agora, não diz como se separa dos vizinhos (e já era certo murado como hoje). Mas diz os consortes: Maciel, Igreja, Guimarães, Marnoto e Macedo e x a viver no Porto (era o Marnoto). Ora é descrição errada porque a Sul confronta com caminho e a Nascente, também (isto para os nossos hábitos de descrever).

Algumas notas: o Tombo está em Braga, Arquivo, Caixa 243, n.º 5, desde 1576 ou 96 — até aí andou perdido; dele há certidão inteira, de 1786, em Galegos — e esta já se lê;

Em honra de São João

Como se matou uma Confraria

Nº 16

Trato hoje o n.º 16 de uns Apontamentos sobre a Capela e Confraria do Baptista em Galegos, capela que virá dos anos 1400 e Confraria que tinha Estatutos usuais nem sei desde quando e escritos, desde 1781. É de 1938 a última Acta no livro desta confraria. E reza assim (que o texto conste para o devido louvor ou vergonha dos autores dele):

Acta de 1938
O Soc. 19/6/82

«Acta de Posse (vou resumir): «Aos 24/8/38 na forma determinada no Estatuto... reuniram-se... João Cândido Abreu, Anselmo da Costa Vasconcelos e Domingos Gonçalves Salgueiro a fim de... assumirem a gerência da mesma Confraria até final liquidação,

visto ter-se resolvido a sua fusão com a... do Santíssimo... para o que resolvem levantar o depósito n.º 1931... e aplicá-lo em reparos na respectiva capela que ameaça ruína. E para constar... O Juiz—Abreu. O Tesoureiro—não assinou. O Secretário—Salgueiro».

Questões: a) assumiram por quê, em vez de convocar eleições? —b) os Estatutos não previam nada do que fizeram; —c) era abade o P.º Moutinho, se não erro; —d) se faltava dinheiro, porque não fizeram «pedida»? ; —e) não me consta que houvesse fusão alguma com a tal do SS.º; —f) porque é que logo o homem dos dinheiros—tesoureiro —não assinou? —g) como é que os Estatu-

(Continua na página 4)

COMO SE MATOU UMA CONFRARIA

(Continuado da página 1)

tos de 781 exigiam 5 membros e só se fala aqui em 3 a gerir? —h) porque é que ocultaram os motivos daquele «ter-se resolvido»? O Povo soube disso? Qual era a quantia em depósito?

E fácil deixar cair assim uma obra de muitos séculos.

NOTA: Em 1976, as Seleções Reader's Digest publicaram o maravilhoso trabalho Tesouros Artísticos de Portugal, que traz relatos de 46 das nossas freguesias: Ab N., Bai., C.º, F.º, Galegos, Lama, Manh., P.º, Q., R. C., S.º, T., V. S., etc.. Diz de Galegos: que a capela de S. João é do século actual. Os de 1938 só falaram em «reparos». Logo, há erro no que diz a Reader's.

Mais ainda: já investiu dinheiro em novo arranjo dela o Antônio Vale, hoje presidente da Junta. E já não teve depósito para levantar... Matararam, os de 38, a galinha e logo, os ovos todos.

Não vejo que possa elogiá-los nem ao abade do tempo. Bem ao contrário. Mas não possuo os dados todos.

Dire. 19/6/82
Senhores: não façam nunca como os de 38 em Galegos! Conservem os vossos monumentos e Confrarias, em honra de S. João ou outros quisquer.

Francisco de Almeida

Em torno de umas Bodas de Ouro 437

No dia 1 de Outubro, completam-se 50 anos sobre o dia em que António e Teresa casaram. Este prazo ou contagem de tempo leva-nos a desfibrar alguns aspectos dessa festa de sociedade.

1982

Vi, à falta de melhor, o dicionário de Torrinha que só fala em Boda. Não de bodas, sejam de diamante, prata ou ouro.

Para Torrinha, Boda vem de bodo e é só a festa do dia em que A e B se casam.

Bodo «distribuição de alimentos e dinheiro aos pobres em dia festivo» é coisa que desapareceu dos usos sociais porque já não há pobres que aceitam o bodo.

Pergunto então — 1) donde nos vem o uso do termo bodas a significar tantos ou tantos anos de matrimónio? 2) que estudos já há sobre estas Memórias de casar, que se fazem aos 25, 50 e 75 anos de vida do casal? 3) que alcance, significado e valores estão inseridos na festa de bodas de ouro, por exemplo?

Já uma vez reflecti sobre esta festa ou comemoração. Abordemos pela lado da Estatística. E temos: Na África ou na Índia, não há celibato de mulheres, ao contrário da

Irlanda onde, há poucos anos, ficavam solteiras 27 por cento delas. Logo, na nossa região, são vários aqueles a quem não é dado recordar, com bodas de ouro, o dia em que casassem: uns porque nem casaram; outros porque a vida correu mal e não têm vontade de festejar o dia em que casaram. Em resumo: em cada concelho poder-se-ão contar pelos dedos os casais que, em cada ano, perfazem o tempo para bodas de ouro. Mas os que fazem a festa atingiram os seguintes valores: a) idade superior à da reforma pelas Caixas — 65 anos; b) nenhum dos cônjuges teve a desdita de ficar viúvo; c) têm filhos criados e colocados nas estradas da vida — lançados; d) ampararam-se um ao outro (na carroça uma roda, só não anda); e) resistiram às zangas, às rixas, ao desgaste e não se divorciaram, que era do pior que podiam ter feito.

Dito isto, e para não dizer tudo hoje, sou do seguinte parer quanto à bodas de ouro e semelhantes: 1) os filhos, os parentes, os vizinhos e os párocos e as juntas devem estimular tais bodas; 2) a todos os noivos se deve fazer votos por que se vão desde logo preparando para chegarem às bo-

das de ouro; 3) todos quantos tenham assistido a um casamento devem, sendo vivos, ser chamados a assistir também, às bodas de ouro; 4) precisamos de análises e estatísticas sobre esta festa social porque o valor dela está a subir de cotação cada vez mais; 5) nem é de esquecer os usos, a este respeito, por esse mundo fora, mesmo terras de missão. Na Rússia, no Japão, na Índia, no Irão, na Suécia, em Marrocos, no Brasil e outros povos, também se fazem bodas de ouro? Como as fazem e que valores lhe dão?

Acho que a Imprensa Regional é a única a quem compete acarinhar esta pérola social. Louvores ao António e Teresa.

FRANCISCO ALMEIDA

8.10.82

16/57

ANOTAÇÕES PARA Os Passos em Barcelos

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

102

V. M. 5.2.83

Noticiam os jornais barcelenses que no corrente ano — 1983 — os nossos homens querem que, outra vez, haja Passos. Daqui lhes tributo as minhas felicitações. E por motivos diversos, que não quero agora enumerar.

Passos, passadas, caminhada Daquele Homem de que há pouco se festejou o Natal. Digo Homem porque só quero anotar, hoje, quem era esse cujas passadas os barcelenses irão ver nos fins de Fevereiro. Quero dizer: a personalidade, a fisionomia, os Caracteres desse Jesus. E dito isto, queiram acompanhar-me.

I — AS IMAGENS DO CRISTO

Dispenso-me de as lembrar: umas mostram Cristo como o ovelheiro (pastor) com o «carneirinho» ao pescoço. E outras... E outras... Agora, Passos, como a da minha Galegos, em que o Cristo é retratado assim: corpo de homem passante dos 20 anos, bastante alto, de barbas e bigode, cabelo comprido e aloirado, mãos retesadas apertando uma das pontas de uma cruz preta, em madeira, que transporta ao ombro (não sei se direito, se esquerdo), cara magra, ensanguentada, olhos encovados, aspecto de muito sofrer.

Segundo a minha imagem, o Cristo era um homem bem proporcionado e «bem parecido». Valia a pena que, por esta época, se fizesse uma recolha de quantas são, nas terras barcelenses, as imagens deste Homem dos Passos e como O retratam. Deixo a sugestão aos nossos homens de Letras, ou aos historiadores, ou aos pintores ou aos escultores ou aos mais capazes de fazer isso. Que os há, muitos. E a obra ia interessar a 100 mil conterrâneos, senão ao País inteiro.

Imagens são imagens. Quanto ao nosso Cristo, elas nem são fotos nem retratos. Como era, então, esses Jesus que nem eu nem os leitores nunca vimos? Porque nem de meus avós (homens) eu tenho sequer uma foto ou um retrato. O Cristo era homem. Logo, ensina-me um qualquer livro de Ciências ou de Anatomia: não é um mito, mas todo como os homens de agora, cujo corpo se pode distinguir entre Cabeça, Tronco e Membros.

V. M. J. 2. 83 I — O CRISTO REAL

Anoto só: não era de estirpe do homem ibérico nem do tipo do inglês nem do alemão (ariano) nem do tipo russo nem como o chinês ou preto como os africanos ou parecido sequer com os esquimós ou os falados índios. O Cristo era mais parecido, decerto, quer com os árabes quer com os judeus de hoje. Consta por tradição que era um belo rapaz, direi, mesmo: um mocetão. Nem é de estranhar, tanto Deus andou com o olho nele.

6/45

III — OS CARACTERES (carácter, modo de ser)

Há aí um livro que se chama *Como Observar As Pessoas*. Tinha de ser feito por um americano como de facto o é. Ora se há sujeitos

(Continua na pág. 4)



Anotações para OS PASSOS EM BARCELLOS

(Continuação da Página 1)

E depois, os maiores pecados: ser orgulhoso (soberbo), ser avarento, ser preguiçoso. E outros.

Quantos, neste 83 já há que nunca ouviram nada do Catecismo, resumido, que mandou o Papa do ano 1910? E ides queixar-vos depois de haver mulheres violadas, crianças «matadas» dentro ou fora da «barriga» da mãe, de vos roubarem a casa ou o carro ou mulher ou raptarem o filho?

São estúpidos esses queixinhas porque não apagaram o lume e querem que ele, aceso, não queime! — Quem manda? — Nós. Quem cumpre? — Eanes.

para lerem as pessoas por dentro, outras há que, nesse capítulo, são como cepos: não vêm nada. Prefiro os primeiros, mas não me reconheço dos melhores entre eles. É uma falta de educação da juventude que se não ensine a arte (ou técnica?) de Observar as pessoas. Será por isso que do Minho não saem tantos diplomados como devia sair. Corrijam isso e anotem quanto segue.

DAS PAIXÕES

Vejo que são os escritores sobre a chamada Ascética quem mais fala dos Caracteres. Para tanto, diz-me um que todo o homem (e mulher — logo, também o Cristo dos Passos) têm os seguintes impulsos (tendências, paixões):

- 1) Amor — leva a estar com outrem; 2) ódio — repele;
- 3) desejo (quer o que não tem); 4) aversão; 5) alegria; 6) tristeza;
- 7) audácia (atira-se); 8) temor (medo); 9) esperança; 10) desespero (desesperança); 11) cólera (ira, furia).

São onze. Todos nascemos com isso, de carga maior ou menor. Sabido é que isto se liga com aquilo a que chamam os sociólogos — e a sociedade — Virtudes, que são o amor nem demais nem de menos, tão arrojado que não seja temerário etc. E esse governo, sem desvios, daquilo que as nossas paixões são, do cavalo (corpo) pelo cavaleiro (cabeça); de nós mesmos, é que faz o homem ser um santo ou um malfeitor.

AS ESCOLAS

Mas não é exacto que as nossas gentes são, cada dia, mais desgovernadas? Mais criminosas? Mais corrompidas? Mais Imórais ou in-virtuosas ou carregadas de vícios? Por exemplo: criam hábitos de nunca dar cavaco a Deus nem ao Cristo (são irreligiosos); e de só não pilhar o alheio se não puderem (adeus àquele o seu a a seu dono) — e chamam, as hipócritas, por Justica! E por aí fora, sem que governantes alguns atalhem isso e cuidem da Moral Pública. Adriante.

A CATEQUESE

Esta vem sendo cada vez mais rara. E era lá que — e só — era ensinado às gentes: não Matarás, não serás adultero, não dirás calúnias, respeitarás a Deus mais que tudo no Mundo. E também: o baptismo dá-te fé e esperança e amor a Deus.

6-45

da 6144

IV

Já me perco nestes dizeres, pelo que passo a resumir quanto ao Homem dos Passos (que sofreu só na parte de Sua Pessoa em que homem era — ensinava o tal Catecismo):

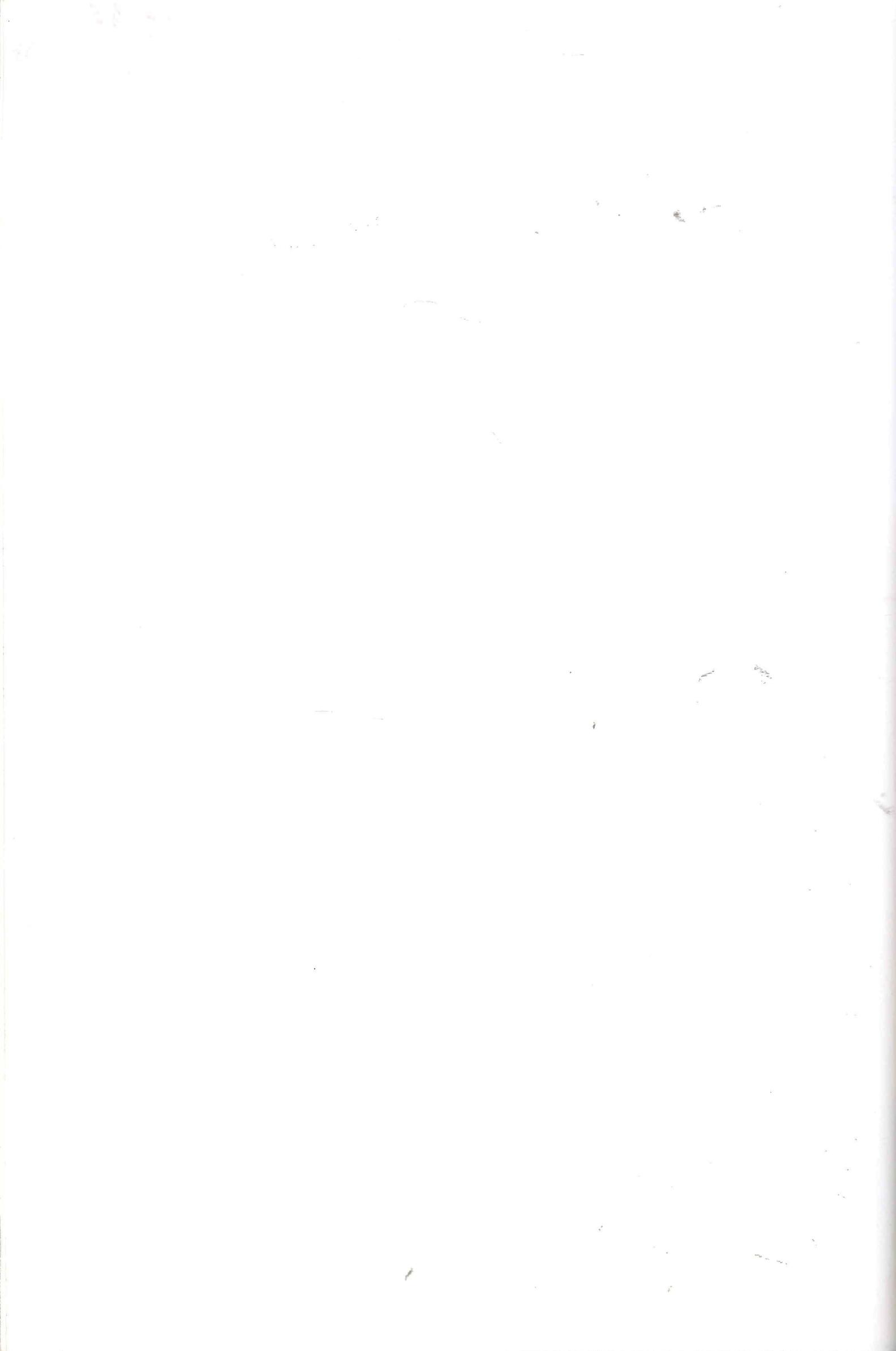
CARACTERES DO CRISTO

- a) não foi um enganador — mas mais veraz (verdadeiro) como nunca outro o foi;
- b) não foi um iludido (ingênuo, bem intencionadinho);
- c) não foi um mágico ao serviço do diabo como disseram os perversos judeus do Seu tempo; — d) foi o melhor Observador das pessoas que já se viu (e li-as por dentro, como só Deus nos pode fazer);
- e) era tão inteligente que nunca o mais atilado doutor Judeu conseguiu fazê-lo dizer que A não é A; — f) tão sábio e prudente que nunca foi visto a corrigir uma só frase que tivesse dito — coisa de que nenhum outro homem se pôde ou pode gabar; — g) era uma alma de artista que se deleitava a ver e a admirar as cores e os perfumes dos lírios e outras flores; — h) sem andar nas universidades da sua terra (era pobre e operário e tinha a Mãe a Seu cargo), conhecia as leis dos astros, os costumes do povo e dos animais como nem os etnologistas do século XX; — i) falava de tal maneira como nenhum de nós é capaz: inventava casos (parábolas) que todos achamos maravilhas; j) era uma voz de vozeirão — não havia alti-falantes; — l) homem religioso (respeitador de Deus e executante da Vontade do Alto) como ninguém mais; — m) virtuoso em tudo e sempre: religioso, justo, prudente, corajoso, afectuoso, casto, veraz, compassivo, etc. tanto que até os perversos o acham o mais perfeito exemplar de homem que jamais se viu na Terra. Tanto que por Ele se apaixonaram — até morrerem por Ele — milhões de sujeitos e sujeitas e desde há 2 000 anos para cá.

CONCLUSÃO

Este Homem foi aquele a quem os medíocres tiraram a vida. Não sem que antes de O destruirm, retirando-lhe todo o sangue das veias, artérias e pulmões, o fizessem passar noite em claro, o não torturassem de toda a maneira, o fizessem ir a pé e aos trambulhões até ao alto de um monte.

Francisco de Almeida



Sua Santidade -- Disseram-lhe Adeus

Continuação da primeira página

Sou padre. A palavra «padre» per-
cebeu-a ela... agarrou a mão e
beijou-a... A mulher tornou, su-
plicante: «Igreja». Ao pôr do sol
do 2.º dia de viagem, chegaram a
um estranho maciço de cruzes in-
clinadas... era obra de índios.

Estas gentes disseram adeus a
João Paulo II e por muitos anos
hão-de relatar aos filhos e netos
que em poucos dias o Papa se
apresente aos sentidos de tantos
povos! E tocaram-no e ouvem-no
e cantam-lhe e daltam-lhe flores.
Porque?

Razão têm os marxistas e comu-
nistas, como um no Expresso de
12/3, ao dizer que o marxismo
também evolui. E exacto. Como
não são estúpidos de todo, perce-
beram que não vale a pena, em
sitio nenhum, copiar Afonso Cos-
ta ou os Mexicanos de 1920 ou
os Vermelhos de 36 na Espanha,
com o que, pelo menos por agora,
metem o Lenine na graveta — ele
e as suas teorias sobre Religião.

Oportunistas como se diz do

imperador Constantino (anos 313)

de quem se escreveu que «usu

de quase todas as de que a Bi-

blia fala! Alguém Império há-de

haver no ano 2000 já que os hu-

mais tanto gostam dos impérios.

←

Pela 1.ª vez um deles há-de ser
Proletário, só de trabalhadores a
governar, e governados, sejam
eles lusitanos, índios, russos ou
chineses. Claro que será ditadu-
ra, mas esta, pela 1.ª vez, será
isenta de defeitos, das boas dia-
duras, onde não entram burgue-
ses. Não é evidente que tudo são
mitos para de nós fazer cobiças
ou bestas de carga? Mas se Deus
quiser, não é a teoria materialista
da História, que Marx inventou,
quem vai fazer que as doutrinas
de Marx não governem tudo: Os
Hititas não liam Marx e já sa-
biam fazer escravos. Abraão teve
escravos e de uma, um filho cé-
lebre.

Claro que os homens podem re-
solver seus diferendos sem ser à
bofetada, com violência, como o
Papa foi lembrar aos da Guate-
mala e outros. Só que, embrenha-
dos como os líderes andam nas
teorias da guerra, não se vão
convencer de que a guerra, não
é Motor da História. E os moto-
res queimam e matam para me-
xerem. O que me preocupa é isto:
quanto paisenzinhos de 1983 te-
rão sido varridos dos mapas da-
qui a 20 anos?

Disseram adeus ao Papa. Mas

se o Cristo, que o Grande Polaco

prega, lá não ficar ou for por eles

expulso, como no México de há

60 anos, esses povos há-de moe-

-los o sofrimento próprio de quem

é escravo. A Semana Santa deles

já começou. A nossa vem aí.

(Continua na 4.ª página)

2-4-1983

DISSE RAM-LHE ADEUS

2-4-83

Havemos de ter aqui, acerca da ida do Papa às Américas, vários considerandos. O 1.º é que, mesmo os povos rudes da Nicarágua, Salvador, Panamá, entre nos só conhecidos de nome, ficam a saber que o Papa dos católicos é também um chefe de Estado. E coisa curiosa: foi o ateu e marxista Mussolini quem reconheceu que a instituição Santa Sé tinha de ser havida como este soberano, mesmo no temporal. Ora eu iria apostar que em Portugal nem sequer 10% da gente sabe que a Santa Sé é tão Estado como Portugal o é.

O 2.º é que aquelas gentes das Américas vivem bastante pobres. Não têm produtividade, porque grande parte são índios ou negros — até os rostos deles o provam — e leva muitos anos a tornar um povo de gente culta. Que o digam os Cubanos, apesar do investimento maciço nas escolas. Para saberem o que são os índios, oíram este trecho que extraído do livro O Poder e a Glória, sobre o conflito governo-crentes, no México, anos de 1917-29, conflito que fez tantos agravos como os

Roxos na Espanha de 36: «As cabanas surgiam à luz dos relâmpagos... Um rosto espreitou da porta... — rosto de velha, mas com os índios, nunca se sabia ao certo — podia não ter mais de 20 anos... ela desatou a correr dentre as frágeis cabanas pretas a dançarem-lhe...»

(Continua na 4.ª página)



CONVERSANDO COM OS LEITORES

47

UMA CARTA

DE ALVARÃES 1.131

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Quando me ponho a pensar e vejo quantos leitores, e tantos, por este Portugal fora e Mundo além, folheiam semana a semana o «Cardeal», concluo que Ponte é como uma Emissora a irradiar novidades para todo o lado. Se eu emitir, quantas arrelias provoco? Quantas e quais simpatias?

Primeiro — Tem razão o Sr. Brandão (Cardeal, de 18/XI) ao estranhar o leque salarial tão vasto: vai de x a umas 50 vezes x, o que dá 50 classes salariais. Quando me lembro de que o Imperador da China, já em 57, obrigou os chineses a viver em tendas e a trabalhar nas Comunas e para mais sem qualquer salário, só pelo Comer, concluo que Mao escravizou, mas Portugal está pior que em 73 (ver o livro

Mao Tsé Tung, editora Ulisseia, tradução, ano de 68, pgs. 281 e seguintes). **23.72.83.**

Segundo: reagindo a um artigo que aqui publiquei, um leitor da freguesia de Alvarães (na estrada Viana a Barcelos) fez remeter-me um livrinho que é Separata de uma Revista editada em Gaia. Aqui agradeço a Separata ao ilustre Remetente e aos do «Cardeal». É a 2.ª vez que um leitor reage assim. A 1.ª deu-se pela mão do ilustre Garibaldi ao mandar uns quantos livrinhos seus, que também agora agradeço, e tratarei noutra altura. Como é que o «Cardeal» é lido em Alvarães? Ora a Separata chama a responsabilidade Missionária (dos Portugueses). Um dos artigos (Sociologia, números, desenhos, etc.) é do

Prof. Dr. Silva, da Universidade de Évora. Tudo gira à volta de quantas pessoas há a cargo de cada Sacerdote católico, por exemplo: na África 3302, nas Américas 3124, na Ásia 2213, na Europa 1086, em Portugal 1839 (católicos por padres).

Aqui quero observar: não foram os Soviéticos os 1.ºs a planificar (pl. quinquenais)? Contra vêm, Roma também planifica e faz Estatísticas: que as coisas de Deus não rejeitam os auxílios das Ciências. Parabéns aos Autores da Separata e ao Leitor que me remeteu.

(Continua na página 12)

23 DE DEZEMBRO

1983

1.51

Conversando com os leitores

1 (Continuação da 1.ª página)

Outra observação: em 3 sítios o «Cardeal» de 18/XI se refere à pessoa do extinto Collaborador, Fernandes Lima, de Moreira. Proponho: que se recolham os escritos dele aqui no «Cardeal» — dão a história da sua freguesia; que se destaque o seu gesto de beneficiar os empregados que o serviram; a sua dádiva de 1000 contos para a Escola (nova) Cristã desta região, que é o Seminário de Viana. Foi inteligente e foi generoso.

Terceiro: folgo muito ao ler no «Cardeal» que Valdevez está a acordar para os estudos da sua região. Louvo e secundo os comentários sobre isso, de A. de C. no «Cardeal» de 18/XI, mas sugiro que leia a Terceiro Mundo com olhos menos cor de rosa. Pode-se ver num jornal de Braga (O Cávado), de 17/XI — como lá vem anunciado um livro (que já vi em Montechoro) chamado *Falsificações da História*. E existem, claro.

Ainda do dito Cávado: que compramos Sucata com dólares e não aproveitamos a que

cá temos: erros da Siderurgia Nacional (nossa), o papão estúpido. Que anda pelo Norte um borborinho enorme porque os Correios arrancam televisões para não se ver a Espanhola (querem-nos bem metidos no curral). Que o Casqueiro acusa os comunistas de devorar ao Tesouro 80 milhões de contos. Que, em Braga foram escritos trabalhos sobre a vida das nossas terras (logo de Ponte) referentes aos anos de 1400 a 1499, por onde se vê que já havia o S. João de Braga no ano 1185 — há 800 anos! Que os comunistas da França, logo que as eleições foram viciadas como devia, passaram a perder os feudos camarários. Que o governo (M.P.L.A.) de Angola nem com as ajudas de Cuba consegue sair de Luanda. Que a nossa estupidez é tamanha que um fugiu da cadeia há 9 anos e só agora foi recapturado para pagar os 18 em que fora condenado. E vivia às escâncaras em Rio Maior

(os da Moca), pertíssimo da cadeia de Alcoentre. **3**

Quarto: viram a crónica de Manjúa em que se referia ao Padre Cruz, um que viveu em Lisboa. Se o povo o canonizou, podemos ter orgulho de que Portugal, embora rarissimamente, também cria Santos. Um foi o Pacheco, aqui de Ponte, e de que na Vila não vi monumento. Mantenho o que disse noutro lado: Precisamos de (ao menos) uma Estátua em cada freguesia, já que tão pobres somos de monumentos. Mas, disse-o Majúa, ao Padre Cruz fez o povo de Lisboa monumento. Isto traz à colação uma grande polémica em que anda o jornal «O Vianense»: é que aquela famosa capela da Senhora das Neves é disputada por 3 freguesias. Feita no topo do monte pelos antigos, de certo quiseram fazer obra comum de três. Os tempos mudaram, os antigos não escreveram como a fizeram e os de

2.133



PARA A HISTÓRIA DE

Pereira

(Continuação da página 1)

3/5/84
 45—ordem aos Apóstolos para dispersarem; 46/49—Paulo ordena os 1.os padres (presbíteros), Sant'Iago em Saragoça, tempo dos obtusos Simão Mago e de Cenrto e talvez de Cecilio, 1.º bispo em Elvira (Sul da Península); 50—1.º concílio em Jerusalém, 54/56—Paulo deambula com Tito; 57—Lucas escreve seu Evangelho; 58—Paulo em Corinto (Grécia do Sul), André no Sul da Rússia (Cítia); 62—matam Tiago menor; 63/67—possível estadia de Paulo por cá; 67—matam Pedro e Paulo (Roma)—é o tempo de Séneca, escritor hispânico; 77—é arrasada e queimada Pompeia (ficaram sinais de cristianismo lá); 79—tempo de escritores Plínio, Juvenal e Marcial; 81—império de Domiciano—má fé contra os de Cristo; 95—escrito o Apocalipse, tempo dos herejias ebionitas, 96—imperador Nerva, 98—Trajano—as leis são humanizadas, os Dáciaos (romenos) são conquistados; 100—morre o apóstolo João, decreto o último que ainda vivia; 101—há soldados que são mortos por serem cristãos (e não apostatarem); 107—Santo Inácio vai preso da Síria para Roma (era bispo e filósofo); 130—hereje Basílides, Clemente em Alexandria (professor, filósofo e teólogo), Carpócrates cria uma gnose (sabedoria) imoral; 153—polémica de S. Justino com o pagão Trifão; 156—morte de Policarpo; 161—tempo de Antonino e Aristides; 167—o pagão Celso ataca (livros); 170—Taciano ataca os gregos (pagãos), S. Dionisio de Corinto; 172—hezisia de Montano (África do Norte); 177—matam vários cristãos em Lião (França do Sul); 180—Ireneu ataca (livros) Sul da França; 189—Panteno vai do Egito missionar à Arábia; 200—já há muitos cristãos no Malabar (Sul da Índia); 220—morre o escritor Tertuliano (África do Norte); 253—Orígenes (professor) vai da Alexandria, Egito, para Tiro (escola); 254—Concílio em Cartago (S. Cipriano, mais de 30 bispos), po-

lémicas por causa de apóstatas medrosos (os bispos de Astorga e de Mérida).

Temos assim percorridos 250 anos. Vemos bispo aqui ao lado, em Astorga. Pergunta-se: era possível não o haver ainda em Braga, tão importante que ela era? Não acredito. Mesmo assim, era impossível que no ano 200 não houvesse cristãos na zona de Braga.

Do Minho até Roma, já havia a auto-estrada de Antonino (anos 161). Já então os de cá estavam civilizados (romanizados).

Mesmo assim, o 1.º bispo privado (por documento) só aparece no ano 400. Era hereje e converteu-se nesse ano (1.º Concílio de Toledo).

E desde 250 (perseguição de Décio, quando o de Astorga apostatou) até aos Suevos, que só vieram em 409? Nesse tempo (anos 380) tudo aqui era hereje a seguir Prisciliano? Os Cristão fléis não conseguiam ter bispo? Ele vivia na clandestinidade?

Chegamos a 409—ai vêm os Suevos, no fundo um povo alemão.

Concluo: se as paróquias, como Pereira, Valbom e Rebordões, são suélicas, de qual ano o são, entre os de 409 e o de 585, em que foram papados pelos Visigodos? A minha convicção é a de que as tais paróquias eram de facto missões (centros missionários) e mui-

BARCELLOS

to anteriores à entrada dos Suevos cá. O documento é referido ao tempo dos Suevos, mas decreto traduz uma quadrigula cristã anterior ao ano 400 e mesmo 300. Que éramos nós a menos que a África, onde, em 250, já havia mais de 30 bispidos? Em 400 já Chaves era bispado.

Custa-me aceitar que o Porto—e todo o Portugal—norte e centro—só tivesse bispidos depois dos anos 500.

PARA A HISTÓRIA

48
217 Pereira—a mãe das

POR

Dr. Francisco de Almeida

O Barco. 3/5/84

A nossa freqüesia de Pereira é tida pelo dr. Almeida Fernandes, professor em Viana, como uma das poucas Paróquias do tempo dos Suevos. E só haveria outras três, como vizinhas de Pereira, a saber: 1) a da própria Sé em Braga; 2) a situada onde hoje é Valbom (concelho de Vila Verde); 3) a situada em Rebordões (estrada de Barcelos a Ponte). Se assim foi, então nem a Póvoa nem Vila do Conde nem Espinho nem Viana nem Ponte e muito menos Melgaço, Caminha, etc., eram ainda cristãos no ano de 409. É possível?

1.º Problema: paróquia sueva

Sabemos que, nos dias de hoje, por exemplo em Angola, a paróquia é, às vezes, o mes-

mo que Missão ou centro onde o missionário vive deon-de salu para pregar às populações dos arredores. Uma missão (paróquia)

outras paróquias

tem seus 50 quilómetros de raio, seja tanta terra como de Barcelos ao Porto, a Vieira do Minho, aos Arcos, etc. Evidente é—e os missionários dizem no para as revistas missionárias—que há povoações lá nas juntas da Missão ou paróquia que eles só podem visitar de ano a ano. Cabe à arqueologia ver se há restos por ai que demonstrem que Pereira é tão antiga paróquia.

Concluindo: paróquia sueva seria, assim o mesmo que centro missionário ao tempo em que os Suevos cá viviam (409 a 585=176 anos de reino).

DOS SUEVOS

Ora, a cronologia, até aos suevos, foi, no essencial, esta: Ano 33—1.ª Páscoa; 34—morre Estêvão e Paulo converte-se; 36—Pedro, bispo de Antioquia (Síria), heresia dos Nazarenos e outros; 38—Acrodes o Grande; 40—possível andança de Sant'Iago pela Espanha; 42—Tiago Maior é morto e Pedro sai da cadeia (milagre);

(Continua na quarta página)

Pelo DR. F.

COISAS DE

Tendo visto com a 1.^a classe, de há 10 anos, Barcelos. Não conheço um só santo que o Autor fez das coisas. A 1.ª vez que o vi, fui-lhe dito que era um bom clemente, e que a mesma Roma. Aos de-
jornais, e dito belo exemplo, se

António Telxeira da Silva Chetaria.

agos do Conselho, 10 de Abril de 1984.

O PRESIDENTE

João Manuel da Rosa

Secretaria Notarial de JUSTIFICAÇÃO

que, por escritura já corrente, lavrada entre a folhas quinze do livro de notas diversas número Segundo Cartório, Notarial, a cargo enciado João Dionísio Aratijo, JOSÉ MIRA GOMES e ANDRINA GOMES, casados no reunião geral de bens, freguesia de Oliveira da Mata, onde residem ainda, ambas deste Barcelos. DECLARA RICÓRDIA tornou contactada pela intregra do órgão

pouco prematura lo de realizar o rito tal era mais tma para o levar possibilidade de

mente por motivos, razão por que nenhuma realizada.

ricórdia agradecestar homenagem s quantos ueham ento, o obsequio órdia, se tiverem

enham sido con- a Igreja da Misericórdia um valor maior Cândido Maciel, donativos, ação ação económica, o lar de Idosos as indemnizações das verbas avul- osua insistência, o dia, cujo desfecho

de 1984.

ORTO

e seis escudos o valor mae- cento e vinte na matriz pre- do primeiro sob o artigo setenta e o valor de

Que possam ser dito em nome de mi- cincos, sem de quem que inicio, possem sem ini- mente, com a oente sen-

Para consi- ser afixados na

E eu Luis Chefe da Secr. Barcelos, 4

Guarda-se sigilo estando empregado Resposta a este Jornal ao N.º 15

APARTAMENTO

VENDE SE um T3 + 1, com dois quartos de banho completos e um terraço com 90 m², no edifício da Torre Ampal.

Informa Telef. 83410 das 10 às 12 horas.

ALUGA-SE

PAVILHÃO amplo com 320 m², possui energia, águas e telefone.

Informa telefone 81381 das 12 às 14 e a partir das 19 horas, ou telefone 84111 as horas de expediente.

Oração ao Divino Espírito Santo

Divino Espírito Santo, Vós que nos esclareceis todo, iluminais todos os meus caminhos para que eu chegue à felicidade. Vós que me concedais o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas, até o mal que me tenham feito. Vós que estais comigo em todos os instantes, em queira, humildemente agradeço por tudo o que sou, por tudo o que tenho, e confirmei uma vez mais a minha esperança de um dia merecer a poder honrar-me a Vós e todos os meus irmãos na eterna glória e paz.

Obrigado mais uma vez (A pessoa deverá fazer esta oração por três dias seguidos, sem dizer o pedido, e dentro destes dias terá alcançado a graça por vida por Venâncio Gonçalves dos Santos, casado, do Bairro de Santa Marta, n.º 12—A—1.º da freguesia de Arcosel, desta comarca.

Barcelos, 5 de Abril de 1984

O Juiz de Direito,
Dr. Manuel Gonçalves Vilar

O Escrivão de Direito,
Carlos Alberto Pereira Reinha

CERTIFICO de doze de Abril de folhas quarenta e uma, para escrituras setenta-D, do desta Secretaria do notário Dionísio Alves de FARIA PEREIRAS MENDES MENESES gime de comum de natural da fideleza da da U no lugar da Conceição de RARAM O S

Que são dos suidores, comem de um minado q de lances

Telefone 814851

Consultório Av. C. da Grande Guerra, 172
Telef. 82636 Barcelos

CAMACHO LOBO

Médico — Especialista

DOENÇAS DA PELE

Consultas: as 4.º Feiras
telef. 83177

A.º Alcaldes de Faris
Torre Ampal — Barcelos

A. Macedo Garrido

Médico Especialista

CIRURGIA GERAL

Consulta de Consultas:
todos os dias úteis

Cons: Terças e Sextas Feiras
R. D. António Barroso, 17-1º
Telef. 81511 4750 Barcelos
Resid. Telef. 684517 Porto

César Igreja

Clinica Médica

CONSULTÓRIO: Rua D. António Barroso, ou Rua Direita n.º 17—2.º—Sala B—Barcelos

Consultas todos os dias
da parte de tarde

Telefone 81401

GIL BRAGA

MÉDICO

Consultas todos os dias úteis
de manhã e de tarde

CONSULTÓRIO: Largo da Porta Nova n.º 4—2.º andar
Telef. 839451
Residência — V. F. S. Martinho
Lugar da Escola

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

54

Tenho visto com a maior simpatia que os rapazes e raparigas da 4.^a classe, de há 40 anos, se reúnem de tempos a tempos, em Barcelos. Não conheço um deles sequer. Da última vez esteve presente um novo elemento, a Irmã tal e tal. Caminhos diversos para a mesma Roma. Aos do grupo, porque além de reunir, falam no jurnal e dão belo exemplo, se mo permitem, os meus parabéns.

Espero que pelo menos alguns leitores leiam com atenção — e guardem — quanto aqui tem escrito o nosso Colaborador, Sr. Dr. Falcão Machado. Não será muito pedir que a Câmara edite depois a recolha que o Autor fez das plantas que Barcelos criou pelas fre-
guesias.

~~A Voz de Braga 10/XII/83.~~

Fez-se há dias em Braga um Simpósio ou Congresso acerca disto: Arte, Ciência e Cultura do período missionário (português). Os simpositistas debateram a coisa, tiraram suas conclusões e no fim foram até Ponte de Lima, para homenagear um missionário de lá que está nos altares — Pacheco.

Não gosto do título: do período missionário? Mas em Portugal, já acabou esse período? Mal, se sim. Lamento-me por todos: em Barcelos raro será o que saiba que fez e por onde andou o Beati-
cado Pacheco, que li ter sido, pelos anos 1570, aluno do Seminário bracarense.

Não gostei das conclusões do Simpósio por serem vagas. Uma me agradou e é que se publicuem os textos que por aí haja, inéditos, sobre os homens que das nossas aldeias saíram para longes terras (missões). Mas há documentos desses por aí? Em Galegos, não. Não vi tudo. Mas numa encyclopédia não encontrei nada sobre nomes de gente nossa, falada por exemplo no Mancellos e no Padre Magalhães — Resenha e Barcelos (monografias).

Também já ninguém sabe o que foi o Congresso Missionário em Barcelos, pelos anos 30, já que foi há tantos séculos... (Continua na página 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1) 7.5/1

É de todo claro que enquanto as leis protegerem tanto os maus trabalhadores (empregados) nem as seguradoras (nacionalizadas nossas) nem os bancos centrais poderão funcionar como a Ética mandaria.

Quer dizer: todos vêm o dever-ser, o ideal, mas também sabemos todos quanto difícil é que as leis se façam pelos comandos éticos. Pior quando os deputados têm de defender, cada grupo, suas teorias e suas clientelas. Na Física estuda-se a teoria das Forças Concorrentes, quer dizer: se a carroça for puxada por 2 burros e um puxar na direcção de Braga e o outro na direcção de Vila Verde, a carroça nem chega a Braga nem a Vila Verde e passará mais perto daquela que tiver o burro mais possante. Em resumo: as leis não serão o que devem ser, mas o que for possível às forças em presença cozinhá-las.

A democracia é assim. E espera-se com isso evitar alguns disparates que os Salazaristas fizeram. Mas vamos consegui-lo. Não creio.

• A Voz de Braga 20/XII/83

Claro que todos estaremos de acordo em que as governações de Angola, Moçambique, etc., nossos ex-alunos, sejam as melhores possíveis. É-nos monumento cultural isto: A língua que lá deixámos e os costumes e saberes que lá implantamos, sobretudo o Cristianismo. Se repararem, mesmo na teledrama A Gabriela, há rastros da religião que Portugal ensinou ao preto, ao índio e ao mesticô do Brasil.

Coisa semelhante ficou de nós em Angola e no mais que foi Português. Mas daí não pode seguir-se que tenhamos de sustentar machenistas e netistas com os ganhos das nossas mãos. Que pecam os milhões aos Russos, ou aos de Cuba ou agora, aos da Coreia do Norte.

Daqui secundo o apelo de Angola, há dias, num dos nossos jornais: Afinal, só para a Ponte de Barcelos é que as massas faltam? Façam a ponte que o governo há-de pagá-la. Seja qual ele for. Com aquela ponte é que nada feito.

Francisco de Almeida

E por hoje tenho dito.

Parabéns também ao meu conterrâneo, mestre-escultor. Vi na oficina do Agostinho que o busto de Alheira tinha frusticado em 24 horas? Quem diria que o falecido Proco tinha cada frágil cosa? Escrevi noutro lado: precisamos de uma estatua em cada frágil cosa?

6.49

Tomando o pulso ao Minho

I Cávado 80

Esta, que vos escrevo, houve de ler-ma decreto, já depois de aprovado o novo Presidente. Porque, como dizia ontem uma dama: — Estou farta daquela cara do Eanes! E o comerciante, Faustino, sentenciava, em Lisboa, que Eanes e a Manuela se tornaram abjectos com aquela trapalhada de apoiar o Zenha. Bem podiam cair de cara errada,

guida, continuava, mas lá em Belém deve haver buracos para tanto empenho no candidato do Cunhal.

Até aqui, o Faustino. Como não há gesto sem a competente causa, começamos a pensar que sim senhor, ali há coisa! Crimes políticos?

Falando disto, escreveu o Dr. Falcão Machado na «Voz do Minho», de 23.I.84, referindo-se ao caso Marinha Grande: «o crime... vem de longe: desde... desde a conspiração de Alfarrobeira...». Foi há meio milhar de anos. Mas se como Machado sustenta, tudo na História se repete por ciclos, não há que ter muitas esperanças, digo eu. Há nessa teoria da História — outras teorias aí circulam — um quê de verdade. Seja como for, a miudagem lisboeta andava eufórica na semana que findou a 25 de Janeiro. Nesta semana — 1.^a da 2.^a Volta, não se vê propaganda pró-Soares ou pró-Freitas.

Na anterior, dizia-se na rua: — «Vote bem». Significava: «Vote Freitas». Agora, tudo calado, à espera decreto do Congresso que o Cunhal convocou. Porque seria perder duas vezes se ele apoiasse Soares e também este ficasse vencido. Assim, se perder, quem perde é o Congresso! É a mesma coisa, mas o nome de quem perde é outro! Que Deus guie o povo no novo volto e depois, ao futuro Presidente. Porque

se até na freguesia barcelense de Alvito — vai maquinaria à praça — o fisco não perdoa — isto vai mal e então, como suster essa peste declarada dos salários em atraso? Cheguem-lhes senhores, façam greve!

II

Na brilhante freguesia de Vila Cova, de Barcelos, publicou-se um jornal, a «Guarda». É um dos que dão aos seus leitores uns nacos de história local. Em Dezembro findo publicava a Memória Creixomil. «O Villaverdense», de Prado, vem fazendo o mesmo com as freguesias: Memória de uma arena. Significa então que até os rurais estão a virar históricos, que querem saber como foi, dantes. E os Dantes também fizeram boas asneiras. Por exemplo, aquele católico, Giraldes, falado na nossa História da Diocese da Guarda, do Pinharanda, que nos anos 1880 se pôs anti-Papa e decreto, com Herculano, formou o cismático grupo que hoje dá pelo nome de Igreja Católica Apostólica Evangélica.

A aberração é ser pró-Papa (católica) e anti-Papa (protestante, evangélica).

Este Portugal todo dividiram-no em 75 fatias ou paróquias. E quantos serão os seus silenciosos aderentes? Foi a Semana da Unidade Cristã. O Minho precisa de conhecer esses Evangélicos: 1.^o conhecê-los.

III

Perelhal fez sair na «Guarda» as contas da festa do Alívio (Senhora do): saldo de 85 — 93 contos, receita global — 1.371, despesas — 1.146. Agora a aberração: da caixa das esmolas — 92 contos — até os cavalos da G.

N. R. foram pagos! Não é isto ter o pulso doente?

De modo que sugiro que do saldo — 224 contos — mandem aos frades de Mon-

Perelhal

tariol uma fatia para pagarem a nova igreja de Santo António que constroem em Bissau ou fundem uma Bolsa missionária na revista «Além-Mar» que por aí anda espalhada. O sagrado ao sagrado!

Outros números: os das Marinhas, Espinho, dão na «Voz do Minho», que monopolizam, para 1985: mortos — 30, nascimentos — 115 (58 m. e 57 f.), houve 950 missas, 112 mil comunhões, mandaram dizer, fora, 3.487 missas e 20 trintários — 1.488 contos e as Festas havidas custaram 4.344, 3 contos, saldo para 86 de 357 contos. Temos o saldo fisiológico de 115 menos 30, quase 4 vezes os mortos. Uma freguesia de agora, nada ajustada aos Princípios da Filosofia do Politzer que o Cunhal aqui faz traduzir logo em 74 — para trabalhadores, que não percebo como engolem tanta patranha! Convenço-me de que só se é marxista, dialéctico, por tara —, é-se-o antes de ler o livro. É o Manual de Catequese deles. E lá ensinam:

— Reformismo ou Revolução? E querem provar que reformismo é Idealismo, é Metafísica, é disparate. Só é verdade a ideia da Revolução (teoria aliada à práxis, como dizem). Será que, sendo o

à 61.51



O pulso ao Minho

Soares voltado, vamos ter cá o Front que nem Mitterrand conseguiu aguentar? Ora não foi nada o Politzer, francês, quem escreveu o livro: aquilo tem marca bem soviética.

IV

Disse atrás dos históricos. Pois é! O Politzer também percorre a História. E leu a Suma de S. Tomás de Aquino! E pela-se porque aqui ainda se segue a filosofia do Santo. Por outro lado, também a encíclica «Laborem Exercens» — ano de 81 — discute sobre sindicatos, luta de classes e outros problemas do homem, que ganha o pão por um salário. Ora: Os Papas não mentem; nos mestres cristãos tem havido muitos Santos, aqueles verdadeiríssimos que não enganam o povo. Como se percebe que minhotos adiram a Cunhal, a Soares e outros assim formados na Universidade Nova do Politzer? Porrata? Escreveu o Padre Dr. Abel Gomes da Costa um trabalho sobre o Conde de Barcelos, o que foi genro do Beato Nuno. O prefácio é do catedrático do Porto, Oliveira Ramos, que nele teoriza sobre história local — construir às aldeias, ou reconstruir, o passado, em termos modernos, científicos (por-

que só agora — pensará — a Ciência nasceu...). É verdade que é preciso trazer o do passado ao de cima.

Nem me digam que isso fará os povos conservadores, em vez de Revolucionários, porque se a História for como a de Armindo de Castro em Evolução Económica — quase 12 volumes — é inocua: ninguém consegue ler aquilo! E ele que queria fundar uma Epistemologia nova para a História! Não quererá tanto o Prof. Oliveira Ramos.

V

Um vulto nosso bem falecido no «Notícias de Família». Para que nem refira a bibliografia dele: quase 20 obras tem ele referenciadas na Biblioteca de Lisboa. Músico ainda hoje em Lisboa, cantado nas igrejas. Escreveu também História, por exemplo, do Tombo das An-

tas, que Antas ainda não publicou. Só mais uma cereja: chega-me uma Monografia de Campo Maior ali perto de Portalegre e Elvas, que quer saber porque foi que os de lá foram em 1383 pró-Castela contra o Beato Nuno. Vendem-na caríssima. Bom apêndice de documentos.

É preciso tudo isso porque nem só de pão vive um minhoto, também de Ciências, também de História.

Escreveu-se aqui e bem, sobre o Prof. Dr. Júlio Fragata. Infelizmente não vejo influência da Faculdade de Filosofia em jornais, nos minhotos. Ora um dos jornais barcelenses relata também que em Coimbra faleceu um Padre Isalmo, 90 anos, suas brancas barbas de missionário à antiga. Pois é: para desespero dos agnósticos, passou assim, diz o jornal: — adeus, meu irmão! E ficou. Era o irmão carnal aquele de quem se despedia.

Aqui fica tirada a febre ao pulso deste nosso glorioso Minho.

Acácio Torres

de 6/50

*Malta
de
Maurício
q. sabem?
Acácio Diz*

Página 5



O 29 de Junho Pedro — Panorama actual de S.

I

A partir do ano não sei quantos, os Estados europeus começaram a festejar o aniversário da morte dos dois grandes — Pedro e Paulo. Porque, segundo tradição constante, ambos foram assassinados pelos Romanos nesse mesmo dia de Verão. Dessa valoração, sobretudo de Pedro, dão testemunho muitos sinais na vossa região: várias capelas dedicadas a S. Pedro, freguesias que escolheram para padroeiro, ser-lhe dedicado o Seminário de Braga, que vem de 1500 e tal, etc.

12

Grande

Aqui surge a 1.^a observação e é esta — os 1.^{os} Romanos justificavam todos quantos aderissem ao Cristo, enquanto que os Romanos das gerações posteriores passaram a fazer festa ao justicado, Pedro.

Isto deve ter-lhes custado porque os novos desautorizavam os antigos. Ora ninguém muda de parecer sem causas. Mudaram. Logo foi por reconhecerem que os antigos fizera-ram mal em assassinar Pedro. Mais sorte teve Pedro com os Romanos do que Jesus com os de Israel — porque os de Israel nunca viraram. Ainda hoje, folheando o romance de Arnaldo Gama, que tem mais de 100 anos e se chama a Última Dona de S. Nicolau, se pode ver o que dizia um Doutor judeu, do Porto nos anos de 1470 — «Branca eu já to disse» duvidar da justiça da sentença que condenou por impostor a Jesus Nazareno, é duvidar de Deus».

Quer dizer: os judeus de agora continuam a sustentar, como os do tempo de Jesus, que a sentença de morte contra Cristo não foi iníqua. Cegos que não querem ver. Mas isto prova que os Romanos foram mais rectos — quando viram que foi erro ter morto Pedro, corrigiram e passaram a fazer honras ao antigo assassinado. Os Barcelenses seguiram os Romanos.

Jorn. Barcelona 26-6-86

III

mais que um santo. Os santos foram em certa época, os heróis das populações. Daí as romarias etc. Essa moda foi-se esbatendo e nos dias de hoje, acho que nem os sacerdotes terão tempo para ler Vidas de Santos. Os heróis são terrenos: a Rosa Mota etc., etc. A ONU está a criar um calendário profano — Dia do Ambiente, dia do Idoso, dia da... etc. e com isso afoga a recordação dos santos, mesmo do S. Pedro. Estamos em outra civilização. Aqui condeno — nem tanto ao mar nem tanto à terra. Por isso, S. Pedro de Rates, isso acabou, apesar do monumento que tem ali perto de Balazar. Por isso não se vê missionários a relatar trabalhos deles em que entrem a falar de Pedro, Paulo ou outro santo, talvez com receio de que os batizandos se afeiçoem demais a Pedro em vez de se afeiçoarem a Cristo.

IV

Pedro também não tem tido vida pacífica nestes 2.000 anos que o Catholicismo leva andados. Vejamos porquê e já que será raro alguém falar disso.

Primeiramente, temos de reconhecer que Pedro não teve tempo de escrever cartas e cartas, como Paulo fez. Depois, Pedro andou sempre em bolandas, uns anos na Palestina alguns na actual Síria e por fim, atreveu-se, ou foi-lhe mandado, fixar-se na já então enorme, cidade de Roma onde o mataram ainda novo. Pedro nem podia sonhar que a sua obra se tornasse tão grande, tão grande, como o é neste ano de 1986: como quadrícula, é a diocese de Roma, tal qual a de Braga ou outra; como instituição é a Santa Sé, civilmente, é o Estado do Vaticano.

W

Cristo abalou e deixou cá o governador, Pedro. E como Pedro não é eterno, mas tem de haver governador, vigário, substituto, segue-se aí continua João Paulo II.

DE Daí que os Orientais rejeitem: só obedecemos a Cristo. O Papa. E os Protestantes, E, do outro lado, houve quem se

atrevesse a dizer que Pedro nem morreu em Roma. E aqui seria bom que as populações lessem o belo romance *Qua Vadis*, sobre Pedro em Roma. Outros sustentaram que Pedro programou uma Igreja assim, mas o Paulo, por seu lado, tinha em mente, uma Igreja diversa da de Pedro (os petrinos, os paulinos, etc.). Os Russos de 1400/1500 foram tão longe que disseram — houve a 1.^a Roma, que caiu nos anos 1000; houve a 2.^a Roma, com pior ainda que os Orientais (gregos, moscovos).

E vejam no que deram esses abusos dos Orientais: num governo ateu desde 1917.

VI

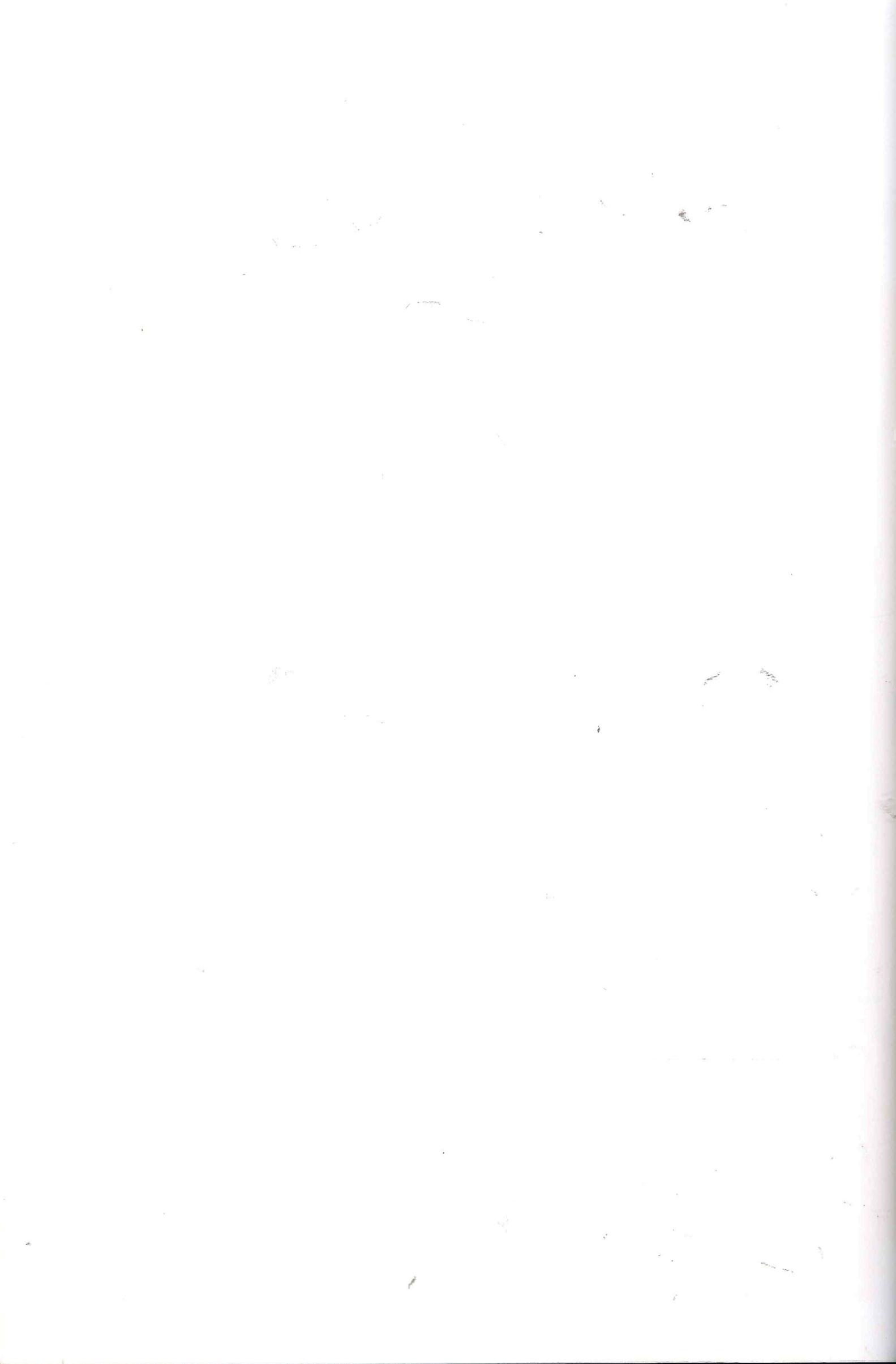
A obra de Pedro, Santa Sé, Igreja Católica, Papado, é neste ano de 1986, uma árvore impressionante: na Europa, é regida por uns 1200 bispos, nas Áfricas e na Ásia, uns 500 bispos cada. Não há nação, país, sede em Constantiopla, mas esta caiu nas mãos dos Turcos em 1453; agora, diziam, a 3.^a Roma é em Moscovo que não tenha seu ou seus bispos.

O Brasil tinha um só em 1550 e tal e hoje tem mais que 200 dioceses. Não há País nenhum onde o povo seja 100 por cento católico: uns tantos são judeus, uns quantos protestantes, mais um punhado de mouros, etc. Grandes sucessores teve o Pedro, mas também alguns menos bons, para Deus nos provar que a Igreja é de Deus e não do Papa. O aumento da catolicidade é mais vagaroso que passo de boi.

Ainda agora, Junho de 86, escreve uma revista sobre a Etiópia a dizer — a região de tal tem 5 milhões de pessoas (monofisitas, mouros, pagãos) e forma o vicariato (quase diocese) de tal. Toda a Etiópia, por onde andaram Portugueses, era em 1950, uma diocese com apenas 50 mil católicos. Agora as dioceses são 9 e só o tal vicariato já tem 32 mil católicos. Mas paróquias nesse vicariato, ainda só umas 13, etc. Na Etiópia? Mas os contras são — a população ser há mais de 1000 anos, cismática; 30 por cento dela seguir Maomé, etc., etc.

Conclusão — grande é Pedro e mundial a sua obra. Não o matem de novo!

Francisco de Almeida



PARA A FESTA DE S. JOÃO, O BAPTISTA

(Continuação do último número)

João Baptista foi um judeu e nunca vi que os Judeus de agora ou do passado gostassem nada dele. Pudera! Mas João nada tem com aquilo que é a obra de Jesus e Sua maxima fundação—a Igreja. É um Santo, mas não um Cristão nem católico. Essa é boa! Mas é assim já que só há Igreja depois da Ressurreição de Jesus.

Então festa porquê? Merece-a tanto como Moisés, que os orientais chamam São Moisés, e nós, não. Mas foi João quem deitou água na cabeça do Cabeça da Igreja. E foi exemplo dos mártires que preferiram ser fléis a Cris- to que nos Herodes destes 2000 anos de história. Bom é que continue modelo dos homens de uma só cara, dos que se não vendem, dos não corruptos, que cumprem sem lhes «kuntarem os eixos» (a expressão é do meu amigo Sr. Ângela). Ai Baptista, se cá vinhas neste dealbar do ano 2000! Esta- vas lixado. Morrias outra vez. A seita dos Herodes vive!

Disse atrás da Igreja. É que João não a conhecceu. Mas também hoje muitos a conhecem e não conhecem. Por exemplo: encontrei há dias um liveto assim chamado: Igreja—quem a confessava? Olá, pensei eu. Afinal, o Sr. Dias limita-se a achar ilógico que os bispos falem como Baptistas,

sobretudo o de Braga—que pas-

sou a perna, pela Direita, ao D. Francisco, diz—e a lançar flores nuns desgraçados dominicanos (pobre Santo Domingos!) que têm o arrojo, de santos!—de dizer os nossos bispos «teologicamente mal formados e (mal) informados»! Aonde chegaram alguns da velha e Santa Ordem dos frades pregadores! Veja a página

O Natal e as Ciências e o Povo

Continuação da 1.ª página)

geógrafos, aos astrónomes, aos versados em transportes, aos historiadores da alimentação e do vestuário, etc., como é que necessariamente, o Natal foi.

III

Vivia o casal, José e Maria, 2 jovens, no norte do actual Israel, mas ambos quase como exilados já que descendiam e tinham parentes no Sul (Jerusalém e Belém). Porque se ria que o casal vivia no Norte não descobri. Da Galileia à capital, Jerusalém, hão-de ter uns 200 quilómetros — linha recta. Mas não consta que no tempo de Jesus houvesse na Palestina uma como auto-estrada como a que ligava Braga a Lisboa, feita, aliás, só no tempo dos Antoninos, pelo ano 130 depois da Cristo. Ora da Galileia até Belém, o terreno era e é bravo e por isso, o caminho mais não podia ser que de terra batida, para carro de muares, como se vêem hoje nas terras alentejanas.

A Mão do Menino ia já no 7.º mês de gravidez, e por isso, prenhez bem visível, quando saiu uma lei eleitoral que mandava: no prazo X, vá toda a gente à terra das suas origens inscrever-se nos róis da parentela. Pelos vistos, a lei não dispensava nem sequer as grávidas.

IV

O nosso casal, galileu de adopção, pensou como obedecer à lei do Romano, da autoridade civil. Ela a pé não conseguia fazer aqueles 200 quilómetros. O mirar que tinham foi a solução. Tiveram de prevenir mais isto: munir-se de moeda suficiente para gastos do caminho (ida e volta, como pincaram) e de roupas para o casal, tenda para pernoitar caminho fora, roupas para o bebé que devia entrar tanto nascendo. Aquela lei foi de um incômodo tremendo e o casal não consta ter sido apapardado pelo Alto nem por ser qual era.

Maria conhecia o trajecto já que havia uns 4 meses que ela tinha regressado da capital, da casa da prima chamada Isabel. Desta vez foi passar com o marido na casa da prima, que vivia bem já que casara com sujeito bem pago. Até à casa de Isabel foi o pior do trajecto para Belém, que fica mais uns 30 quilómetros para Sul.

V

CONCLUSÃO

Sublinho os ~~sinais das Alturas~~ deste Menino, a saber: a) ~~ninguém teve a sua chegada anunciada séculos antes, mas Este teve;~~ b) ~~nenhuma mãe teve um bebé sem semelhança de homem, mas esta teve;~~ c) ~~a nenhuma mãe se pediu autorização para gestar um filho, mas a esta, Deus pidiu-o;~~ d) ~~nenhuma mãe deu ao filho mais que o body, o corpo, e esta só não fez mais que as outras;~~ e) ~~todo o bebé nasce da mãe quanto ao corpinho e de Deus quanto à alma que Deus cria, caso a caco e assim foi com Jesus;~~ f) ~~mas o bebé é só isso (corpo e alma) e Cristo vinha com mais este dado: o Verbo de Deus encrustado na carne humana;~~ g) ~~por este Verbo, o filho de Maria era anterior a ela e dono dela e do Mundo todo;~~ h) ~~por isso, quando o trio saiu da Galileia, outro trio se movia já, atrás de uma estrela, para se pôr de joelhos ante o Menino, como pôs, e eram gente da alta;~~ i) ~~por isso, outra estrela ofuscou guardadores de rebanhos, o anjo falou a pastores e esses tendo visto tudo, se puseram a dar com a língua nos dentes, em Belém, para quem os quis ouvir;~~ j) ~~por isso, os agentes do velho Herodes lhe mostraram o perigo político e ele cortou o pescoço a todos pensando que assim caçava o corpo, a alma e o Verbo!~~ Mas onde se viu nunca um homem vencer Deus ou conseguir destruir em 1 milímetro os planos que Deus traçasse? O Natal é o início da execução do tremendo direto de Deus a nosso respeito. Não só dos crentes, reparem, mas de tudo quanto é homem.

Mal das Ciências, que tanto foscaram, se não para:berem o Natal.

Concluo então: festa ao Baptista, homem sem papas na língua quando se tem de dizer verdades. Ainda que custem muita coisa cómoda, e atropelos. Porque a verdade é um valor imperecível, de que o Mundo não pode, nunca, abdicar. E viva portanto o Baptista.

FRANCISCO DE ALMEIDA

(Continuação da Primeira Página)

27 do livro. E os bispos? Não se defenderam, que eu saiba, nem puniram. Ai Deus, que permitem talas frades! Corram-nos, não são religiosos a não ser na farda, se

é que a usam.

Para eles e outros, está visto, a Igreja não é obra divina. E o padre Miguel de Oliveira na sua História Eclesiástica, é tão diferente de um professor de Lovaina, ao referir-se à fundação da Igreja, a divina! Una por natureza, mas espartilhada pelas sci-
tas; santa como o Baptista, mas sequer honesto; católica por origem do Fundador—mas com tantos a opor-se a que ela vá até ao fim do Mundo; apostólica, mas que os tais dominicanos pensam que começou com S. Domingos, há 700 anos e só



Alvos e Baixos no Minho

(Continuação da 1.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

sugestiva — e é pena que os católicos não tenham catecismo tão sugestivo. Há que publicá-lo, nem é difícil. Mas falta aos protestantes aquilo a que se chama Ciência Filosófica. Se soubessessem Filosofia, não casam em tanques.

parates. É que torcem a Bíblia, fazendo-a dizer como querem que ela diga. E isso é anti-científico. Logo: razão tem os bispos em exigir que qualquer sacerdote faça um curso de Filosofia. Claro que nem todos vão sair filósofos, mas facilita a penetração cor-
bam que o homem, por ser homem, precisa de estudos filosóficos para poder penetrar nas causas de tudo quanto há na terra, nomeadamente, isto: Quem sou eu? Porque hei-de fazer assim e não assado? Pode sequer não haver castigo

recta do Sentido, do que quer dizer aquilo que Deus disse. E que, como nos acontece a nós, o por mós declarado, pode ser entendido de formas diversas. E por isso que o legislador é um, a lei é uma, e todavia uns a entendem assim e outros, de forma diversa.

Logo: é mais fácil ouvir o Papa Filosofia Moral.

e seguir nossos pais que foram obedi-
entes ao ensino de Roma. Como
diz a Monografia da Poussá :— Ir-
mãos, O Credo não erra

OUTROS TEMAS

Os Shalom. Soube que de S. Martinho de Galegos veio aquia a Oeiras uma excursão para assistir à ordenação de um padre do Grupo Shalom; padre que é natural de Ferreiros. O Jornal, A Capital, de 10/2, informava que o grupo está em Portugal desde 1957 — há 20 anos. Vi a casa que lhes ofereceram, uma bela vivenda com seu quintal, em Oeiras. Nada têm com os Jeovás, dedicam-se

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Actos e baixos no Minho

não ser só isso a explicação para os resultados obtidos.

— 2 —

Alemanha (decreto, a Federal, não o diz), em 55 línguas e 15 milhões de exemplares. Informa marido, o papel da mulher— e são anti-feministas. Mandam que (e dá a foto) que a seita dos Jeovás tem a sede em Nova Iorque o marido e mulher sejam fiéis um ao outro, etc.. Erros: — 1) que o (América) e é dirigida por um conselho de gente idosa recrutas. Ensinam qual seja o papel do homem, que a chefe em diversas terras do Mundo. bo, que descreve; — 2) que a chefe em 200 regiões, sendo os pregadores, conseguem diferentes.

dores, já em 1981, nada menos 3) que o Espírito Santo é apenas de 2 milhões e 300 mil (2,3 milhões), para 43 mil congregações —4) que nós não temos alma nenhuma e, com a morte, tudo acaba. **Douee 28/2/87**

Em Lisboa, conheço a cave ba;—5) que Deus tem um corpo, onde um grupo de Jeovás se reune. embora espiritual;—6) que só os Jeovás são a Religião aprovada por Deus;—7) que a contagem decrescente, para este Mundo dano estoiro, começou em 1914 e por arrastam católicos para eles, mas arrastam.

Há quem diga que a seita paga isso o fim está próximo;—8) que bem às chefias locais, mas pode só alguns dos falecidos hão-de

ressuscitar, etc.

Jeo-
-Eu-
-Des-
-Eres-
-s, em
-parte-
-tem-
-s, em
-os e
-para
-tir a
-rovas
-soma
-eus e
-m.
Moral, noto que a exposição de
Comparando com uma li-
losofia.

(Continua na 4ª página)

1. Era o que ia de um espaço medido em metros quadrados, que era o que se usava para medir a área de um terreno.

base de methanotrophes qui dégradent les hydrocarbures et produisent des méthanes. Ces derniers sont utilisés pour la production de méthanol et d'acétylène.

juizze volu mais er jesa iestri facili m no um s, em E o L por l

CO OS entree, fazz de mada que u mada lma lma gina lma mada tollaha am a um a

卷之三

Valores da nossa Terra

V. Terra 30/6/87

1 - Acabo de receber «O Vilaverdense» datado de 15 de Março(1). Já hoje são 24. Uma coisa que leio sempre é o Amaro Pereira, que, digo-o já: é um valor desta terra de Vila Verde onde parece que está plantado. Noutro dia acusou aqueles homicidas, involuntários, da morte daquela mulher idosa, quase sem eira nem beira. Dia de frio e chuva e não lhe deram abrigo, que o pedia. Sejam ao menos sancionados nesta folha: aquilo, tratá-la daquela forma, não se faz a um pobre. Menos ainda a um velho. Menos ainda a uma mulher. Omitiram a feitura de um dever - o de ajudar, de a abrigar. Eticamente são culpados na causa, quiseram a causa da morte, que foi a falta de abrigo. Isento-os de culpa? Ai, isso, não? Da pena? Também não. Têm de responder perante os pobres de Portugal. Em resumo: os que tal fizeram não se mostraram leigos à altura. Não os louvo, não.

Vilaverdense 30/6/87
De modo que merece destacado louvor o Amaro Pereira porque podia muito bem ficar em casa, como tantos, mas cumpre: sai e dá notícias. Para que o mal não pareça ser o bem e ao Mal chame pelo nome que merece - o Mal é mal. Amaro é assim, também ele, um Valor da nossa Terra. Parabéns pelo que tem escrito.

2 - Anda aí um reboliço por causa do Congresso dos leigos. E vi agora que, em Cabanelas, um dos senho-

30/6/87

res bispos auxiliares (já em 1700 Braga tinha bispo auxiliar de longe em longe, mas agora são dois) se referiu a isso dos leigos. Curioso que há aí a Revista dos frades de Montariol e outros, chamada Paz e Alegria - não sei se já a viram - a qual, no número de Jan/Fevereiro fala de um leigo especialíssimo que foi o poeta português Ruy Cinatti. Pelo nome, vê-se

que o Padre Avelino o não saiba senão racha-me por andar aqui a badalar a sua

logo que descende de pais italianos.

Pois bem: o tema que traz sobre leigos é este: - Os leigos à procura de nome, artigo dum padre frei Leonel.

Conta ele que os bispos de França reuniram no Santuário de Lourdes para decidirem o que é afinal um leigo. E não conseguiram chegar a acordo. Comparado isto com o programa apontado em Cabanelas, vem-me à ideia um livro famoso aparecido há alguns anos e é este: Igreja sem padres ou Padres para quê?

Claro que, teoricamente, é possível Vila Verde ser e manter-se cristã e católica sem um único padre. Porquê? Porque para o ser, basta o Baptismo e este, qualquer, sem ordens, o pode administrar. De resto, os católicos da Rússia andaram dezenas de anos sem ter um só padre. Na China, são hoje 3 milhões de católicos a quem o

governo dá os padres que eles não querem, mas prende-

lhes os padres fiéis ao Papa, e que os católicos queriam ter. Lá, os leigos baptizam-se uns aos outros. E tem de ser em segredo, senão... 30/6/87

E diz o frei Leonel: lá em Lourdes, ficou claro o que um leigo não é, mas ficou sem se saber o que um leigo é. Em resumo: a ideia agora é que fique clara esta coisa: a Igreja, povo de Deus, não é das elites, dos graúdos, dos padres, e sim de todo quanto for baptizado. O cuidado por que tudo corra bem, neste povo de Deus, é de toda a gente que não só dos padres e freiras, padres e bispo. E eu acho que isto não é novidade nenhuma; novo é só a acentuação que neste programa se põe. Porque é claro que o fraude se faz fraude para mais de perto cuidar dos assuntos de Deus. Logo: tem de haver sempre quem vá à frente deste povo das nossas

modéstia. Mas ele merece-o. É bom imitar-lhe a laboriosidade de que deu provas. Uma nota mais: lá no Arqui-

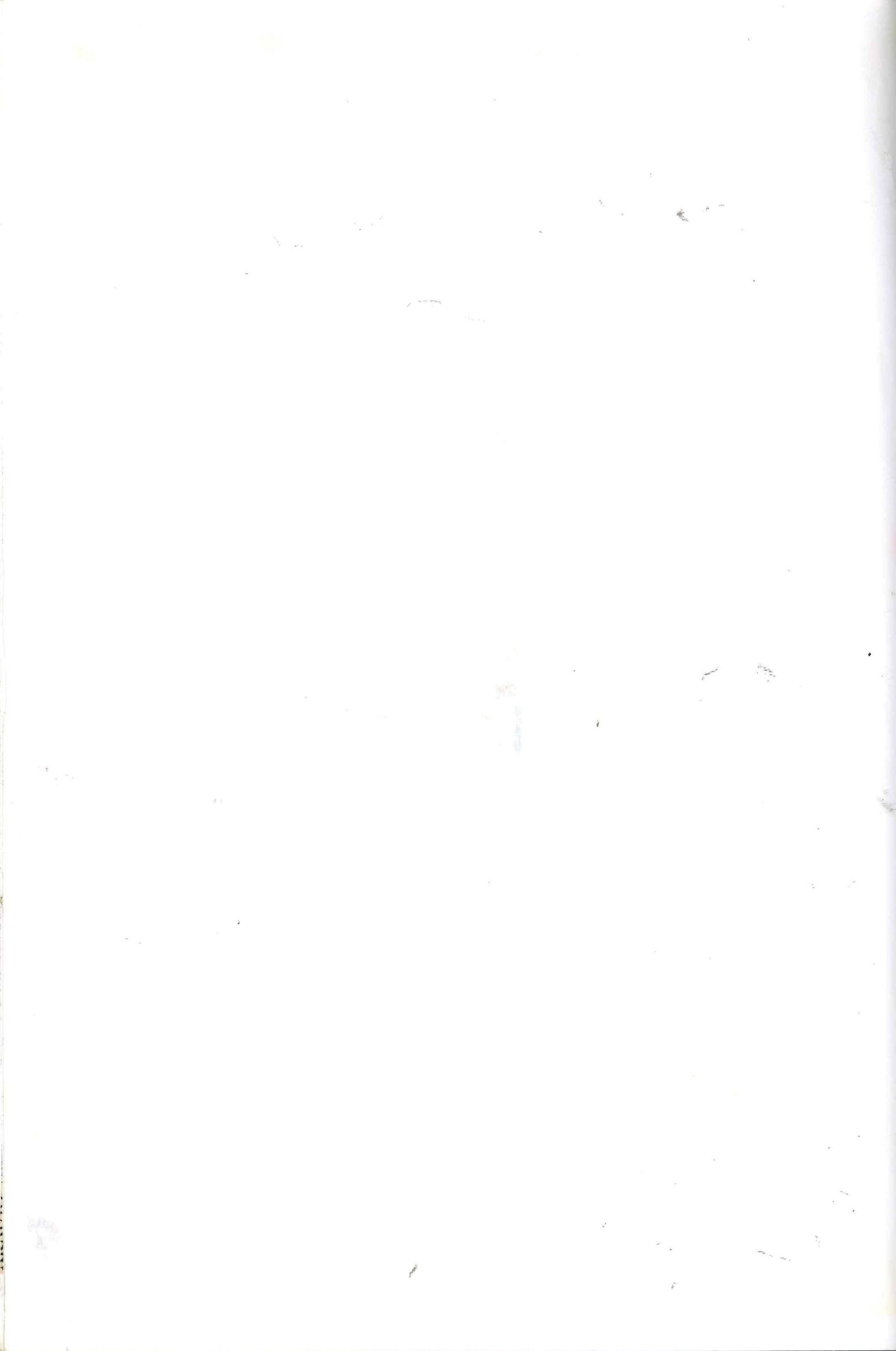
terrás. Em terras como Moçambique até há laicos tão devotados que são quase párocos, onde o padre nem pode pôr os pés. Na revista que disse, impressionou-me ver que já nos anos 380, o grego S. João Crisóstomo, arcebispo, se referia ao problema dos leigos. O inglês dizia: - pois, pois, sem leigos é que nunca nascem padres, nem frades, nem freiras - os motores desta coisa de cristandade! E eu digo que o inglês fala com muito juízo.

Vivam os leigos!

3 - Mas o Valor, homem, de que vinha falar-vos, não é leigo mas sim o O Vilaverdense Padre Manuel Avelino Ferreira. Por que falo dele? Por ser um valor Vilaverdense. E-o Porquê? Por se ter abalancado a escrever uma grande obra sobre um Monumento da minha Terra, seja: A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço (em Barcelos). Acerca de si próprio, digno fim de livro, Pe. Avelino que nasceu em 1915 em Portela de Penela, Vila Verde, foi em 27 para o Seminário, em 33 para Espanha, ordenou-se em 41 em Astorga, veio para professor em Gaia, escreveu livros, fixou-se em 45 em Évora, passou em 49 a Pároco em Famalicão, saltou em 59 para a cidade de Barcelos e actualmente está quietinho em casa segundo carta dele que hoje me chegou. Desejo-lhe as melhorias. É verdade que o não vejo a servir em Vila Verde. Barcelos tem de vo-lo agradecer porque sem o Padre Avelino lá, não tinhemos nem livro nem Roteiros sobre a grandiosa Igreja do Terço, que só foi de 1987 por um convento das religiosas

Conclusão: quis dar-vos notícia do livro do Autor, que ambos vossos são, valores da vossa Terra. E

vo do Abade de Galegos (Barcelos) há um documento referente à longínqua e pouco falada Portela de Penela: a filha de um major que lá vivia veio casar a Galegos, isto 1834.



EM TORNO DO ROTEIRO DA IGREJA DO TERÇO

56

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

492

492

A V. N.º - 15/8/87

I — Qualquer de nós, se lhe caiu uma moeda, dá em andar ali espe-
cado no chão, cego para tudo, menos para a moeda. Suponham que a
moeda é uma libra em ouro, que ainda hoje as pessoas gostam de ter!

O Roteiro mostra-nos a Igreja do Terço como uma jóia desconhe-
cida dos barcelenses. E quem já deu uma volta e foi visitar o ex-mos-
teiro de Vilar? Quem viu já a enorme bocarra do sino grande do
mosteiro de Tibães? Bem sei que a nossa gente não tem nem dinheiro
nem tempo para ir ver pinturas nem quem lhe revele os segredos da
Escultura ou explique que significa isto e aquilo nos raros Azulejos
murais que em Barcelos (concelho e Terço) existem.

II — Ora lembrei-me de ir ver os meus cadernos. Encontrei um,
rabiscado em 78 quando fui ao Norte num serviço. Contém elemen-
tos da Época da Igreja do Terço ou seja: Dos anos de 1720 a 1830,
uns 100 anos. Isto porque o Sr. Padre Avelino há-de encontrar refe-
rências da do Terço pelas freguesias. Vejam que o livro é de Galegos
e o meu caderno reza assim:

S. M.

Livro de Irmãos — séc. XVIII

v. 15/8/1831

«folhas 1 — falta; 2 — Index das freguesias (Galegos, S. Mar- v. 15/8/1831
tinho, Manh., S. V.º, Roriz, Areias, Lama, Oliveira, Arcoz., Ucha),
Remidos. — 2, verso — casa da residência = O Rev.º Ab. Bento de
Sousa de Azevedo, mãe, nota: falecida; Dona Anna de Sousa hoje
no convento das Freiras de Barcelos. Mel de Sousa, sobrinho do Rev.
Abade (nota. fls. 3, fls. 86); Margarida Maria, criada, natural de St.ª
Marinha de Paradela; José — criado (S. Veríssimo), F. da Costa —
Criado — Rebalde, Roriz e hoje em Lijó.

(Continua na página 4)

(Continuação da página 1)

Fls. 3 — Apolinário...; Mel de Sousa — faleceu no Brasil; 3, v.º;
Bárbara Maciel (veja a m/ Galegos); fls. 4: Francisco Valada — entrou
nesta Confraria de N. Senhora do Rosário por... fls. 5 — Souto de
Oleiros — Supriana. 5.º — Portela — André de Macedo (veja m/
Galegos/e mr. Custódia Frâncisca — o Rev.º Padre Francisco de
Macedo (ver m/ Galegos).

Ano de 1757

A V. N.º 15/8/87

Fls. 6 — O Rev.º P.º Bento José de Macedo (v. m/ Gal.). 1764 —
outra letra e outra tinta — Brízida.

7, v.º — 1774 — Casal do Monte. E Escudeiro e Violanta (mulher),
Dom. da Costa Carmona... 9, v.º: Isabel Domingues, moleira, sol-
teira, os filhos, Franc.ª de Almeida, V.ª, 10, v.º: Mel Ginzo (ver
20, v.º); 1783 — Quirás... José de Almeida (ver 9, v.º); 11, v.º —
M.ª Maciel, solt.ª; fl. 72 — 1771 — O Rev.º do Padre F.º de Sousa Vieira
(v. fls. 90 e 31, v.º deste); 13, v.º — Trás a Fonte — Abadinho; 14, v.º:
o Regalo; Gabieira (de S. Veríssimo?), obút. fls 16: João Macedo,
sob.º do Rev. Abade; 16, v.º: José de Sá, moço do Rev. P.º Francisco,
é de S. André de Palme — remido (ver fls. 90).

1795 — fls. 17: Teles, enjeitado; f. 19 — moleiro — Vila Boa;
1792 — Vilar das Almas. 1802 — fs. 20: Mel Lopes da Pena, Rita,
Falcom; 1819 — fls. 22 a 34, em branco — fls. 50 — S. Martinho —
Tilheira (Padre Baltasar — letra). 51, v.º — Vilar — Macedo, tutor —
fls. 52 — José Luís Correia, Ana Joaquina; 54 ... Manhente — P.º
João da Silva Coelho; 54, v.º — Moutta (lugar) — Vau, Félix (Roma);
55 — Barco; 61 — S. Veríssimo... f. 65 — Giam (Roriz) 1803; Lamá;
71: José C. de Sousa Azevedo (Gondomar?); 79, v.º: Ucha: Angélica
Maria, Areias (Quintam); 82: Vilar (S. João) — 1806; fls. 86: Remi-
dos: de Galegos, residência; 86, v.º: D. Mariana (convento de Vayram);
P.º Bento, P.º Lopes da Pena; 87 — Roriz — P.º Coelho; 89, v.º:
Xavier — S. Mart.º (Reverendo); 90 — Palme (v. 16); 92: Óbitos:
1761 — Anna Correia (v. 94, v.º); Sousa (Brasil); 92, v.º — Amares;
94 — C.º Luís Alves de Macedo (v. m/ Gal.), Maria Teresa, Isabel,
Man. José; 95: 1816 — Fim».



COISAS DE LONGE E DE PERTO

guardava.
Mas o que impressiona mais não é a vida e antes, a morte que
teve. Bem sei que era justo, recto e bom. Mesmo assim, acarinhou-o
Deus muito.

Galegos —

V. B. Almeida A Vida e Morte de um Homem Bom

4/95

Faleceu há dias em Galegos um homem de quem vou tecer as considerações que seguem. Para os de Galegos não é notícia nenhuma já que ele era de todos conhecido. Apelidos dele: Alves de Macedo. Convém destacá-lo do comum dos mortais como exemplar para todos nós. Dele escreveu carta, datada de 6.XII.87, o ilustre conterrâneo, Padre Francisco Gonçalves, dizendo: Cristo, que o recebeu no seu Reino; assemelha-se à que na Escritura desenhava figura de Abraão; a esperança e optimismo que dele irradiava; (é) daqueles em relação aos quais eu mais tento a rezar do que por ele rezar.

Se assim era, então, digo eu, era um Santo de Deus. Não irei tão longe.

Mas aqui é que eu não percebo os carinhos e caminhos por onde Deus encaminha estas gentes da nossa terra. Porque: cultura literária maior não tinha que o simples saber ler e escrever — e não muito expeditos. Trabalhou afanosamente toda a vida e sendo robusto, veio a cair do que ninguém suspeitaria — o coração.

Atingiu os 87 anos e manteve sempre a alegria e boa disposição que lhe eram naturais. Relatava que não conseguia ser comerciante por lhe parecer impossível sé-lo sem defraudar o próximo e por isso manteve sempre um rural, homem do campo. Com 87 anos, era um homem moderno, porque admirava estes nossos tempos, sobretudo o trator, o automóvel, a televisão e até a maquinaria de agora: o abundância que o povo hoje tem e há 50 anos não tinha. Moralmente exigente, interpelava este é aquele — que isso que fazes, não está bem e argumentos foi coisa que nunca lhe faltou. Sendo um rural, gostava do ceremonial, da etiqueta, do favor, dos respeitos, do não parecer mal, tudo um mundo criado pela lógica natural de que não era dotado e da experiência dos Janeiros, que invocava. Não o vejo era dotado e da experiência dos Janeiros, que invocava. Não o vejo era dotado e da experiência dos Janeiros, que invocava. Não o vejo era dotado e da experiência dos Janeiros, que invocava. Não o vejo Era de passar caminho num ápice, armava um enredo todo. E também como nunca fêndo visto um Dicionário, «enversava» sem nunca lhe faltarem as palavras certas para o verso. Era um pouco de sabedoria prática e de histórias acontecidas, que uma boa memória, que tinha,

26/13

Aqui não vai auréola nenhuma. O que temos é a verificação daquela dito da Idade Média: talis vita, finis ita, quer dizer: com Deus passou a vida dele, recta e honesta; o fim foi como vos disse: quieto e na Paz de Deus.

O exemplo está nisto: que Deus dá a todos uma morte assim. Mas para isso também tendes de merecer-lá e desta forma diz o Evangelho de S. Marcos! — Ouve, ó Israel: 1.º amar a Deus e 2.º amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Ora não é amar o próximo: usar os meios médicos para extorquir dinheiro, marcar mais Ivas do que Ivas há, tratar os pais como se foram estranhos e os filhos como enteados ou como principes, tratar a mulher como sua criada ou falar do marido como se fora o inimigo. E outros muitos desvios, que por ai há — e tem de haver — e a que os Melos e Castros do Erotismo da TV, de 12.XII, não querem baptizem de pecados. Disse Cristo: fujam dos escribas e doutrina deles. E nos diremos: fujam dos litertos ocios que ai doutrinam nos jornais e TV porque ensinam a guerra e a morte e não a paz, da honesta razão. Ensinam uns pecados sofisticados e não a fazer as acções boas que Cristo ensinou. O exemplo a seguir é o do meu homenageado e não o dos maricous (como dizem agora do Garcia Lorca).

Que seja útil e dê alegria quanto aqui exarei. E se for a tempo, Feliz Natal e Bon Ano de 88



COISAS DE LONGE E DE PERTO

813

Há tanto tempo que aqui não escrevo que até não sei como o ilustre Director de A Voz do Minho ainda tem paciência para me remeter cada semana, o seu jornal. Aqui vão os meus respeitosos pelas suas atenções comigo. A verdade é que não tinha tido nem tempo nem vontade nem saíde para escrever em jornais, neste ou em qualquer dos outros em que colaborava. Adiante.

In Voz do Minho. I 24/5/43 (14 pag.)

Vem a propósito saudar o meu ilustre amigo, e nosso conterrâneo, de Santa Eulália de Oliveira, o Padre Dr. Adelio, novo colaborador do Pároco maior de Barcelos. Na Páscoa passei em Galegos, mas não me foi possível contactá-lo. Como todo o barcelense de gema, felicito-o, felicito o Dom Prior, Alberto, e desejo ao P. Adelio o mais fecundo apostolado sacerdotal, a bem deste nosso povo que vive e canta e chora no rincão barcelense.

Viram os leitores quanta dedicação e estima foi há dias tributada aos nossos Capuchinhos, entre os quais o operoso Frici António. Estive na igreja deles (de Santo António) na Quinta-Feira Santa, que me levou uma das preciosas manas que tenho. Pois nem por sombras quero ser o último a dar graças a Deus por Barcelos ter em si os Capuchinhos. Prouvera a Deus e a eles que mais mosteiros se plantassem na nossa região, sendo certo embora que já temos os operosos homens de S. João de Deus e as consagradas, ou a consagrar, Franciscanas Missionárias de Maria (as freirinhas de Arcozelo).

Penso que qualquer dos mosteiros deve abrir mais as portas à população para que os filhos e filhas desta gente os possam e as possam conhecer melhor. Porque, como dizia o antigo: Nemo dilit quod ignorat.

A propósito vos direi que o Autor de um chamado Manual de Ascética e Mística, em França, sustenta que há pelas aldeias diversos «elos» e «elas» aos quais Deus encaminha por especiais caminhos da santidade. Se assim é não sei, mas o certo é que ainda agora, em Galegos, ouvi de uma moça jovem e casada, nada menos do que isto: — eu gosto de estar na Igreja; rezar, falar com o Senhor, peço-lhe coisas e Ele dá-me tudo quanto peço; é muito meu amigo!

Como não acredito que esta mulher me mentisse, pergunto-vos se esta padrinha não anda Deus com ela nas palmas das mãos! Mesmo quando sofre, o sofrer dela é diferente.

Concluo: os Capuchinhos, as Madres de Arcozelo, os de S. João de Deus deviam abrir um curso em que os interessados pudessem na prática, aprender melhores noções de Ascética e Mística.

II

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da 1.ª pág.)

capuchinhos que se acercam ~~às~~ três e um dispara: — queres vir para o nosso Seminário? E logo o rapaz: — Não! A mãe tentou adotar a resposta (como as mulheres são atiladas!) e disse: — Sabem, ele só tem a 3.ª classe. Disseram eles: — Não faz mal, faz a 4.ª connosco. Mas o rapaz não vergou — detestava o hábito dos franciscanos.

Diz-me o sujeito que hoje pensando no episódio, aconselharia o seguinte: não façam como ele que foi demasiado lento, mas imprudente na resposta, ao dizer não. Nem façam os pais como os pais dele que lhe não travaram os impetos. Deviam ter corrigido assim: — não digas que não já porque temos de ver o caso melhor, prós e contras, os conformes. E aos capuchinhos: — nós vamos para casa, pensaremos no caso e dentro de alguns dias havemos de dar uma resposta. Isto se diz aqui porque não é caro depender toda a vida de um homem, ou mulher, de um pequeno nada que nos surgiu atravessado no caminho. Ou, como me dizia outra: — o destino não quis!

In Arcozelo 24/5/43 III

Uma das muitas raras saídas foi para visitar Curvos e as estufas do Delfim Lourenço, que me levou o pai, João. E de caminho, passamos pela Ermida, em Perelhal, a que o João pertence e o Delfim, também. Era uma casa linda e cheia: de familiares e bolos das festas. Ao que disseram, a produção das estufas rumo a Lisboa, para o grande Supermercado, na linha de Sintra, que dá pelo nome de O Continente. Na casa dos Ermidas, a quem apresento o meus pésames pelo familiar que Deus lhes levou, pude ver uma armadura de chaminé que nada fica a dever à do Paço Ducal em Vila Vicosa. E os grandes quartos aparelhados, até de embutidos e salas e corredor fronteiro ao sol e a mesa grande refeições familiares. E na outra ponta, a centena de vacas de leite e os «espreitadores» bezerinhos. E a quinta grande deitada ao lado as águas do Cávado.

Estas nossas gentes têm raízes e tronco e ramos, tudo bem fundado. Pena é que a Junta e a Câmara não possam cuidar de melhorar o caminho da Ermida. E já agora, procurem e digam-me: Ermida, porquê este nome? Vila Cova está uma jovem airosa e Curvos não ficará atrás. Parabéns às laboriosas gentes deste lado.

Memoranda - Praia.

Francisco de Almeida

6/58

Agora esta: o rapaz tinha 9 ou 10 anos e a 3.º classe feita. Ia a sair do Campo da Feira, de Barcelos no meio do pai e da mãe. Vêm de lá disparados 2 jovens (Continua na pág. 4)

NOTAS BREVES

I

No Jornal de Barcelos, de 11 de Novembro, acabo de ler o Apontamento do Dr. V. Pinho sobre publicações de conterrâneos: no caso, do Dr. Miranda Recolhas sobre Alvito (S. Pedro), de 1500 a 1993.

Ainda não possuo esse trabalho do Dr. Miranda, mas é com muito gosto que secundo o Dr. V. Pinho no elogio ao Dr. Miranda. Parabéns.

Sin j. 2 Barcelos, d.

II

25 Nov 93

E já agora dou notícia aos nossos Leitores do seguinte:

O Dr. Ferreira Gomes — de Remelhe — tem, impresso, um grosso volume, de 1992, com o título: Quem Quer... É.

Caberá ao Autor, meu amigo, interpretar esse título. Será: quem desejar obter X ou Y, obtém?

É que às vezes, o sujeito pode querer e não é, não chega lá, por isto ou por aquilo.

Ao contrário: quem não quer não é?

De facto, as coisas valiosas, não vão ter à mão de quem nem a elas se candidatou.

III

Pois bem: o nosso conterrâneo não se decide a colocar o livro à venda. Como dizia o Dr. Pinho: não temos assim tanta gente a escrever.

Conteúdo desta Obra:
Pgs. 17 — Biografia do Autor; 20: Estudos sobre escritores portugueses: o Amadis de Gaula; 43 — Produção de Açúcar em Angola (na depois martirizada Fazenda de Encoge (1961); 83 — Do nosso João Duarte; 84 — Narco-análise (de que um Colaborador falara também em II.XI — como do Maquiavel; 97 — Um complicado problema — Famalicão, Calendário, mãe e filhas (os bens); 119 —

Marechal Carmona; 129 — Outra vez o Açúcar em Angola e isso em contexto mundial; 159 — Turismo em Barcelos; 163 — Nota sobre Alvelos; 169 — Trabalhos para reformar o Código Civil (o de 1867 que resultou no de 1967 — e este já com sérios rombos); 183 — O actual Patriarca de Lisboa em Remelhe (1968); 187 — Demanda contra a Epac; 199 — Demanda e Apelação sobre o tema habitação.

Uma exposição ao Ministro, o Dr. Afonso Costa, a Casa Pia de Lisboa, a auto-estrada Porto-Braga, Uma carta de Chorense, o grande Catedrático de Direito, e Santo — Castro Mendes, o Dr. Pinheiro Torres, o 4.º lugar na Hierarquia do Estado (1.º — Mário Soares), como os políticos queriam ter mão na escolha dos bispos (D. António Barroso), o Dr. Matos Graça, e Auto-Retrato do Autor (p. 281). Ao Catedrático da Fluminense — Brasil, um Emprazamento em Remelhe que o Rei D. João V autorizou (pg. 293) e (foto do manuscrito da Torre do Tombo). O A. anotou: este prazo passou em 1935 para o Casal dos Penedos, Remelhe — pg. 294, nota); outra vez D. António Barroso (pg. 299).

Quanto os do Porto devem ao nosso Ferreira Braga, de Chorense (p. 333), a Matança de 1921, da Rerum Novarum (1891), Poesias e cartas por fotocópia.

Resumo — pena é que o público barcelense não possa adquirir o Quem Quer... É.

IV

Aproveito a oportunidade para saudar o novo D. Prior de Barcelos e desejar o merecido descanso ao agora «jubilado» Monsenhor Alberto.

V

Mais uma, muito breve — Os Rapazes de Galegos, nascidos em 33, costumam reunir-se em festa de vez em quando. Este ano reuniram nos salões das Termas do Eirogo, e lá

9 Barcelos 26 XI 93
n 846
m 300

estavam eles e elas (ao todo, uns 33, mais de 2/3 masculinos). Com familiares seus, eram umas 100 pessoas. A reunião fez-se a pedido de um «francês».

O grupo tem capelão «privativo», que é um dos rapazes de 33, o Padre Zé Salgueiro. Veio de São Tomé onde é secretário episcopal. Vieram outros de Lisboa, do Porto, etc. e foi joi justificada a falta de um ou outro.

Foguetes no ar às 10 — igreja: missa solene a que a nossa benemerita anfitriã do Eirogo quis assistir. Trouxe-se o ex-abade de Galegos, P.º Dr. Abel, a Maria Isabel, por sugestão de um maroto qualquer, apresentou lá um saborosíssimo leitão assado — que teve grandes honras! O Domingos de Georgina deu seu pé de dança: grandes vozes entoaram, famosos Corais, actuaram cantores-trovadores dos lados de Barcelos, actuaram diversos jogos, foguetes à hora das febras com o «chá das 5».

É para comentar: mas que belas raparigas, as de 33! E viram aquele apetitoso e saboroso arroz da Luísa Esteves? E os rojões da Nélinda? E os verdascos qual deles o melhor? Até à Amélia do Rcha (Carpinteiro) se teve oportunidade de ouvir — e saborear — a sua cada vez mais melodiosa voz.

Muita alegria e agradecimentos aos gerentes: Francisco Félix, Quim Anjo, Mário Torres, etc. Agora, venham as contas.

Mas que brevíssima nota, esta!

VI

Fim
Do que aqui vai já tinha feito nota, parcial, ao Barcelense. Mas decerto ela extraviou-se-lhe. Paciência.

Até breve.

LX. 14/XI/93

Francisco de Almeida

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

502

~~Seg. n.º 61 de 1.º fev.~~

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

JORNALISMO CERTO

9 carta a 20. X-46

Acabo de ler os muitos artigos que o Doutor Francisco de Almeida escreveu em diversos jornais. Embora, de facto, eu já tivesse conhecimento de diferentes assuntos tratados por ele, em escritos dados ao público, não sabia de tanta matéria que agora fui encontrar.

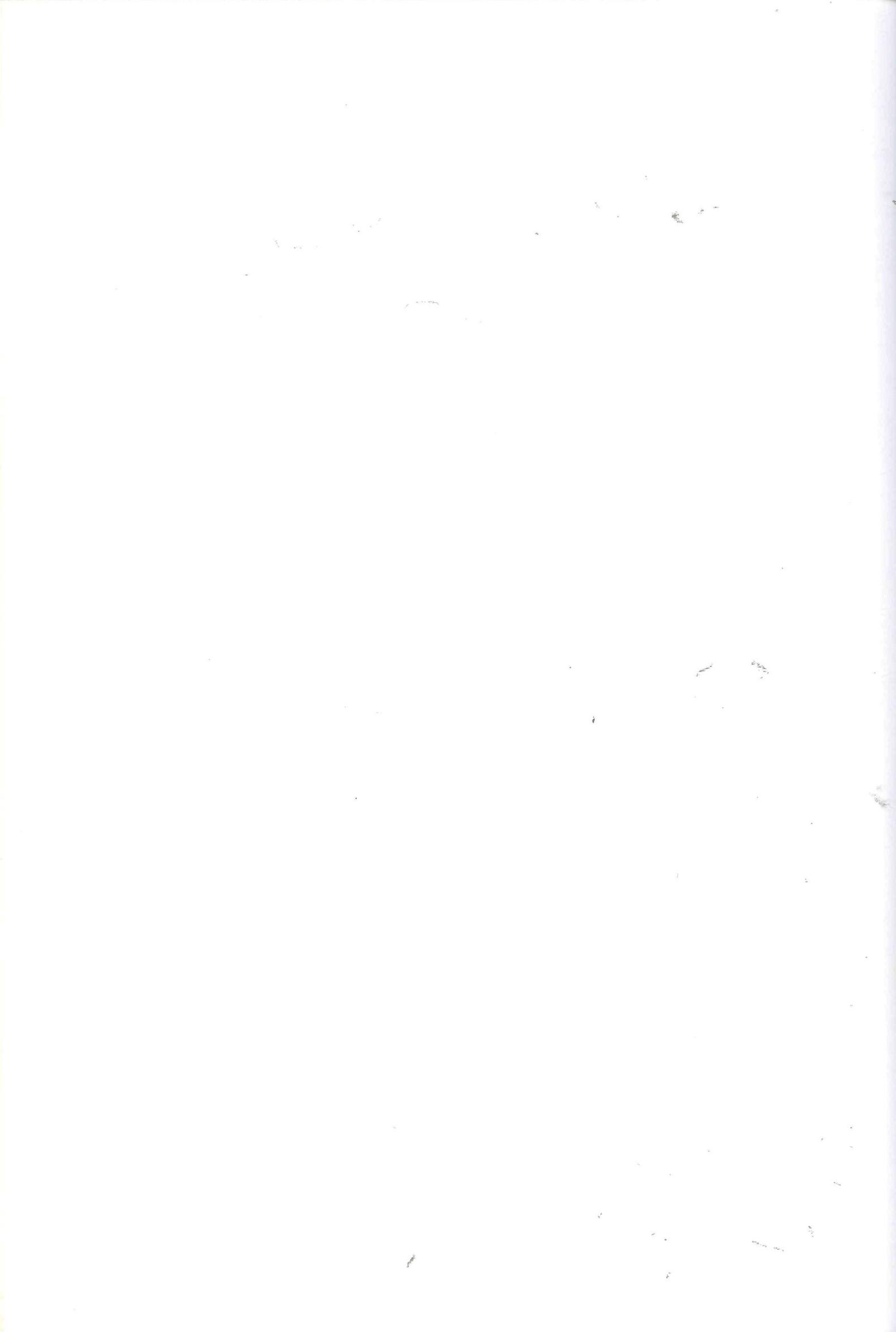
É de surpreender como o Autor explana os mais diversos temas da actualidade, com uma argúcia e competência de todo excepcionais! Só os possuidores de uma vastíssima cultura, não muito vulgar em nossos dias, são capazes de semelhante proeza: estar dentro de todos e quaisquer assuntos, examinando e aclarando cada qual da forma mais correcta; e apresentar coisas às vezes muito singelas, outras vezes já de alto coturno, de elevação relevante, somente comprensível para os de sólida formação. Sem dúvida, Francisco de Almeida nasceu para o jornalismo e faz, na verdade, escola de jornalismo, com a sua maneira original de escrever.

Se "o estilo é o homem", como dizia o célebre Buffon, em pleno século das Luzes, encontramos aqui um estilo muito próprio, muito pessoal, diferente de todos quantos se apresentam na praça pública. O que interessa é expor a doutrina, sem rodeios, de forma simples, *currente calama*, para que nada se perca e todos, se possível, possam entender. Isto é um verdadeiro método de ensinar, com que todos podem aprender e aproveitar, de um sistema por demais complexo, embora à primeira vista não nos pareça.

Admiro ainda, neste jornalismo, a orientação sempre **certa** que todos estes artigos apresentam. Em cada um deles, nunca encontrei nada com que não estivesse plenamente de acordo. Não é que eu seja norma de qualquer coisa mas tão somente quero emitir a minha opinião subjectiva, toda própria. Vejo, então, uma inteligência totalmente sã, uma formação sempre verdadeira, embora muito grande, de quem tem amor ao "povo" e quer transmitir-lhe a sua verdade toda, sem jamais negar as próprias origens, propondo-se destruir nele tudo aquilo que não está correcto e criar o que ainda não foi plantado. Infelizmente, os exemplos não são raros: quantos esquecem depressa o que aprenderam da família, dos educadores, e fazem ou dizem ou escrevem quanto lhes apetece, rodeado de certo sensacionalismo... O jornalismo autêntico não é esse. No verdadeiro jornalismo aparece sempre a verdade; ele é a expressão da verdade.

Bem haja o Doutor Francisco de Almeida pelo muito que escreveu, por tudo quanto escreveu, pelo muito bem que escreveu. Podem os futuros aprender por ele a História da sua Terra, "do seu Galegos", desde os tempos antigos até hoje - e o mais que lhes é imprescindível para a vida.

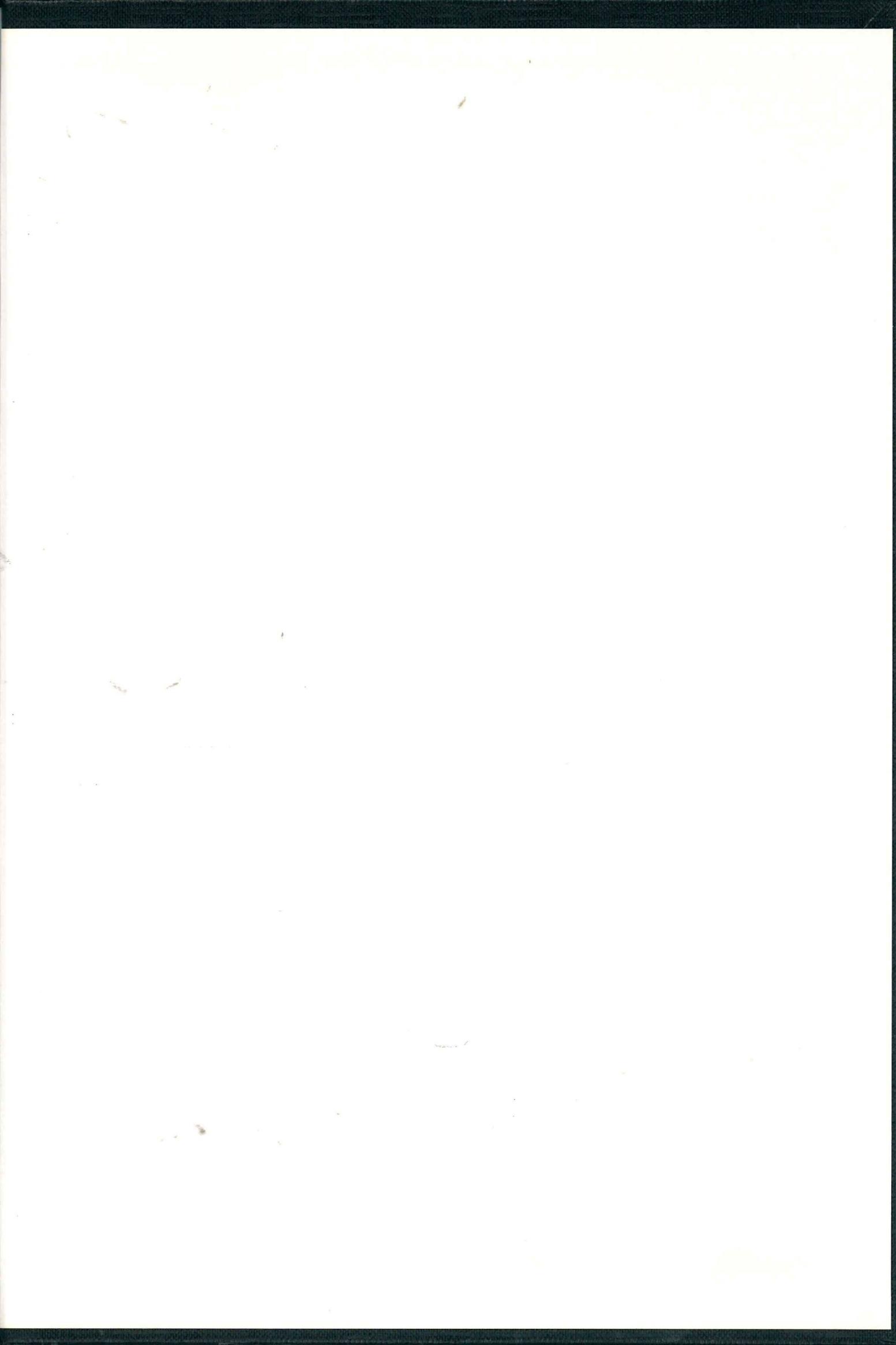
A. Costa











biblioteca
municipal
barcelos



27659

Artigos de jornais regionais